



Créditos

Pesquisa e elaboração - Erick Wolff

Arquivos - Ilé-oba Obokún Àṣe Nàgó

Coletânea de fotos - Rudinei

Editoriais – Luiz L. Marins

O poema Orí Nikán: o culto de Orí como Òrìṣà individual

Quando o àṣe não é axé!

Ìtàn e o Eṣe na culturação da palavra

## Redação



**Erick Wolff**

Editor - Diretor

Diretor Espiritual do Ilê Axé Nàgô'Kôbi



**Dr. Roberto Tamelini Jr.**

Juridico

Iniciado no *Orisáismo* Afro-sul

## Conselho Editorial

Yasmin Pastore Abdalla

Isabella Annicchino

Roberto Tamelini Junior

Rodolfo Presti

## Carta do Editor

Caro internauta

Esta revista foi elaborada, segundo as pesquisas e material publicado pelo autor e alguns colaboradores, é sabido que a cultura Afro-brasileira é muito rica e diversificada em conteúdo, porém pouco organizada a ponto de gerar uma revista de luxo, foi no interesse de apresentar um material adequado a nossa cultura, que surgiu a idéia de produzir algo no segmento que pudesse apresentar um conteúdo adequado, filtrado e elaborado pertinente à nossa cultura.

Esta idéia surgiu no *Àpejo* formado por três iniciados da cultura *Nâgô* (Luiz L. Marins, Roberto Tamellini Junior e Erick Wolff8), indicado para perpetuar o trabalho de cada um para que os membros do templo *Ilé-ṣba Òbokún Àṣe Nâgô*, usufrincem do conhecimento, e demais iniciados de qualquer cultura, pois acreditamos que aqueles que estão iniciando sua jornada na religião afro-brasileira, possam entender e assimilar os ensinamentos e comentários que registramos nesta magazine virtual, e quem sabe melhorando a situação da nossa fé e liturgia, evitando alguns erros inocentes decorridos pelos mais velhos da nossa religião.

Sendo a primeira no gênero eu contei com a ajudar de vários colaboradores que foram ao longo do tempo enviando material para enriquecer o Blog <http://iledeobokum.blogspot.com> que deu origem ao site *Ọlọrun*, que mais tarde ele se transformaria numa magazine virtual.

## **Óbokún**

A divergência entre *Oduduwá* e *Obátálá* não passa de invenção das entidades malévolas. O que é certo e verdadeiro, segundo os mais velhos dos mais velhos, é que, um dia, já bem idoso *Oduduwá* ficou cego. Então, mandou que cada um de seus 16 filhos, e um de cada vez, fosse até o oceano buscar água salgada, conforme lhe fora prescrito como remédio. Cada um que retornava chegava sem sucesso; até que *Óbokún*, o mais novo, finalmente obteve êxito. *Oduduwá* lavou os olhos com água salgada e recuperou a visão.

Entre os filhos de *Oduduwá*, que tinha a pele mais clara que a de seus conterrâneos e por isso era visto como "Branco", estão; *Ocambi*, *Ógún*, *Obameri*, *Euí*, *Essidálê*, *Obalufá*, *Alaimorê*, *Oni* e *Óbokún*, o mais novo. O primogênito foi *Ocambi*, que, por sua vez, teve sete filhos, de ambos os sexos; estes reinaram, respectivamente, em *Ilexá Owu*, *Sabé*, *Popô*, *Ilá*, *Ibinin* e *Queto*.

Quando ficou cego, *Oduduwá* quis indicar *Ógún* como regente de *Ifé*. *Obameri* e *Essidálê* não concordaram com a ideia para evitar a disputa, *Oduduwá* entregou a *Ógún* o governo de *Irê*.

Com o objetivo de desestimular qualquer tipo de divergência, *Oduduwá* dividiu igualmente todo o país e esqueceu-se justamente de *Óbokún*, que estava ausente, pois foi buscar água do mar para curar a cegueira do pai. Exatamente nesse momento, *Oduduwá* tomou conhecimento de que todos os seus outros filhos, exceto *Óbokún* e *Oni*, haviam roubado suas propriedades e suas coroas deixando apenas a que ele usava no dia-a-dia. Assim, quando *Óbokún* voltou com a água que devolveu a visão ao seu pai, foi o primeiro legitimamente contemplado – recebeu a espada cerimonial, símbolo de sua autoridade como *OUA Ilexá*, o rei do país dos *Ijexás*.



*Oduduwa* insistia em ser o verdadeiro dono da terra, uma vez que a criara. Os dois irmãos começaram a brigar. E as divindades que os acompanharam até a terra dividiram-se em dois grupos, cada um tomando um partido deles. Do lado de *Oduduwa*, ficaram *Obokún* (também conhecido por *Ajacá*), *Oraniã*, *Obameri*, *Essidalê*, *Ossãin* (o médico de *Oduduwa*), *Aguemã* e *Obalufã*. Tomaram o partido de *Obátálá* *Orixaquirê*, *Alaxé*, *Tecô* e *Ijubé*. Entre as duas facções ficou *Aranfé*, o senhor do trovão em *Ifé*. Foi no alto do oquê *Orá* (o monte *Orá*), a poucos quilômetros a nordeste de *Ifé*, que *Oduduwa* e seus companheiros tiveram a primeira morada na terra. Dali saíria para dar combate aos seus parentes *Ibos*, liderados por *Obátálá* e *Oreluerê*. Quando *Olórun* soube da disputa, chamou *Obátálá* e *Oduduwa* de volta ao *Orun* para que cada qual contasse sua versão do acontecido e terminassem com aquela disputa.

Depois de ouvir as duas partes, *Olórun* conferiu a *Oduduwa*, criador da terra, o direito de possuí-la e de reinar sobre ela; e ele se tornou o primeiro rei de *Ifé*. A *Obátálá* deu o título especial de orixalá, o grande orixá, e o poder de moldar os corpos humanos; e ele se tornou o criador da humanidade. *Olórun* então o enviou de volta à terra acompanhados de *Oramfé*, para manter a paz entre eles; além de *Ifá*, o senhor do destino; e de *Elexijé*, o senhor da saúde.



Durante uma das muitas guerras em que se empenhou, *Ògún* capturou uma bela mulher chamada *Lacanjê* e a tornou sua concubina.



do livro KITABU de NEI LOPES

## **Bara**

Divindade muito popular na cultura Afrobrasileira, talvez por carregar várias características pertencentes aos homens, *Bara* se apresenta como o *Orisá* mais humano de todos os deuses africanos, o mais marcante, que responde sempre da mesma forma de como é tratado, se ganha o que lhe pertence, encontraremos um *Orisá* prestativo e presente, segurando todas nossas futuras necessidades, caso contrário devemos nos preparar, sem exagero, para alguma coisa desagradável.

O povo *Nâgô'Kôbi* o considera dono das chaves, dos portais, encruzilhadas e caminhos. Deve sempre ter suas saudações, obrigações e cortes, este último quando necessário são feitos em primeiro lugar, assim nós humanos garantimos a segurança do nosso ritual, assim como no ritual é o *Orisá* responsável pela boa abertura dos trabalhos, está para nossos negócios e vida, destrancando caminhos e abrindo portas, ou até trancando e fechando, dependendo de nossos merecimentos e cumprimento de tarefas.

É costume entre a nossa família sentar um *Bara* para cada *Elégùn* iniciado, formando assim o primeiro do seu *Irúnmọlẹ*.

Alguns *Orisás Bara* cultuados nos templos do segmento *Nâgô'Kôbi*:

**Bara Elegbára ou legba** = Senhor da força. Uma divindade Vodoun entre os *Nâgô*, e é visto como o senhor do caos e da destruição.

**Bara Lanã ou Elẹbọ** = Senhor das oferendas e caminhos.

**Bara Abánadá ou Elẹrú** = Senhor do *erú* (carrego) - aquele que leva o carrego.

**Bara Olọbe** = Proprietário e senhor da faca.

**Bara Odara** = aquele que guia (mostra o caminho, vai na frente) que trás boa sorte.

**Bara Ijelú ou Ajelú** = O senhor de *Ijelú*.

**Bara Olóde ou Lóde** = Aquele que fica fora no relento, ou a frente, o *Ojúbọ* muito importante encontrado nos templos *Nâgô'Kôbi* e Batuque Afrosul.

**Bara Adaque** = Aquele que cuida dos caminhos.

**Bara Toki** = Aquele que carrega coisas pequenas, miniaturas, dono dos fetiches.

**Saudação:** *Alúpo* ou *Láálú-po* - Láálú (o famoso da cidade, ou, o rico da cidade) uma saudação feita para Êšù e Šángó, *po* (completamente).

**Dia da Semana:** Segunda-feira - quando descarrega o *Àșe* do *Èkomi* (preparado de água, dende e farinha) e mais algumas seguranças da *Ilé*.

**Número:** 07 e seus múltiplos

**Cor:** Vermelho

**Ilẹkẹ:** Corrente de aço (para o Lóde), 7 vermelho escuro e 1 preta (legba) ou vermelha para qualquer um dos *Bara*.

**Oferenda:** Pipoca (a pipoca pode ser oferecida para quase todas as divindades, simboliza clareza, fartura), milho torrado (saúde e dinheiro), 07 batatas inglesas assadas (representa a esperteza de Êšù, reza um Itan que ele enterrou 7 raízes assadas para enganar ao rei, que mais fez brotar) tudo temperado com *Epo Pupa* (azeite de dendê)

**Ferramentas:** Corrente, chave, foice, tridente, moeda, *Ógo* (um cedro com formato fálico), búzios, entre outros.

**Ave:** Galo Vermelho

**Quatro pé:** Cabrito branco osco ou marrom



**Lenda de Êşù Jelu ( Ijelu ou Ajelu )**

Mandaram Êşù fazer um *Ebo*, com o objetivo de obter fortuna rapidamente e de forma imprevista. Depois de oferecer o sacrifício, Êşù empreendeu viagem rumo a cidade de *Ijelu*.

Lá chegando, foi hospedar-se na casa de um morador qualquer da cidade, contrariando os costumes da época, que determinavam que qualquer estrangeiro recém chegado receberia acolhida no palácio real. Alta madrugada, enquanto todos dormiam, Êşù levantou-se sorrateiramente e ateou fogo as palhas que serviam de telhado à construção em que estava abrigado, depois do que, começou a gritar por socorro, produzindo enorme alarido, o que acordou todos os moradores da localidade.

Êşù gritava e esbravejava, afirmando que o fogo, cuja origem desconhecia, havia consumido uma enorme fortuna, que trouxera embrulhada em seus pertences, que como muitos testemunharam, foram confiados ao dono da casa. Na verdade, ao chegar, Êşù entregou ao seu hospedeiro um grande fardo, dentro do qual, segundo declaração sua, havia um grande tesouro, fato este, que foi testemunhado por numerosas pessoas do local.

Rapidamente, a notícia chegou aos ouvidos do Rei que, segundo a lei do país deveria indenizar a vítima de todo o prejuízo ocasionado pelo sinistro.

Ao tomar conhecimento do grande valor da indenização e ciente de não possuir meios para saldá-la, o rei encontrou, como única solução, entregar seu trono e sua coroa a Êşù, com a condição de poder continuar, com toda sua família, residindo no palácio. Diante da proposta, Êşù aceitou imediatamente, passando a ser deste então o rei de *Ijelu* [é um dos sete distritos do estado do Cordofão do Norte, no Sudão].



## Lendas

### **Êşú vinga-se e exige o privilégio das primeiras homenagens**

*Êşú era o irmão mais novo de Ógún, Odé e outros Òrisha.*

Era tão turbulento criava tanta confusão que um dia o rei já não suportando sua malfazeja índole, resolveu castigá-lo com severidade. Para impedir que fosse aprisionado, os irmãos o aconselharam a deixar o país. Mas enquanto Êşú estava no exílio, os seus irmãos continuavam a receber festa e louvações. Êşú não era mais lembrado, ninguém tinha notícias de seu paradeiro. Então, usando mil disfarces, Êşú visitava seu país, rondando, nos dias de festa, as portas dos velhos santuários.

Mas ninguém o reconhecia assim disfarçado e nenhum alimento lhe era ofertado. Vingou-se ele, semeando sobre o reino toda a sorte de desassossego, desgraça e confusão.

Assim o rei decidiu proibir todas as atividades religiosas, até que descobrissem as causas desses males. Então os *Babalórishás* reuniram-se em comitiva e foram consultar um babalaô que residia nas portas da cidade. O *Babalaô* jogou os búzios e Êşú foi quem falou no jogo. Disse nos *Odù* que tinha sido esquecido por todos. Que exigia receber sacrifícios antes do demais e que fossem para ele os primeiros cânticos cerimoniais. O *Babalaô* jogou os búzios e disse que oferecessem um bode e sete galos a Êşú.

Os *Babalórishás* caçoaram do Babalaô, não deram a menor importância às suas recomendações e ficaram por ali sentados, cantando e rindo dele. Quando quiseram levantar-se para ir embora, estavam grudados nas cadeiras. Sim era mais uma das ofensas de Êşú!

O *Babalaô* então pôs a mão no ombro de cada um e todos puderam levantar-se livremente. Disse a eles que fizessem como fazia ele próprio: que o primeiro sacrifício fosse para acalmar Êşú. Assim convencidos, foi o que fizeram os pais e mães-de-santo, naquele dia e sempre desde então.



### **Êšù atrapalha-se com as palavras**

No começo dos tempos estava tudo em formação, lentamente os modos de vida na Terra forma sendo organizados, mas havia muito a ser feito.

Toda vez que *Òrúnmílá* vinha do *Òrun* para ver as coisas do *Àiyé*, era interrogado pelos *Òrìṣà*, humanos e animais, ainda não fora determinado qual o lugar para cada criatura e *Òrúnmílá* ocupou-se dessa tarefa.

*Êšù* propôs que todos os problemas fossem resolvidos ordenadamente, ele sugeriu a *Òrúnmílá* que a todo *Òrìṣà*, humano e criatura da floresta fosse apresentada uma questão simples para a qual eles deveriam dar resposta direta, a natureza da resposta individual de cada um determinaria seu destino e seu modo de viver, *Òrúnmílá* aceitou a sugestão de *Êšù*.

E assim, de acordo com as respostas que as criaturas davam, elas recebiam um modo de vida de *Òrúnmílá*, uma missão, enquanto isso acontecia, *Êšù*, travesso que era, pensava em como poderia confundir *Òrúnmílá*.

*Òrúnmílá* perguntou a um homem: "Escolhes viver dentro ou fora?". "Dentro", o homem respondeu, e *Òrúnmílá* decretou que doravante todos os humanos viveriam em casas.

De repente, *Òrúnmílá* se dirigiu a *Êšù*: "E tu, *Êšù*? Dentro ou fora?". *Êšù* levou um susto ao ser chamado repentinamente, ocupado que estava em pensar sobre como passar a perna em *Òrúnmílá*, e rápido respondeu: "Orá! Fora, é claro", mas logo se corrigiu: "Não, pelo contrário, dentro". *Òrúnmílá* entendeu que *Êšù* estava querendo criar confusão, falou, pois que agiria conforme a primeira resposta de *Êšù*, disse: "Doravante vais viver fora e não dentro de casa".

E assim tem sido desde então, *Êšù* vive a céu aberto, na passagem, ou na trilha, ou nos campos, diferentemente das imagens dos outros *Òrìṣàs*, que são mantidas dentro das casas e dos templos, toda vez que os humanos fazem uma imagem de *Êšù* ela é mantida fora.



**Êšù instaura o conflito entre Yemonjá, Oyá e Ôšún.**

Um dia, foram juntas ao mercado Oyá e Ôšún, esposas de Sàngó, e Yemonjá, esposa de Ôgún.

Êšù entrou no mercado conduzindo uma cabra.

Ele viu que tudo estava em paz e decidiu plantar uma discórdia. Aproximou-se de Yemonjá, Oyá e Ôšún e disse que tinha um compromisso importante com Òrúnmílá.

Ele deixaria a cidade e pediu a elas que vendessem sua cabra por vinte búzios. Propôs que ficassem com a metade do lucro obtido.

Yemonjá, Oyá e Ôšún concordaram e Êšù partiu.



A cabra foi vendida por vinte búzios. Yemonjá, Oyá e Ôšún puseram os dez búzios de Êšù a parte e começaram a dividir os dez búzios que lhe cabiam. Yemonjá contou os búzios. Havia três búzios para cada uma delas, mas sobrava um. Não era possível dividir os dez em três partes iguais. Da mesma forma Oyá e Ôšún tentaram e não conseguiram dividir os búzios por igual. Ai as três começaram a discutir sobre quem ficaria com a maior parte.

Yemonjá disse: "É costume que os mais velhos fiquem com a maior porção. Portanto, eu pegarei um búzio a mais".

Ôšún rejeitou a proposta de Yemonjá, afirmando que o costume era que os mais novos ficassem com a maior porção, que por isso lhe cabia.

Piá intercedeu, dizendo que, em caso de contenda semelhante, a maior parte caberia à do meio.

Quando qualquer coisa vem para alguém, deve-se dividi-la com os antepassados. "Lembrai que não deve haver disputa pelos búzios."

*Yemonjá, Oyá e Osun reconheceram que Èsù estava certo. E concordaram em aceitar três búzios cada. Todos os que souberam do ocorrido no mercado de Oyó passaram a ser mais cuidadosos com relação aos antepassados, a eles destinando sempre uma parte importante do que ganham com os frutos do trabalho e com os presentes da fortuna.*



Os Orins entoados nos rituais *Nágó* seguem uma tradição oral e não ágrafa, este procedimento causou um desastre lingüístico muito grande para a Cultura Afrobrasileira. Sem culpados algum, o Yorúbá arcaico do início das estruturas religiosas Brasileira, sofreu com a mistura lingüística da nova terra, os sacerdotes e adeptos não dominavam a nova língua e necessitavam decorar muitas cantigas, na ordem e o mais importante saber seu significado ou no mínimo conceito empregado por aquele Orin. Sem falar na mistura das culturas que mesclou o Yorúbá com o Ewe, duas línguas foneticamente semelhantes, mas com significados diferentes, hoje em dia as nossas rezas são impossíveis de traduzir e ou transcrever tais Orin.

A melhor forma de entender o que falo está no Livro - *Axés do Rio Grande do Sul* de Jorge Verardi, foi registrada a herança fonética.

Conforme segue abaixo:

*Amachere Onibá Exu abanada amachere onibá Exu abanada. [Axés do Rio Grande do Sul, pág 22]*

Talvez esta não seja o registro mais fiel da cultura, porém foi o que vem sendo perpetuado através dos Alagbe desta cultura, mas é uma das versões que foi registrado.

Mias tarde vieram os africanistas como *OmQbátálá* sem eu Livro - *Adúrâ-Orin òrísá* de *Nación Djedje-Nágó*, *Babalòrísá* Oswaldo *OmQbátálá*. Em sua tentativa de resgatar a uma herança fonética transcritas há muitos anos, sem considerar a mistura de outras línguas africanas e até mesmo o português que aos poucos foi agredindo tais Orin.

Veja a obra de *OmQbátálá*, que ainda ousa tentar reescrever e traduzir tais rezas, que nem mesmo os africanos conseguem entender atualmente.

O - A máa s'ère ó niba Èsù abánà dá,  
a máa s'ère ó niba Èsù abánà dá  
(N osotros siempre hacemos una estatua, él es  
reverenciado, Exu encontramos en el camino creando)  
D - A máa s'ère ó niba Èsù abánà dá,  
a máa s'ère ó niba Èsù abánà dá [pág 6]

A minha crítica não é para a tradução, mas para a transcrição fonética. O que se publica como um pretenso ioruba, tenho certeza absoluta que não corresponde à fonética original, e por consequência, a pretensa tradução também não. O erro primeiro está na transcrição, pois foneticamente, o original de 150 anos atrás não corresponde às transcrições que publica-se hoje. Parece que, ou os estudiosos são prepotentes demais e fazem-se de surdos para impor seus pseudoconceitos linguísticos, ou até hoje eles não conseguiram entender o que é uma língua tonal como o ioruba. Faço questão de enfatizar que “a nossa herança fonética é intraduzível”. Tudo o que temos são reinterpretações, nada mais.

Luiz L. Marins

## Ògún

Ògún (em português: Ogum) é, na mitologia Yorubá, o Òrìṣá ferreiro, senhor dos metais. O próprio Ògún forjava suas ferramentas, tanto para a caça, como para a agricultura, e para a guerra. Na África seu culto é restrito aos homens, e existiam templos em *Ondo*, *Ekiti* e *Oyo*. Era o filho mais velho de *Odùduwá*, o fundador de Ifé, identificado no jogo do *Meríndilogun* pelos *Odù EtaOgundá*, *Odí* e *Ogundá*.

Ògún é considerado o primeiro dos Òrìṣá a descer do *Òrun* (o céu), para o *Àiyé* (a Terra), após a criação, visando uma futura vida humana. Em comemoração a tal acontecimento, um de seus vários nomes é *Oniki* ou *Osin Imole*, que significa o "primeiro orixá a vir para a Terra".

Ògún foi provavelmente a primeira divindade cultuada pelos povos yorubá da África Ocidental. Acredita-se que ele tenha *wo ilê sun*, que significa "afundar na terra e não morrer", em um lugar chamado '*Ire-Ekiti*'.

É também chamado por *Ògún*, *Ogoun*, *Gu*, *Ogou*, *Ogun* e *Oggún*. Sua primeira aparição na mitologia foi como um caçador chamado *Tobe Ode*. É considerado o Òrìṣá ferreiro, Senhor dos metais, responsável por forjar suas próprias ferramentas, tanto para a caça como para a agricultura e para a guerra. Na África seu culto é restrito aos homens, existiam templos os estados de *Ondo*, *Ekiti* e *Oyo*.

É filho de *Odùduwá* e *Yembo*, irmão de *Şangô*, *Òṣòṣi*, *Òsun* e *Eleggua*. Ògún é o filho mais velho de *Odùduwá*, o herói civilizador que fundou a cidade de *Ifé*. Quando *Odùduwá* esteve temporariamente cego, Ògún tornou-se seu regente em *Ifé*.

Ògún é um Òrìṣá importantíssimo na África e no Brasil. Sua origem, de acordo com a história, data de eras remotas. Ògún é o último *imolé*.

Os *Igba-Imolé* eram os duzentos deuses da direita que foram destruídos por *Olódúmaré* após terem agido mal. A *Ògún*, o único Igba Imolé que restou, coube conduzir os Irun Imole, os outros quatrocentos deuses da esquerda.

Foi Ògún quem ensinou aos homens como forjar o ferro e o aço. Ele tem um molho de sete instrumentos de ferro: alavanca, machado, pá, enxada, picareta, espada e faca, com as quais ajuda o homem a vencer a natureza.





## O guerreiro

Era um guerreiro que brigava sem cessar contra os reinos vizinhos. Dessas expedições, ele trazia sempre um rico espólio e numerosos escravos. Guerreou contra a cidade de *Ará* e a destruiu. Saqueou e devastou muitos outros estados e apossou-se da cidade de *Irê*, matou o rei, aí instalou seu próprio filho no trono e regressou glorioso, usando ele mesmo o título de *Onliré*, "Rei de *Irê*". Tem semelhança com o vodum *Gu*.

*Ôgún* era o filho predileto de *Odùduwá*; essa preferência devia-se à sua abnegação, pois, quando estava construindo o mundo, esparramando terra com sua espada de cristal para formar os continentes, a mesma partiu-se; mas ele não desanimou e voltou para continuar o trabalho com sua espada de ferro. Essa afinidade fica evidente quando *Odùduwá* vem ao mundo e é amparado e escoltado por *Ôgún* nas festas grandes nos terreiros.

A primeira cidade que *Ôgún* construiu foi *Irê*, deixando seu filho na chefia do governo, em seguida partiu para fundar ou conquistar outras cidades. Muito tempo depois, ele retornou, mas teve a impressão de que ninguém o reconheceu e ficou colérico. Naquele dia, por fatal coincidência, acontecia uma cerimônia onde não era permitido falar, o que teria causado a *Ôgún* a impressão de que o estavam desprezando e decepu a cabeça de todos.

Outra lenda afirma que ele não teria reconhecido a cidade que fundara, tratando a população como inimiga. Enfurecido *Ôgún* foi dizimando a todos. Mais, tarde, quando seu filho pôde falar com ele, então percebeu o erro, mas já era tarde demais. O guerreiro ficou tão arrependido que preferiu morrer. Assim, ele baixou sua espada em direção ao chão e, da mesma maneira que a utilizara para destruir seus inimigos, com um gesto violento abriu um grande buraco no chão e afundou terra adentro. Esta emoção, somada à força do guerreiro, transformou *Ôgún* num *Orisá*. *Ôgún* é o *Orisá* guerreiro da Nação *Nágó*, defensor das leis e da ordem, representa todas as batalhas da vida humana, na luta pelo dia-a-dia, está presente em tudo aquilo em que é preciso lutar para se alcançar a vitória.

Com *Ògún* os homens aprenderam a manufaturar o ferro e o aço, a *Ògún* pertence o "*Obé*" - a faca utilizada para os sacrifícios.



(Descendente de *Ògún*)

Alguns *Orişás Ògún* cultuados nos templo do segmento *Nágó'Kòbì*:

***Ògún Avagã ou Ògún Olóde*** = Ligado ao *Bara* seu assentamento fica do lado de fora do templo, geralmente na frente da casa, é o *Ògún* dos caçadores. Uma divindade solitária.

***Ògún Meje*** = É o mais velho de todos os *Ògún*, geralmente recebe oferendas em campos como lado de fora de cemitérios ou encruzilhadas.

***Ògúnjá*** = é um *Ògún*, como indica seu nome, particularmente combativo.

***Ògún Ajáká*** = É o "*Ògún* guerreiro", o sanguinário.

***Ògún Lebede (Alagbede)*** = É o *Ògún* ferreiro.

***Ògún Oniré ou Onira*** = É o título do filho do *Ògún* que reinou sobre *Iré*, o dono de *Iré*, primeiro filho de *Oḍúduwá*.

***Ògún Adjolaiá*** = *Ògún* que faz juntó com *òşún* e algumas vezes com *Yemonjá*.



**Saudação:** Ogunhê

**Dia da Semana:** Segunda-feira para Ògún Avagá, Quinta-feira para os demais.

**Número:** 07 e seus múltiplos

**Cor:** Azul escuro, podendo acompanhar vermelho ou amarelo dependendo do Ògún, sendo Vermelho x Verde para Avagá.

**Ilêkè:** Vermelho e Verde escuro para Ògún Avagá, azul marinho para os demais, ou azul marinho com vermelho para Ògún Onira, azul marinho com azul claro ou amarelo para Ògún Adjiolaiá.

**Oferenda:** Costela bovina frita acompanhada de farofa de farinha de mandioca, dependendo do Ògún a costela pode ser frita no Epo Pupa, algumas famílias oferecem a feijoada, mas preferimos a carne que representa a caça.

**Ferramentas:** Alicate, espada, faca, bigorna, búzios, moedas, martelo, tenaz, lança, ferradura, entre outros

**Ave:** Galo prateado (penas pretas e brancas)

**Quatro pé:** Cabrito malhado



## Lendas de Ògún

### Ògún cria a forja

Ògún e seus amigos *Alaká* e *Ajero* foram consultar *Ifá*, queriam saber uma forma de se tornarem reis de suas aldeias, após a consulta foram instruídos a fazer *Ebo*, e a Ògún foi pedido um cachorro como oferenda.

Tempos depois, os amigos de Ògún tornaram-se reis de suas aldeias, mas a situação de Ògún permanecia a mesma. Preocupado, Ògún foi novamente consultar *Ifá*, e o adivinho recomendou que refizesse o *Ebo*, ele deveria sacrificar um cão sobre sua cabeça e espalhar o sangue sobre seu corpo, a carne deveria ser cozida e consumida por todo seu *Egbé*, depois, deveria esperar a próxima chuva e procurar um local onde houvesse ocorrido uma erosão, ali devia apanhar da areia negra e fina e colocá-la no fogo para queimar.

Ansioso pelo sucesso, Ògún fez o *Ebo* enquanto isso acontecia, *Èsù*, travesso que era, e para sua surpresa, ao queimar aquela areia, ela se transformou na quente massa que se solidificou em ferro, o ferro era a mais dura substância que ele conhecia, mas era maleável enquanto estava quente. Ògún passou a modelar a massa quente, Ògún forjou primeiro uma tenaz, um alicate para retirar o ferro quente do fogo, e assim era mais fácil manejar a pasta incandescente.

Ògún então forjou uma faca e um facão, satisfeito, Ògún passou a produzir toda espécie de objetos de ferro, assim como passou a ensinar seu manuseio, veio fartura e abundância para todos.

Dali em diante Ògún *Alagbedé*, o ferreiro, mudou, muito prosperou e passou a ser saudado como Aquele que Transforma a Terra em Dinheiro.

### **Ògún dá aos homens o segredo do ferro**

Na Terra criada por *Obátálá*, em *Ifé*, os *Òrìṣà* e os seres humanos trabalhavam e viviam em igualdade. Todos caçavam e plantavam usando frágeis instrumentos feitos de madeira, pedra ou metal mole, por isso o trabalho exigia grande esforço.

Com o aumento da população de *Ifé*, a comida andava escassa, era necessário plantar uma área maior. Os *Òrìṣà* então se reuniram para decidir como fariam para remover as árvores do terreno e aumentar a área da lavoura.

*Òsányin*, o *Òrìṣà* da medicina, dispôs-se a ir primeiro e limpar o terreno, mas seu facão era de metal mole e ele não foi bem sucedido. Do mesmo modo que *Òsányin*, todos os outros *Òrìṣà* tentaram um por um e fracassaram na tarefa de limpar o terreno para o plantio.

*Ògún*, que conhecia o segredo do ferro, não tinha dito nada até então, quando todos os outros *Òrìṣà* tinham fracassado, *Ògún* pegou seu facão, de ferro, foi até a mata e limpou o terreno. Os *Òrìṣà*, admirados, perguntaram a *Ògún* de que material era feito tão resistente facão, *Ògún* respondeu que era de ferro, um segredo recebido de *Òrúnmílá*.

Os *Òrìṣà* invejavam *Ògún* pelos benefícios que o ferro trazia, não só à agricultura, mas como à caça e até mesmo à guerra. Por muito tempo os *Òrìṣà* importunaram *Ògún* para saber do segredo do ferro, mas ele mantinha o segredo só para si.

Os *Òrìṣà* decidiram então oferecer-lhe o reinado em troca de que ele lhes ensinasse tudo sobre aquele metal tão resistente, *Ògún* aceitou a proposta. Os humanos também vieram a *Ògún* pedir-lhe o conhecimento do ferro, e *Ògún* lhes deu o conhecimento da forja, até o dia em que todo caçador e todo guerreiro tiveram suas lanças de ferro.

Mas, apesar de *Ògún* ter aceitado o comando dos *Òrìṣà*, antes de mais nada ele era um caçador, certa ocasião, saiu para caçar e passou muitos dias fora numa difícil temporada, quando voltou da mata, estava sujo e maltrapilho. Os *Òrìṣà* não gostaram de ver seu líder naquele estado, eles o desprezaram e decidiram destitui-lo do reinado.

Ògún se decepcionou com os Òrìṣà, pois, quando precisaram dele para o segredo da forja, eles o fizeram rei e agora dizem que não era digno de governá-los, então Ògún banhou-se, vestiu-se com folhas de palmeira desfiadas, pegou suas armas e partiu, num lugar distante chamado Irê, construiu uma casa embaixo da árvore de *acocô* e lá permaneceu.

Os humanos que receberam de Ògún o segredo do ferro não o esqueceram. Todo mês de dezembro, celebram a festa de *Iudê-Ògún*. Caçadores, guerreiros, ferreiros e muitos outros fazem sacrifícios em memória de Ògún.

Ògún é o senhor do ferro para sempre.

#### **Ògún toma-se o rei de Irê.**

Quando *Oduduwa* reinava em *Ifé*, mandou seu filho Ògún guerrear e conquistar os reinos vizinhos. Ògún destruiu muitas cidades e trouxe para *Ifé* muitos escravos e riquezas, aumentando de maneira fabulosa o império de seu pai. Um dia, Ògún lançou-se contra a cidade de *Irê*, cujo povo o odiava muito. Ògún destruiu tudo, cortou a cabeça do rei de *Irê* e a colocou num saco para dá-la a seu pai. Alguns conselheiros de *Oduduwa* souberam do presente que Ògún trazia para o rei seu pai. Os conselheiros disseram a *Oduduwa* que Ògún desejava a morte do próprio pai para usurpar-lhe a coroa. Todos sabem que um rei deve ver a cabeça decapitada de outro rei. Ògún não conhecia esse tabu. *Oduduwa* imediatamente enviou uma delegação para encontrar Ògún fora dos portões da cidade. Após muitas explicações, Ògún concordou em entregara cabeça do rei de *Irê* aos mensageiros de *Oduduwa*. O perigo havia acabado. Ògún fora encontrado antes de chegar ao palácio de seu pai. Como *Oduduwa* queria recompensar o seu filho mais querido, presenteou Ògún com o reino de *Irê* e todos os prisioneiros e riquezas conquistadas naquela guerra.

Assim Ògún tornou-se o *Onirê*, o rei de *Irê*.

Ògún chama a Morte para ajudá-lo numa aposta com Šàngó.

Ògún e Šàngó nunca se reconciliaram. Vez por outra se digladiavam nas mais absurdas querelas. Por pura satisfação do espírito belicoso dos dois. Eram os dois, magníficos guerreiros. Certa vez Ògún propôs a Šàngó uma trégua em suas lutas, pelo menos até que a próxima lua chegasse.

Šàngó fez alguns gracejos, Ògún revidou, mas decidiram-se por uma aposta, continuando assim sua disputa permanente. Ògún propôs que ambos fossem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. Quem juntasse mais, ganharia. E quem perdesse daria ao vencedor o fruto da coleta. Puseram-se de acordo.

Ògún deixou Šàngó e seguiu para a casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse a Iku que fosse à praia no horário que tinha combinado com Šàngó. Oyá aquiesceu, mas exigiu uma quantia em ouro como pagamento, que recebeu prontamente. Na manhã seguinte, Ògún e Šàngó apresentaram-se na praia e imediatamente o enfrentamento começou. Cada um ia pegando os búzios que achava. Vez por outra se entreolhavam. Šàngó cantarolava sotaques jocosos contra Ògún. Ògún, calado, continuava a coleta. O que Šàngó não percebeu foi a aproximação de Iku. Ao erguer os olhos, o guerreiro deparou com a morte, que riu de seu espanto. Šàngó soltou o saco da coleta, fugindo amedrontado e escondendo-se de Iku. À noite Ògún procurou Šàngó, mostrando seu espólio. Šàngó, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto de sua coleta.





**Ògún chama a Morte para ajudá-lo numa aposta com Šàngó.**

Ògún e Šàngó nunca se reconciliaram. Vez por outra se digladiavam nas mais absurdas querelas. Por pura satisfação do espírito belicoso dos dois. Eram os dois, magníficos guerreiros. Certa vez Ògún propôs a Šàngó uma trégua em suas lutas, pelo menos até que a próxima lua chegasse.

Šàngó fez alguns gracejos. Ògún revidou, mas decidiram-se por uma aposta, continuando assim sua disputa permanente. Ògún propôs que ambos fossem à praia e recolhessem o maior número de búzios que conseguissem. Quem juntasse mais, ganharia. E quem perdesse daria ao vencedor o fruto da coleta. Puseram-se de acordo.

Ògún deixou Šàngó e seguiu para a casa de Oyá, solicitando-lhe que pedisse a Iku que fosse à praia no horário que tinha combinado com Šàngó. Oyá aquiesceu, mas exigiu uma quantia em ouro como pagamento, que recebeu prontamente. Na manhã seguinte, Ògún e Šàngó apresentaram-se na praia e imediatamente o enfrentamento começou. Cada um ia pegando os búzios que achava. Vez por outra se entreolhavam. Šàngó cantarolava sotaques jocosos contra Ògún. Ògún, calado, continuava a coleta. O que Šàngó não percebeu foi a aproximação de Iku. Ao erguer os olhos, o guerreiro deparou com a morte, que riu de seu espanto. Šàngó soltou o saco da coleta, fugindo amedrontado e escondendo-se de Iku. À noite Ògún procurou Šàngó, mostrando seu espólio. Šàngó, envergonhado, abaixou a cabeça e entregou ao guerreiro o fruto de sua coleta.



### A história de Ògún sorokwé

**Pai José Bispo dos Santos** ou “Bobó de Iansã” veio de Salvador Bahia, se não me engano e se instalou primeiro no rio de Janeiro, dono do *ilé - Ilê Oyá Mesan Orun*.

Mais tarde ele veio para SP, trazendo o *Èsù Xorokwé*, como era de costume sempre dizia que de *osé* no *igbá* de *Èsù sorokwé* do *ògún*, e assim foi que nasceu o *ògún xorokwé*.  
(História contada por tata *Matamoride*, filho de *Kaobakessy*.)

Saiba mais sobre o *Èsù (Òrisà) Xorokwé*

*Xorokwé* foi um guerreiro e feiticero, que devo ter lido em algum *itân* de *ifá*, que dizia quem foi, ele se assemelha a *Èsù*. Que não é *Ògún*, sendo que *Xorokwé* começou a ser cultuado como *Èsù* entre o povo *Jeje Mahi*, o *Èsù* de *Ògún*, pois ele é extremamente esperto, bruto e malvado, ligado a torturas e sem piedade alguma. Difícil de lidar e cuidar, do tipo enquanto *ògún* é guerreiro e luta com honra, o vodun *xorokwé*, não tinha isso, ele passaria por cima de todos e tomaria as medidas conforme quisesse sem levar em consideração trazer escravos, mataria a todos da pior forma possível, do tipo sangue nos olhos.

Para ter idéia da sua personalidade, se não lhe agrada o que lhe foi ofertado ele pune seus filhos com desgraças.

Sua cor é azulão com vermelho.

Por isso pouco mexiam com ele, por falta de maior esclarecimento quem sabe ele pulou do *Jeje Mahi* para a Angola, sendo cultuado como *Òrisà* dentro da Angola e mais tarde no *ketu*. Hoje ele é cultuado na Angola e no *ketu* como uma divindade Meta-meta, quer dizer, uma divindade que se divide em duas, porém a origem dela é outra.



A história de Ògún sorokwé





## **Oya**

Na Mitologia Yorùbá, o nome *Oya* provém do rio de mesmo nome na Nigéria, país que faz parte da Iorubalândia, atualmente chamado de rio *Níger*. No entanto, não se trata de uma divindade das águas, mas da Senhora dos ventos, raios e tempestades, elemento fogo, seu metal é o cobre. Também chamada de *Oya-Yánsán*.

O seu culto está associado à morte e aos ancestrais, por saber lidar com os *Egun*, é ela que os encaminha, manifesta-se nos rituais de *Àjéjé* ou *Axexé* em português.

Foi esposa de *Ògún* e posteriormente uma das três mulheres de *Şàngó*.

*Oya* é aquela que divide com *Şàngó* o *Àşé* de soltar fogo pela boca e o acompanha nas batalhas, tendo alcançado ao seu lado grandes vitórias.

### **Iansã ou Oya**

Aquela que domina os raios, ventos e tempestades, *Oya* é um *Òrişá* feminino, enérgico, sensual e autoritário. Na mitologia dos *Òrişá* *Oya* primeiramente foi casa com *Ògún*, traindo-o mais tarde com *Şàngó*, não abandonando as relações com seu primeiro casamento. Em outra passagem mitológica, *Oya* é presenteada por *Xapaná*, que a concede o poder sobre os *Egun* - espíritos maléficos, tornando-se conhecida também por a Rainha dos *Egun*.

Algumas *Òrişá Oya* cultuados entre os templo do segmento *Nàgó'Kòbí*:

**Oya Timboá:** Ligada aos desapegado, sem rumo, ligada aos que moram na rua, fundamento com o *Bara Lodé*, onde tiver beco, casas abandonadas, lixeiras e andarilhos, ela reina entre os espíritos que **Oya Dirá:** Ligada a *Egun*, muito semelhante a *Oya Gbale* ou *Igbale*, dona da rua e caminho, ligada à terra. (7 marrons e 1 vermelha).

**Iyá-Mesan ou Iansã:** mais velha das Oya, conhecida mesmo como Iansã.

**Oya Onirá:** guerreira e agressiva, companheira de Osùn, dona das estradas, principalmente com nas encruzilhadas, tem quizila com Ógún. (marrom).

**Oya Gbale ou Igbalé:** (aquela que retorna a terra) divide o igbá com 9 Egun - idem a Dirá (7 marrons e 1 vermelha)

**Oya Fúnka:** senhora das tempestades, que espalha ao redor (marrom)

**Oya Lariwo:** como trovão (7 marrom e 1 branca)

**Saudação:** Epaiêio

**Dia da Semana:** Terça-feira

**Número:** 07 e seus múltiplos

**Cor:** Marron escuro ou em alguns casos Vermelho e Branco

**Ileke:** Marrom para qualquer uma delas, ou 07 marrom com 01 vermelho (Timboá), 01 conta vermelha, 07 contas brancas (para Dirá), em alguns casas poderá ver a Oya branca e vermelha 1 x 1.

**Oferenda:** Pipoca, 07 rodela de batata doce frita no azeite doce, Iapeté de batata doce (batata doce amassada com as mãos misturado o azeite de dendê), ákárá ou acarajé, ekuru e abará.

**Ferramentas:** espada, cálice, moedas, búzios, raio, entre outros.

**Ave:** Galinha vermelha arrepiada para Oya Timboá ou carijó, galinha vermelha para as demais ou carijó.

**Quatro pé:** Cabrita Malhada escura

**Oferendas:** *ákàrà ou acarajé, ekuru e abará.*

*Ekuru* é uma comida ritual. A massa é preparada da mesma forma que a massa do acarajé, feijão fradinho sem casca triturado, envolto em folhas de bananeira como o acaçá e cozido no vapor.

*Abará* é um dos pratos da culinária baiana e como o acarajé também faz parte da comida ritual da cultura Afro-brasileira.

O Abará tem a mesma massa que o acarajé: a única diferença é que o abará é cozido, enquanto o acarajé é frito.

O preparo da massa é feito com feijão fradinho, que deve ser quebrado em um moinho em pedaços grandes e colocado de molho na água para soltar a casca. Após retirada toda a casca, passa-se novamente no moinho, desta vez deverá ficar uma massa bem fina. A essa massa acrescentam-se cebola ralada, um pouco de sal, duas colheres de dendê.

Quando for comida de ritual, coloca-se um pouco de pó de camarão, e, quando fizer parte da culinária baiana, colocam-se camarões secos previamente escaldados para tirar o sal, que podem ser moído junto com o feijão, além de alguns inteiros.

Essa massa deve ser envolvida em pequenos pedaços de folha de bananeira, semelhante ao processo usado para fazer o acaçá, e deve ser cozido no vapor em banho-maria. É servido na própria folha.





### Lendas de Oya

Ôgún foi caçar na floresta, como fazia todos os dias. De repente, um búfalo veio em sua direção rápido como um relâmpago; notando algo de diferente no animal, Ôgún tratou de segui-lo. O búfalo parou em cima de um formigueiro, baixou a cabeça e despiu sua pele, transformando-se numa linda mulher. Era Oya, coberta de belos panos coloridos e braceletes de cobre. Oya escondeu a pele e os chifres dentro do formigueiro, partindo em direção ao mercado, sem perceber que Ôgún tinha visto tudo. Assim que ela se foi, Ôgún se apoderou dos pertences de Oya. Depois foi à cidade, e passou a seguir a mulher até que criou coragem e começou a cortejá-la. Mas, ela recusou a corte. Ao anoitecer, ela voltou à floresta, e não encontrou a sua pele, nem os seus chifres. Voltou à cidade e encontrou Ôgún, que lhe disse estar com ele o que procura. Em troca de seu segredo, Oya foi obrigada a se casar com ele; apesar disso, conseguiu estabelecer certas regras de conduta, dentre as quais proibirem-no de comentar o assunto com qualquer pessoa. Chegando a casa, Ôgún explicou a suas outras esposas que Oya iria morar com ele e que em hipótese alguma deveriam insultá-la. Desse casamento nasceu nove crianças, o que despertou ciúmes das outras esposas, que eram estéreis. Uma delas, para vingar-se conseguiu embriagar Ôgún e ele acabou relatando o mistério que envolvia Oya. Depois que Ôgún dormiu, as mulheres foram insultá-la, dizendo que ela era um animal e revelando que suas coisas estavam escondidas no celeiro. Oya encontrou então sua pele e seus chifres. Assumiu a forma de búfalo e partiu para cima de todos, poupando apenas seus filhos. Decidiu voltar para a floresta, mas não permitiu que os filhos a acompanhassem, porque era um lugar perigoso. Deixou com eles seus chifres e orientou-os para, em caso de perigo, bater as duas pontas; com esse sinal ela viria socorrê-los imediatamente. É por esse motivo que os chifres estão presentes nos assentamentos de Oya.

### Oya é dividida em nove partes

Antes de tornar-se esposa de Sàngó, Oya vivia com Ôgún. Ela vivia com o ferreiro e ajudava-o em seu ofício, principalmente manejando o fole para ativar o fogo na forja. Certa vez Ôgún presenteou Oya com uma varinha de ferro, que deveria ser usada num momento de guerra. A varinha tinha o poder de dividir em sete partes os homens e em nove partes as mulheres. Ôgún dividiu esse poder com a mulher.





Na mesma aldeia morava *Şàngó*, ele sempre ia à oficina de *Ógún* apreciar seu trabalho e em várias oportunidades arriscava olhar para sua bela mulher. *Şàngó* impressionava *Oya* por sua majestade e elegância. Um dia os dois fugiram para longe de *Ógún*, que saiu enciumado e furioso em busca dos fugitivos. Quando *Ógún* os encontrou, houve uma luta de gigantes. Depois de lutar com *Şàngó*, *Ógún* aproximou-se de *Oya* e a tocou com sua varinha, e nesse mesmo tempo *Oya* tocou *Ógún* também, foi quando o encanto aconteceu: *Ógún* dividiu-se em sete partes, recebendo o nome de *Ógún Mejé*, e *Oya* foi dividida em nove partes, sendo conhecida como *Oya*, "*Iyámesan*", a mãe transformou-se em nove.

#### ***Oya dá à luz Egungum***

*Oya* não podia ter filhos, procurou o conselho de um *babaláwo*, ele revelou-lhe que somente teria filhos quando fosse possuída por um homem com violência.

Um dia *Şàngó* a possuiu assim e dessa relação *Oya* teve nove filhos, desses filhos, oito nasceram mudos. *Oya* procurou novamente o *babaláwo*, ele recomendou que ela fizesse oferendas.

Tempos depois nasceu um filho que não era mudo, mas tinha uma voz estranha, rouca, profunda, cavernosa. Esse filho foi *Egungum*, o antepassado que fundou cada família. Foi *Egungum*, o ancestral que fundou a cidade.

Hoje, quando *Egungum* volta para dançar entre seus descendentes, usando suas ricas máscaras e roupas coloridas, somente diante de uma mulher ele se curva. Somente diante de *Oya* se curva *Egungum*.



### ***Oya inventa o rito funerário do Aṣeṣe***

Vivia em terras de *keto* um caçador chamado *Odulesé*, era o líder de todos os caçadores, ele tomou por sua filha uma menina nascida em Irá, que por seus modos espertos e ligeiros era conhecida por *Oya*.

*Oya* tornou-se logo a predileta do velho caçador, conquistando um lugar de destaque naquele povo. Mas um dia a morte levou *Odulesé*, deixando *Oya* muito triste.

A jovem pensou numa forma de homenagear o seu pai adotivo, reuniu todos os instrumentos de caça de *Odulesé* e enrolou-os num pano. Também preparou todas as iguarias que ele tanto gostava de saborear. Dançou e cantou por sete dias, espalhando por toda parte, com seu vento, o seu canto, fazendo com que se reunissem no local todos os caçadores da terra.

*Oya* embrenhou-se mata adentro e depositou ao pé de uma árvore sagrada os pertences de *Odulesé*. *Olorun*, que tudo via, emocionou-se com o gesto de *Oya* e deu-lhe o poder de ser a guia dos mortos no caminho do *Ọrun*.

Transformou *Odulesé* em *Ọṛiṣá* e *Oya* na Mãe dos espaços dos espíritos. Desde então todo aquele que morre tem seu espírito levado ao *Ọrun* por *Oya*. Antes, porém, deve ser homenageado por seus entes queridos, numa festa com comidas, canto e danças. Nasceu assim o funerário ritual do *Aṣeṣe*.



#### **Oya recebe o nome de Oya, mãe dos nove filhos**

Oya desejava ter filhos, mas não podia conceber. Oya foi consultar um babaláwo e ele mandou que ela fizesse um *Ebo*.

Ela deveria oferecer um carneiro, um agutá, muitos búzios e muitas roupas coloridas.

Oya fez o sacrifício e teve nove filhos. Quando ela passava, indo em direção ao mercado, o povo dizia:

"Lá vai Oyá". - Lá ia Oya, que quer dizer mãe nove vezes.

E lá ia ela toda orgulhosa ao mercado vender azeite-de-dendê. Oya não podia ter filhos, mas teve nove, depois de sacrificar um carneiro. E em sinal de respeito por seu pedido atendido, Oya a mãe de nove filhos, nunca mais comeu carneiro.

#### **Oya ganha de Obaluayé o reino dos mortos**

Certa vez houve uma festa com todas as divindades presentes. *Omulu*- *Obaluayé* chegou vestindo seu capucho de palha. Ninguém o podia reconhecer sob o disfarce e nenhuma mulher quis dançar com ele. Só Oya, corajosa, atirou-se na dança com o Senhor da Terra.

Tanto girava Oya na sua dança que provocava vento. E o vento de Oya levantou as palhas e descobriu o corpo de *Obaluayé*. Para surpresa geral, era um belo homem.

O povo o aclamou por sua beleza. *Obaluayé* ficou mais do que contente com a festa, ficou grato. E, em recompensa, dividiu com ela o seu reino. Fez de Oya a rainha dos espíritos dos mortos.

Rainha que é Oya *Igbalé*, a condutora dos *Egungun*. Oya então dançou e dançou de alegria. Para mostrar a todos seu poder sobre os mortos, quando ela dançava agora, agitava no ar o *Iruqueré*, o espanta-mosca com que afasta os *Egungun* para o outro mundo.

Rainha Oya *Igbalé*, a condutora dos espíritos. Rainha que foi sempre a grande paixão de *Omulu*.

### **Sàngó**

Sàngó ou Xango, é *Òrìṣà*, de origem *Yorùbá*. Seu mito conta que foi Rei da cidade de *Ọ̀yọ́*.

Pierre Verger dá como resultado de suas pesquisas que: Shango ou Sàngó, como todos os outros *imolè* (*Òrìṣà* e *ebora*), pode ser descrito sob dois aspectos: histórico e divino.

Como personagem histórico, Sàngó teria sido o terceiro *Aláàfin Ọ̀yọ́*, "Rei de Ọ̀yọ́", filho de *Oranian* e *Torosi*, a filha de *Eiempé*, rei dos *tapás*, aquele que havia firmado uma aliança com *Oranian*.

Sàngó, no seu aspecto divino, permanece filho de *Oranian*, divinizado porém, tendo *Yemanjá* como mãe e três divindades como esposas: *Ọ̀yá*, *Òsun* e *Obá*.

Sàngó *Òrìṣà* dos raios, trovões, grandes cargas elétricas e do fogo. É viril e atrevido, violento e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Por esse motivo, a morte pelo raio é considerada infamante. Da mesma forma, uma casa atingida por um raio é uma casa marcada pela cólera de Sàngó.

A característica do *Òrìṣà* do trovão é dada para a divindade *Ayrá* na cidade de *Savé* na região *Mahi*, região situada no *Benin*, antigo *Dahomé*, para *Oramfé* na cidade de *Ifé* na região *Ijexá* e para Xangô na cidade de *Ọ̀yọ́* na região *Yorùbá*, regiões situadas na *Nigéria*.

Sàngó era o rei de *Ọ̀yọ́*, terra de seu pai; já sua mãe era da cidade de *Empé*, no território de *Tapa*. Por isso, ele não era considerado filho legítimo da cidade.







A cada comentário maldoso, *Sángó* cuspiu fogo e soltava faíscas pelo nariz. Andava pelas ruas da cidade com seu *osé*, um machado com duas lâminas, que o tornava cada vez mais forte e astuto. Onde houvesse roubo, o rei era chamado e, com seu olhar certo, encontrava o ladrão onde quer que estivesse. Para continuar reinando, *Sángó* defendia com bravura sua cidade; chegou até destronar o próprio irmão, *Dada*, de uma cidade vizinha para ampliar seu reino. Com o prestígio conquistado, *Sángó* ergueu um palácio com cem colunas de bronze no alto da cidade de *Kossó*, para viver com suas três esposas: *Oya*, amiga e guerreira; *Ọsun*, coquete e faceira; e *Obá*, amorosa e prestativa. Para prosseguir com suas conquistas, *Sángó* pediu ao *babalawó* de *Ọyó* uma fórmula para aumentar seus poderes; este entregou-lhe uma caixinha de bronze, recomendando que só fosse aberta em caso de extrema necessidade de defesa. *Sángó* contou a *Oya* o ocorrido e ambos, não se contendo, abriram a caixa antes do tempo. Imediatamente começou a relampejar e trovejar; raios destruíram o palácio e a cidade, matando toda a população. Não suportando tanta tristeza, *Sángó* afundou terra adentro, tornando-se um *Ọrisha*.

*Sángó* foi o quarto rei lendário de *Ọyó* (Nigéria, África), tornado *Ọrisha* de caráter violento e vingativo, cuja manifestação são os raios e os trovões. Filho de *Oranian*, teve várias esposas sendo as mais conhecidas: *Oya*, *Ọsun* e *Obá*. *Sángó* é viril e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfetores.

Enquanto *Osóssi* é considerado o Rei da nação de *ketu*, *Sángó* é considerado o rei de todo o povo *Yorùbá*. *Ọrisha* do raio e do trovão, dono do fogo, foi um grande rei que unificou todo um povo. Foi ele quem criou o culto de *Egungun*, sendo ele um dos *Ọrishás* que exerce poder sobre os mortos. *Sángó* é a roupa da morte, por este motivo não deve faltar nos *Egbós* de *Iku* e *Egun*, o vermelho que lhe pertence. Ao se manifestar nos *Candomblés*, não deve faltar em sua vestimenta uma espécie de saia, com cores variadas e fortes, que representam as vestes dos *Eguns*.

*Sángó* era forte, valente, destemido e justo. Era temido, e ao mesmo tempo adorado. Comportou-se em algumas vezes como tirano, devido a sua ânsia de poder, chegando até mesmo a destronar seu próprio irmão, para satisfazer seu desejo. Filho de *Yamassé* (*Torosi*) e de *Oraniá*, foi o regente mais poderoso do povo *Yorùbá*.



Ele também tem uma ligação muito forte com as árvores e a natureza, vindo daí os objetos que ele mais aprecia o pilão e a gamela, sendo que o pilão de *Sàngó* deve ter duas bocas, que representa a livre passagem entre os mundos, sendo *Sàngó* um ancestral (*Egungun*). Da natureza, ele conseguiu profundos conhecimentos e poderes de feitiçaria, que somente eram usados quando necessários. Tem também uma forte ligação com *Osumaré*, considerando ele como seu fiel escudeiro.

*Sàngó* é cultuado no Brasil, sob 12 (doze) qualidades. Vale salientar, que muitos seguem cegamente as ditas qualidades de *Sàngó* da Bahia, e não é bem assim por exemplo *Airá* é um outro *Orishá* que não se dá com *Sàngó*. Reza a lenda que *Ayra* era muito próximo de *Sàngó*, e quando *Osalufá*, em visita ao reino de *Sàngó* foi erroneamente confundido com um ladrão e teve suas pernas quebradas e preso, uma vez *Sàngó* percebendo o engano, mandou que o tirassem da prisão e limpassem *Osalufá*, e dessem vestimentas condizentes a grandiosidade de *Osalufá*, porém *Osalufá* estava viajando e teria ainda outros lugares para ir, porem por ser muito velho e agora com as pernas tendo sido quebradas, a locomoção havia sido afetada, fazendo que *Osalufá* andasse curvado e muito vagarosamente. *Sàngó* então mandou que *Ayrá* levasse *Osalufá* nas costas até a próxima cidade. *Ayrá* percebendo ali a sua grande chance, durante o caminho se voltou contra *Sango*, falando a *Osalufá* que *Sàngó* sabia que ele estava preso e acabou por ganhar a confiança de *Osalufá*, que o tomou para si, razão pela qual *Ayrá* usa branco, mas não é um *fum-fum*. *Sàngó* que não suporta traições se irritou com a atitude de *Ayrá* cortando relações e por essa razão eles não são cultuados da mesma forma, apesar de no Brasil *Ayrá* ser feito junto com *Sango*, porque realmente não há problemas desde que suas coisas estejam certas, porem na África *Ayrá* é feito separadamente como um *Orishá*, com suas qualidades e pompas.

### **Sàngó**

O *Orishá* do fogo e do trovão, Senhor da Justiça, considerado um *Orishá* vaidoso, que gosta de festas e comemorações. Sua sensualidade atrai as mulheres de modo geral, na Mitologia dos *Orishás*. *Sàngó* é casado com três mulheres: *Oya*, *Obá* e *Qsún*.



**Alguns Orishás Šàngó cultuados entre os templo do segmento Nàgó'Kòbí**

**Dadá** = Ajacá foi coroado terceiro Alafim de Òyó, recebendo o apelido de *Dadá* (branco com vermelho 1 vermelha x 3 branca)

**Àfonjá** = Àfonjá, o *Bale* (governante) da cidade de Ilorin. Àfonjá era também *Are-Ona-Kaka-n-fo*, quer dizer líder do exército provincial do império. Àfonjá descendia, por parte de mãe, de uma das famílias reais de Òyó. šangó Àfonjá é aquele que está sempre em disputa com Ògún. (branco com vermelho 6 vermelha x 6 branca)

**Agodo** = dos mais antigos e mais velho (branco com vermelho 3 x 3)

**Sogbò** = um Vodoun cultuado entre os povos nagô (branco com vermelho 6 vermelha x 6 branca)

**Aganju** - ele representa tudo que é explosivo, que não tem controle, ele é a personificação dos vulcões. (branco com vermelho 1 x 1)

**Baru** = Šàngó chega ao apogeu do império, cria o culto de *Egungun*, grande expansão, é o senhor absoluto dos raios e do fogo em todas as suas formas. Ele acaba por destruir a capital do Reino com os raios numa crise de cólera, e depois arrependido, se suicida, adentrando na terra da mesma forma que Ògún, daí o nome *Oba Inú* "Rei sepultado". (branco com vermelho 1 vermelha x 6 branca)

**Jacutá** - É o senhor do edun-ará, a pedra de raio. (branco e vermelho 3 x 3)

**Airá** - Para a maioria dos terreiros, esta divindade é um šangó cultuado diferente dos demais, pois sempre usando muito branco, além de ser dividido em mais qualidades que também são relacionadas ao branco e a comida muito parecida com a de *Ošalá*. (guia 6 branco e 3 vermelho)

**Aganju Igbeje** = muito jovem (branco, vermelho, amarelo e marrom)

**Saudação:** *Kawó kabiyešilé* (Venham ver o Rei descer sobre a terra!)

**Dia da Semana:** Terça-feira

**Número:** 06 e seus múltiplos

**Cor:** Vermelho x Branco

**Iléke:** 01 conta vermelha, 01 conta branca, 01 conta vermelha, 3x3 ou 6x6

**Oferenda:** Amalá (Carne de carneiro com mostarda refogada, sobre pirão de farinha e água, colocados em gamela de madeira)

**Ferramentas:** Balança, machado de duas lâminas, livro, pilão, gamela, búzios e moedas, brinquedos para Xangô Agandjù Ibedji

**Ave:** Galo Branco

**Quatro pé:** Carneiro branco

**Sua ferramenta é o Oṣé:** machado de dois gumes.



## **Lendas de *Şàngó***

### ***Şàngó* incendeia sua aldeia acidentalmente**

*Şàngó* governava com rigor a cidade de *Ọyọ* e redondezas. Era chamado de *Jacutá*, o Atirador de Pedra.

*Şàngó* era muito prestigiado em seu reino e em reinos vizinhos, mas desejava algo mais para instilar medo nos corações dos homens.

Para isso convocou os maiores feiticeiros de *Ọyọ* e lhes pediu que inventassem novas fórmulas para aumentar seu poder.

*Şàngó* não ficou satisfeito com o trabalho dos feiticeiros e pediu ajuda a *Êşú*.

*Êşú* aceitou a tarefa, pediu uma oferenda como sacrifício e ordenou que dentro de sete dias *Oya* fosse buscar o preparado.

Quando chegou o dia combinado, lá foi *Oya* à casa de *Êşú*.

Lá chegando, ela saudou *Êşú* e disse que a oferenda estava a caminho.

O preparado estava embrulhado numa folha. *Oya* pegou o pacote e partiu.

No caminho, *Oya* parou para descansar. Não contendo a crescente curiosidade, desembulhou o pacote para ver o que tinha dentro. Não havia nada além de um pó vermelho e ela pôs um pouquinho na boca para experimentar. Não era bom nem ruim; tinha um gosto diferente. *Oya* fechou novamente o pacote e prosseguiu. Chegou a *Ọyọ* e deu o remédio a *Şàngó*, que perguntou: "Que instruções *Êşú* te deu? Como o remédio deve ser usado?" Quando ela começou a falar, saiu fogo de sua boca.

Şàngó entendeu que Oya tinha provado o remédio.

Ficou irado e tentou bater em Oya, mas ela fugiu de casa, com Şàngó a perseguiu-a.

Oya foi para um lugar onde carneiros pastavam.

Escondeu-se entre os carneiros, pensando que Şàngó não a encontraria.

Mas a ira de Şàngó era grande. Ele arremessava suas pedras de raio em todas as direções. Arremessou-as entre os carneiros, matando-os. Oya ficou escondida embaixo dos corpos dos carneiros mortos e assim Şàngó não pôde encontrá-la.

Şàngó voltou pra casa. Muitas pessoas de Òyó estavam reunidas lá e clamavam pedindo que Şàngó perdoasse Oya. A raiva dele abrandou-se. Mandou seus empregados procurar Oya e trazê-la para casa. Mas ele ainda não sabia como usar o preparado.

Quando anoiteceu, ele pegou o pacote de Èşù e foi a um lugar bem alto, de onde podia ver toda a cidade. Colocou um pouco de pó vermelho na língua e, quando expirou o ar dos pulmões, uma enorme labareda jorrou de sua boca, depois outra e mais outra, sem parar.

As chamas se estenderam por sobre toda a cidade, lambendo a casa dos súditos e também as dependências do palácio real.

Um grande incêndio tomou conta de Òyó. Tudo foi consumido pelo fogo até as cinzas.

Òyó foi destruída e teve que ser reconstruída.

Depois que a cidade ressurgiu das cinzas, Şàngó continuou a governá-la.

Em tempos de guerra, ou quando as coisas o desagradam, Şàngó arremessa as pedras de raio.



E o fogo da boca de *Sàngó* queima seus desafetos.

Os carneiros que morreram protegendo *Oya* das pedras de raio de *Sàngó* não foram esquecidos.

Os devotos de *Oya* não comem mais carne de carneiro.

### ***Sàngó* ganha o colar vermelho e branco**

*Sàngó* foi um filho rebelde, saía pelo mundo fazendo o que queria.

Seu pai *Obátálá* era informado de seus atos, recebendo muitas queixas pelas artes do filho.

*Obátálá* justificava os atos de *Sàngó*, alegando que ele não havia sido criado perto dele.

Mas esperava o dia em que *Sàngó* a ele se submeteria.

Uma ocasião, *Sàngó* estava na casa de uma de suas mulheres.

Havia deixado o cavalo amarrado à porta da casa.

*Obátálá* e *Oduduwá* passaram por lá e levaram o cavalo.

*Sàngó* percebeu o roubo e saiu em busca do animal.

Foi informado de que dois velhos que por ali passavam haviam levado o cavalo.

*Sàngó* saiu em seu encalço e na perseguição encontrou *Obátálá*.

Quis enfrentar *Obátálá*, que não se intimidou diante do rapaz, exigindo respeito e submissão.

*Obátálá* ordenou: "Kunlé! Foribalé!".

"Ajoelhe-se! Prostra no chão aos meus pés!"

E *Sàngó*, desarmado, atirou-se ao solo.

*Sàngó* estava dominado por *Obátálá*.

*Sàngó* já tinha consigo seu colar de contas vermelhas e então *Obátálá* desfez o colar de *Sàngó* e alternou as contas encarnadas de *Sàngó* com as contas brancas de seu próprio colar.

*Obátálá* entregou a *Sàngó* o novo colar vermelho e branco.;

Agora todos saberiam que aquele era seu filho.





### ***Şángó cai no fogo e brinca com as brasas***

*Dadá* foi quem criou *Şángó*. *Dadá* tinha pena de *Şángó* porque seu pai, *Obátálá*, tinha ordenado que o matassem.

*Dadá* fazia tudo o que *Şángó* queria. Ela cuidava o tempo todo de *Şángó*, dava-lhe todas as atenções e o advertia para que não brincasse com fogo, não brigasse com os outros, nem montasse cavalo, porque poderia acabar se machucando.

Mas *Şángó*, muito teimoso, fazia o que queria.

Lutava e ganhava sempre, andava a cavalo e jamais caía.

Certa vez, *Şángó* estava brincando na cozinha e caiu dentro do fogão.

*Dadá* ficou muito assustado, mas *Şángó* queria continuar brincando com as brasas, porque ele gostava de ver como elas brilhavam.

E elas não lhe causavam, nenhum dano.

*Şángó* era um menino muito malcriado e, adulto, só fazia o que queria.

*Şángó* não escutava conselho de ninguém.

Culpa de *Dadá*, que mimou demais.

### ***Şángó dá a Obaluaye os cães de Ógún***

*Şángó* era um homem muito popular.

Um dia, na praça, um leproso de nome *Obaluaiyé* o procurou.

"Por que não falas comigo?", perguntou o pestilento.

*Şángó* respondeu-lhe que seu pai *Obátálá* lhe havia dito que naquela terra ele tinha um irmão de sangue e um irmão adotivo.

E era só com eles que deveria conversar.

Disse-lhe *Obaluaiyé* ser ele o seu irmão por doação e que o outro homem ali presente era seu irmão inteiro.

Esse outro era *Ógún*, que andava sempre acompanhado de muitos cães.

*Sàngó* disse a *Obaluaíyé* que aquela terra não lhe pertencia, que seguisse para terras distantes, onde encontraria melhor sorte.

*Obaluaíyé* retrucou da dificuldade em seguir caminho naquelas condições de doença em que se encontrava.

*Sàngó* tomou então dois cães de *Ògún* e os deu a *Obaluaíyé*, para que lhe servissem de guias e guardiões.

Mas *Ògún* não gostou de perder os cães e atacou *Sàngó*.

Iniciou-se um conflito de grande proporções entre os dois.

Desde então, *Sàngó* e *Ògún*, apesar de irmãos, tornaram-se eternos e irreconciliáveis antagonistas.

Desde então chamam *Ògúnde*, *Ògúnjá*, que na língua da terra quer dizer *Ògún* dos cães.

#### ***Sàngó* incendeia sua aldeia acidentalmente**

*Sàngó* governava com rigor a cidade de *Òyó* e redondezas. Era chamado de *Jacutá*, o Atirador de Pedra.

*Sàngó* era muito prestigiado em seu reino e em reinos vizinhos, mas desejava algo mais para instilar medo nos corações dos homens.

Para isso convocou os maiores feiticeiros de *Òyó* e lhes pediu que inventassem novas fórmulas para aumentar seu poder. *Sàngó* não ficou satisfeito com o trabalho dos feiticeiros e pediu ajuda a *Èṣù*.

*Èṣù* aceitou a tarefa, pediu uma oferenda como sacrifício e ordenou que dentro de sete dias *Ọya* fosse buscar o preparado.

Quando chegou o dia combinado, lá foi *Ọya* à casa de *Èṣù*.

Lá chegando, ela saudou *Èṣù* e disse que a oferenda estava a caminho. O preparado estava embrulhado numa folha. *Ọya* pegou o pacote e partiu.



No caminho, *Oya* parou para descansar. Não contendo a crescente curiosidade, desembulhou o pacote para ver o que tinha dentro. Não havia nada além de um pó vermelho e ela pôs um pouquinho na boca para experimentar. Não era bom nem ruim; tinha um gosto diferente. *Oya* fechou novamente o pacote e prosseguiu. Chegou a *Ọyó* e deu o remédio a *Şángó*, que perguntou: "Que instruções *Êşù* te deu? Como o remédio deve ser usado?" Quando ela começou a falar, saiu fogo de sua boca.

*Şángó* entendeu que *Oya* tinha provado o remédio.

Ficou irado e tentou bater em *Oya*, mas ela fugiu de casa, com *Şángó* a persegui-la.

*Oya* foi para um lugar onde carneiros pastavam.

Escondeu-se entre os carneiros, pensando que *Şángó* não a encontraria.

Mas a ira de *Şángó* era grande. Ele arremessava suas pedras de raio em todas as direções. Arremessou-as entre os carneiros, matando-os. *Oya* ficou escondida embaixo dos corpos dos carneiros mortos e assim *Şángó* não pôde encontrá-la.

*Şángó* voltou pra casa. Muitas pessoas de *Ọyó* estavam reunidas lá e clamavam pedindo que *Şángó* perdoasse *Oya*. A raiva dele abrandou-se. Mandou seus empregados procurar *Oya* e trazê-la para casa. Mas ele ainda não sabia como usar o preparado.

Quando anoiteceu, ele pegou o pacote de *Êşù* e foi a um lugar bem alto, de onde podia ver toda a cidade. Colocou um pouco de pó vermelho na língua e, quando expirou o ar dos pulmões, uma enorme labareda jorrou de sua boca, depois outra e mais outra, sem parar.

As chamas se estenderam por sobre toda a cidade, lambendo a casa dos súditos e também as dependências do palácio real.

Um grande incêndio tomou conta de *Ọyó*. Tudo foi consumido pelo fogo até as cinzas.

*Ọyó* foi destruída e teve que ser reconstruída.

Depois que a cidade ressurgiu das cinzas, *Şángó* continuou a governá-la.

Em tempos de guerra, ou quando as coisas o desagradam,

*Şángó* arremessa as pedras de raio.

E o fogo da boca de *Şángó* queima seus desafetos.

Os carneiros que morreram protegendo *Oya* das pedras de raio de *Şángó* não foram esquecidos.

Os devotos de *Oya* não comem mais carne de carneiro.

**Sàngó é condenado por Òṣàálá comer como os escravos**

Airá, aquele que se veste de branco, foi um dia às terras do velho Òṣàálá para levá-lo à festa que faziam em sua cidade. Òṣàálá era velho e lento. Por isso Airá o levava nas costas. Quando se aproximavam do destino, vira a grande pedreira de Sàngó, bem perto de seu grande palácio. Sàngó levou Oṣalufã ao cume, para dali mostrar ao velho amigo todo o seu império e poderio. E foi lá de cima que Sàngó avistou uma belíssima mulher mexendo sua panela. Era Oya! Era o amalá do rei que ela preparava!

Sàngó não resistiu à tamanha tentação. Oya e amalá! Era demais para a sua gulodice, depois de tanto tempo pela estrada. Sàngó perdeu a cabeça e disparou caminho abaixo, largando Oṣalufã em meio às pedras, rolando na poeira, caindo pelas valas. Oṣalufã se enfureceu com tamanho desrespeito e mandou muitos castigos, que atingiram diretamente o povo de Sàngó.

Sàngó, muito arrependido, mandou todo o povo trazer água fresca e panos limpos. Ordenou que banhassem e vestissem Òṣàálá. Oṣalufã aceitou todas as desculpas e apreciou o banquete de caracóis e inhames, que por dias o povo lhe ofereceu. Mas Òṣàálá impôs um castigo eterno a Sàngó. Ele que tanto gosta de fartar-se de boa comida.

Nunca mais pode Sàngó comer em prato de louça ou porcelana. Nunca mais pode Sàngó comer em alguidar de cerâmica. Sàngó só pode comer em gamela de pau, como comem os bichos da casa e o gado e como comem os escravos.



### Uma História de *ŞÁNGÓ* e o QUIABO

Existe uma qualidade de *Şángó*, chamada *Baru*, que não pode comer quiabo. Ele era muito brigão. Só vivia em atrito com os outros. Ele é que era o valente. Quem resolvia tudo era ele. *Şángó Baru* era muito destemido, mas, quando ele comia quiabo, que ele gostava muito, lhe dava muita sonolência. Dormia o tempo todo! E pôr isso perdeu muitas contendas, pois quando ele acordava, já tudo tinha acabado.

Então, resolveu consultar um *Oluô*, que lhe disse:

- Se é assim, deixa de comer quiabo.
- Eu deixar de comer o que eu mais gosto? – respondeu *Şángó Baru*.
- Então, fique por sua conta. Não me incomode mais! Será que a gula vai vencê-lo?
- perguntou o *Oluô*.

*Şángó baru* foi para casa e pensou:

- Eu não vou me deixar vencer pela boca. Vou voltar lá e perguntar a ele o que faço, pois o quiabo é meu prato predileto.

E saiu no caminho da casa do *Oluô*, que já sabia que ele voltaria. Lá chegando, disse:

- Aqui estou. Diz-me o que eu vou comer no lugar do quiabo.
- Aqui neste mocó tem o que você tem que comer. São estas folhas. Você temperando como quiabo, mata sua fome – lhe mostrou o *Oluô*.
- Folha?! – perguntou *Şángó Baru*.
- Sim – respondeu o *Oluô* – Tem duas qualidades, uma se chama *Ôyô* e a outra, *sanã*. São tão boas e gostosas quanto o quiabo.

*Şángó Baru* foi para casa e preparou o refogado, e fez um angu de farinha e comeu. Gostou tanto, e se sentiu tão bem e tão fortalecido, e não teve mais aquele sono profundo. Aliás, ele se sentiu bem mais jovem e com mais força. E não ficou com a sonolência que o quiabo lhe dava. Aí ele disse:

- A partir de hoje, eu não como mais quiabo.
- Daí a sua quizila com o mesmo. "Todo caso é um caso. "Esse caso me foi contado pelas minhas mais velhas; assim, agora quem quiser dar quiabo a *Baru*, que dê!



### ***Şàngó é ressuscitado do mundo dos mortos por Oya***

Şàngó, quando viveu aqui na Terra, era um grande *Oba* (rei), muito temido e respeitado. Gostava de exibir sua bela figura, pois era um homem muito vaidoso. Conquistou, ao longo de sua vida, muitas esposas, que disputavam um lugar em seu coração.

Além disso, adorava mostrar seus poderes de feiticeiro, sempre experimentando sua força.

Em certa ocasião, Şàngó estava no alto de uma montanha, testando seus poderes. Em altos brados, evocava os raios, desafiando essas forças poderosas. Sua voz era o próprio trovão, provocando um barulho ensurdecedor. Ninguém conseguia entender o que Şàngó pretendia com essa atitude, ficando ali por muito tempo, impaciente por não obter resposta. De repente, o céu se iluminou e os raios começaram a aparecer. As pessoas ficaram impressionadas com a beleza daquele fenômeno, mas, ao mesmo tempo, estavam apavoradas, pois nunca tinham visto nada parecido.

Şàngó, orgulhoso de seu extremo poder, ficou extasiado com o acontecimento. Não parava de proferir palavras de ordem, querendo que o espetáculo continuasse. Era realmente algo impressionante! Foi, então, que, do alto de sua vaidade, viu a situação fugir ao seu controle. Tentou voltar atrás, implorando aos céus que os raios, que cortavam a Terra como poderosas lanças, desaparecessem. Mas era impossível - a natureza havia sido desafiada, desencadeando forças incontroláveis!

Şàngó correu para sua aldeia, assustado com a destruição que provocara.

Quando chegou perto do palácio, viu o erro que cometera. A destruição era total e, para piorar a situação, todos os seus descendentes haviam morrido. Ao ver que o rei estava muito perturbado, seu próprio povo tentou consolá-lo com a promessa de reconstruir a cidade, fazendo tudo voltar ao que era antes. Şàngó, sem dar ouvidos a ninguém, foi embora da cidade.

Ele não suportou tanta dor e injustiça, retirando-se para um lugar afastado, para acabar com sua vida. O rei enforcou-se numa gameleira.

Oya, quando soube da morte de seu marido, chorou copiosamente, formando o rio Níger. Ela, que tinha conhecimento do reino dos *Eguns*, foi até lá para trazer seu companheiro da morte, que veio envolto em panos brancos e com o rosto coberto por uma máscara de madeira, pois não podia ser reconhecido por *Ikú*, o Senhor da Morte. Şàngó ressurgue dos mortos, tornando-se um ser encantado.



E foi assim que surgiu uma nova forma, ou divindade, desse *ôriṣà*, a qual chamamos *Airá*. Essa variação da essência de *Şàngó* adotou, além do vermelho, a cor branca.



***Şángó promete carregar Ôôşáálá nas costas para sempre***

Quando Şángó pediu Ôşún em casamento, ela disse que aceitaria com a condição de que ele levasse o pai dela, Ôôşáálá, nas costas para que ele, já muito velho, pudesse assistir ao casamento. Şángó, muito esperto, prometeu que depois do casamento carregaria o pai dela no pescoço pelo resto da vida; e os dois se casaram.

Então, Şángó arranhou uma porção de contas vermelhas e outra de contas brancas, e fez um colar com as duas misturadas. Colocando-o no pescoço, foi dizer a Ôşún: "- Veja, eu já cumpri minha promessa. As contas vermelhas são minhas e as brancas, de seu pai; agora eu o carrego no pescoço para sempre."

***Şángó acaba com o seu reino e se transforma em Ôrisá junto com as suas mulheres***

Şángó vivia em seu reino com suas 3 mulheres ( *Oya, Ôşún e Obá* ), muitos servos, exércitos, gado e riquezas. Certo dia, ele subiu num morro próximo, junto com Oyá; ele queria testar um feitiço que inventara para lançar raios muito fortes.

Quando recitou a fórmula, ouviu-se uma série de estrondos e muitos raios riscaram o céu. Quando tudo se acalmou, Şángó olhou em direção à cidade e viu que seu palácio fora atingido.

Ele e *Oya* correram para lá e viram que não havia sobrado nada nem ninguém. Desesperado, Şángó bateu com os pés no chão e afundou pela terra; *Oya* o imitou. Ôşún e Obá viraram rios e os 4 se tornaram Ôrisá.

### **Šángó é o rei do trovão**

Šángó, queria ser muito poderoso e respeitado e para isto consultou *Ifá*. Na consulta surgiu *Okanran Meji*, que determinou um sacrifício, que iria garantir ao *Órisá*, tudo que desejava.

Feito o *Ebo*, Todas as vezes que *Shangô* abria a boca para falar, sua voz saia possante como um trovão e inúmeras labaredas acompanhavam suas palavras.

Diante do poder de seu marido *Oya* resolveu consultar o Oráculo com a finalidade de se tornar tão poderoso quanto ele. Na consulta surgiu *Okanran Meji*, que lhe determinou o mesmo *Ebo*.

Quando *Šángó* descobriu que sua mulher havia adquirido um poder igual ao seu, ficou furioso e começou a maldizer *Ifá* por haver proporcionado tamanho poder a uma simples mulher.

Humilhada, *Oya* recorreu a *Olórun* para que desse um paradeiro ao impasse. *Olórun* determinou então que a partir daquele dia, a vós de *Šángó* soaria como o trovão e que provocaria incêndios onde ele bem estendesse, mas para que isto pudesse acontecer, seria necessário que *Oya*, falasse primeiro, para que o fogo de suas palavras (os raios) provocasse o surgimento do som das palavras de *Šángó* (o trovão), assim como o fogo que elas produzem sobre a terra (os incêndios provocados pelos raios que se projetam sobre a terra).

E por este motivo até hoje, não se pode ouvir o ribombar do trovão sem que antes, um raio ilumine o céu.

Cronologia:

**Okambi** – 1º alafim de oyó – 1700 a 1600 A.C.

**Oranian** – 2º alafim de oyó – 1600 a 1500 A.C.

**Ajaká** – 3º alafim de oyó – 1500 a 1450 A.C.

**šangô** – 4º alafim de oyó – 1450 a 1403 A.C.

**Ajaká** – 5º alafim de oyó – 1403 a 1370 A.C.



### **Odé e Otin**

Pierre Verger, em seu livro *Ôrişá*, diz que o culto de *Ôşósi* foi praticamente extinto na região de *Ketu*, na *Iorubalândia*, uma vez que a maioria de seus sacerdotes foram escravizados, tendo sido enviados à força para o Novo Mundo ou mortos.

Aqueles que permaneceram em *Ketu* deixaram de cultuá-lo por não se lembrarem mais como realizar os ritos apropriados ou por passarem a cultuar outras divindades.

Durante a diáspora negra, muitos escravos que cultuavam *Ôşósi* não sobreviveram aos rigores do tráfico negreiro e do cativeiro, mas, ainda assim, o culto foi preservado no Brasil e em Cuba pelos sacerdotes sobreviventes e *Ôşósi* se transformou, no Brasil, num dos *Ôrişá* mais populares, tanto no candomblé, onde se tornou o rei da nação *Ketu*, quanto na umbanda, onde é patrono da linha dos caboclos, uma das mais ativas da religião.

Seu habitat é a floresta, sendo simbolizado pela cor verde, na umbanda e recebendo a cor azul clara no candomblé de *ketu*, verde escuro para alguns angolanos e azul escuro com branco para o povo *nagô*. Sendo assim, roupas, guias e contas costumam ser confeccionadas nessas cores, incluindo, entre as guias e contas, no caso de *Ôşósi* e, também, seus caboclos, elementos que recordem a floresta, tais como penas e sementes (Umbanda).

Seus instrumentos de culto são o ofá (arco e flecha), lanças, facas e demais objetos de caça. É um caçador tão habilidoso que costuma ser homenageado com o epíteto "o caçador de uma flecha só", pois atinge o seu alvo no primeiro e único disparo tamanha a precisão. Conta a lenda que um pássaro maligno ameaçava a aldeia e *Ôşósi* era caçador, como outros. Ele só tinha uma flecha para matar o pássaro e não podia errar. Todos os outros já haviam errado o alvo. Ele não errou, e salvou a aldeia. Daí o epíteto "o caçador de uma flecha só".

No Nagô, estes dois Orixás são cultuados juntos. São os protetores das matas e dos animais silvestres e selvagens. Os filhos de *Otin* são quase inexistentes, pois na Mitologia, *Otin* não teve filhos na terra, dando assim as cabeças dos filhos para *Odé*. Com o passar dos tempos já se nota a existência de filhos de *Otin*, caso raro e absurdo para muitos Pais-de-Santo. Não se sacrifica para um sem dar para o outro, os animais são os mesmos, mudando apenas o sexo.

*Otin*, usa capanga e lança. Sempre representada com o jarro de água na cabeça, pois além de ser guerreira também cuida das plantações.

#### ***Alguns Orixás Odé cultuados entre os templo do segmento Nágó'Kòbí***

***Odé wawa*** = Vem da origem dos *Orixás* caçadores. (azulão com branco)

***Odé Walé*** = É velho e usa contas azuis escuro. É considerado como rei na África, pois, seu culto é ligado, diretamente, a pantera. É muito severo, austero, solteiro e não gosta das mulheres, pois, as acha chatas, falam demais, são vaidosas e fracas. (azulão com branco)

***Odé Oseewe ou Ygbo*** = É o senhor da floresta, ligado as folhas e a *òşónyín*, com quem vive nas matas. (azulão com branco)

***Odé Inlé*** = o filho querido de *oşala* e *yemanjá*, o caçador de elefantes. (azulão com branco)

***Ode tókúeran*** = O caçador é quem mata a caça, diz-se da atuação do caçador. (azulão com branco)

#### ***Alguns Orixás Otin cultuados entre os templo do segmento Nágó'Kòbí***

***Otin Malé*** = esposa de *Odé* (lilás com azul claro)

***Otin Bolá*** = outra esposa de *Odé* (lilás com azul claro)



**Saudação:** *Okebambo*

**Dia da Semana:** Sexta-feira, pois é o dia da Iemanjá, que é mãe de Odé

**Número:** 07 e seus múltiplos

**Cor:** Azul marinho e branco para Odé e Azul marinho e rosa para Otin

**Iléke:** 01 conta azul, 01 conta branca para Odé, 01 conta rosa, 01 conta azul, 01 conta rosa para Otin

**Oferenda:** Odé - Costela de Porco e feijão miúdo, Otin - Chuleta de Porco e feijão miúdo.

**Ferramentas:** Arco e flecha, funda, bodoque, moedas e búzios

**Ave:** aves malhadas varias cores

**Quatro pé:** Casal de porco





#### **Lenda de Odé;**

#### **O Açoço de Odé**

A cada ano, após a colheita, o rei de Ijexá saudava a abundância de alimentos com uma festa, oferecendo à população inhame, milho e coco.

O rei comemorava com sua família e seus súditos; só as feiticeiras não eram convidadas. Furiosas com a desconsideração enviaram à festa um pássaro gigante que pousou no teto do palácio, encobrindo-o e impedindo que a cerimônia fosse realizada. O rei mandou chamar os melhores caçadores da cidade. O primeiro tinha vinte flechas. Ele lançou todas elas, mas nenhuma acertou o grande pássaro. Então o rei aborreceu-se, mas mandou-o embora. Um segundo caçador se apresentou este com quarenta flechas; o fato repetiu-se novamente e o rei mandou prende-lo. Bem próximo dali vivia *Ôşóssí*, um jovem que costumava caçar à noite, antes do sol nascer; ele usava apenas uma flecha vermelha.

O rei mandou chamá-lo para dar fim ao pássaro. Sabendo da punição imposta aos outros caçadores, a mão de *Ôşóssí*, temendo pela vida do filho, consultou um babalaô e os obis mostraram que, se fosse feita uma oferenda para as feiticeiras, ele teria sucesso. A oferenda consistia em sacrificar uma galinha. Nesse exato momento, *Ôşóssí* deveria atirar sua única flecha. E assim o fez, acertando o pássaro bem no peito. O rei, agradecido pelo feito, deu ao caçador metade de sua riqueza e a cidade de *Keto*, "terra dos panos vermelhos", onde *Ôşóssí* governou até a sua morte, tornando-se depois um *Orishá*.

#### **Ôşóssí mata o pássaro das feiticeiras**

Todos os anos, para comemorar a colheita dos inhames, o rei de *Ifé* oferecia aos súditos uma grande festa. Naquele ano, a cerimônia transcorria normalmente, quando um pássaro de grandes asas pousou no telhado do palácio. O pássaro era monstruoso e aterrador. O povo, assustado, perguntava sobre sua origem.

A ave fora enviada pelas feiticeiras, a *Iyámi-Ôşóróngá*, nossas mães feiticeiras ofendidas por não terem sido convidadas. O pássaro ameaçava o desenrolar das comemorações, o povo corria atemorizado. E o rei chamou os melhores caçadores do reino para abater a ave grande.

De Ido, veio *Ôşótógum* com suas vinte flechas.

De More, veio *Oşotogi* com suas quarenta flechas.

De Ilaré, veio *Oşótógum* otadotá com suas cinquenta flechas.

Prometeram ao rei acabar com o perverso bicho, ou perderiam suas próprias vidas. Nada conseguiram, entretanto, as três odes. Gastaram suas flechas e fracassaram. Foram presos por ordem do rei.

Finalmente, de Irem, veio *Oşotocansoşó*, o caçador de uma só flecha. Se fracassasse, seria executado junto com os que o antecederam. Temendo a vida do filho, a mãe do caçador foi ao *babaláwo* e ele recomendou à mãe desesperada fazer um *Ebo* que agradasse as feiticeiras. A mãe de *Oşotocansoşó* sacrificou então uma galinha. Nesse momento, *Oşotocansoşó* tomou o seu *ofá*, seu arco, apontou atentamente e disparou sua única flecha. E matou a terrível ave pernicioso. O sacrifício havia sido aceito. As *Iyámi-Ôşóróngá* estavam apaziguadas. O caçador recebeu honrarias e metade das riquezas do reino. Os caçadores presos foram libertados e todos festejaram.

Todos cantaram em louvor a *Oşotocansoşó*. O caçador ficou muito popular. Cantavam em sua honra, chamando-o de *Ôşóssi*, que na língua do lugar que dizer "O guardião é Popular". Desde então *Ôşóssi* é o seu nome.

#### ***Odé desrespeita proibição ritual e morre***

Naquele dia a caça era proibida, ninguém podia trabalhar, era dia de ir à casa de Ifá levar as oferendas, mas *Odé* queria caçar, como fazia todo dia.

*Odé* não se importou com o interdito. *Odé* não foi consultar o adivinho, *Odé* tranqüilamente foi caçar, seguiu o caminho da floresta.

*Ôsún*, sua esposa, cansada de ver o marido quebrar os sagrados tabus, abandonou a casa e o esposo. Caminhando pela mata, *Odé* escutou um canto que dizia: "Eu não sou passarinho para ser morta por ti..." Era o canto de uma serpente, era *Ôsumare*.

*Odé* não se importou com o canto e atravessou a cobra com a lança, partindo-a em vários pedaços, tomou o caminho de sua casa e, no percurso, continuou escutando o mesmo canto: "Eu não sou passarinho para ser morta por ti..."

Ao chegar a casa, *Odé* foi para a cozinha, preparou uma iguaria com o fruto de sua caça e comeu a saborosa comida imediatamente. Pela manhã *Ôsún* retornou a casa para ver como estava o caçador, para seu espanto, encontrou morto o seu *Odé*.

*Odé* estava morto, o corpo caído no chão, ao lado de *Odé*, *Ôsún* viu um rastro de serpente, desesperada, *Ôsún* foi procurar *Orumiláia*, e ofereceu muitos sacrifícios.

*Orumiláia* ouviu o pleito da dolorosa *Ôsún*, deixou *Odé* viver de novo, deu a *Odé* o cargo de protetor dos caçadores, e *Odé* foi transformado em *Ôrişá*.

#### ***Ôşóssi* ganha de *Orumiláia* a cidade de *Keto***

Um certo dia, *Orumiláia* precisava de um pássaro raro para fazer um feitiço de *Ôsún*. *Ôgún* e *Ôşóssi* saíram em busca da ave pela mata adentro nada encontrando por dias seguidos.

Uma manhã, porém, restando-lhes apenas um dia para o feitiço, *Ôşóssi* deparou com a ave e percebeu que só lhe restava uma única flecha. Mirou com precisão e a atingiu.

Quando voltou para a aldeia, *Orumiláia* estava encantado e agradecido com o feito do filho, sua determinação e coragem. Ofereceu-lhe a cidade de *Keto* para governar até sua morte, fazendo dele o *Ôrişá* da caça e das flechas.

#### ***Erinlé é acusado de roubar cabras e ovelhas***

Em *Ijebu* viveu um caçador chamado *Erinlé*, ele era generoso e imbatível na caça, por isso era admirado pela maioria da população, mas havia alguns moradores que invejavam *Erinlé* e que conspirava para arruinar o caçador, famoso pela caça de elefantes e de outros animais.

Decidiram roubar cabras e ovelhas do rei e culpar *Erinlé*, o rei intimou quem soubesse algo sobre o roubo a dizê-lo, os conspiradores foram até o rei fazer a acusação, disseram que *Erinlé* roubava cabras e ovelhas, escondia as peles em casa e dizia que as carnes eram de animais selvagens.

O rei quis ouvir a defesa de *Erinlé*, houve testemunhos a favor dele, diante do impasse, o rei ponderou que *Erinlé* parecia ser de fato um grande caçador, mas teria que provar sua inocência. *Erinlé* disse: "Minha caça falará por mim". "Minha caça será minha testemunha".

*Erinlé* foi até sua casa e trouxe coisas para o rei, *Erinlé* trouxe as peles dos animais selvagens que havia caçado presas de elefantes e de javalis, peles de gamos, veados e antílopes.

Então o rei reconheceu a inocência de *Erinlé* e ordenou que ninguém mais tocasse no assunto, *Erinlé* foi para casa, inocentado, porém triste. *Erinlé* nunca se conformou com a acusação que sofrera, *Erinlé* pensava e não entendia a razão de tentarem desgraçá-lo, não quis mais caçar nem comer com os seus. Em momentos de desespero fustigava o próprio corpo com a sua chibata de cavaleiro, seu *Bilala*. Imaginava que seria acusado novamente caso acontecesse outro roubo de animais.

*Erinlé* perdera completamente a vontade de caçar, então entrou na água de um rio próximo e partiu de *Ijebu*, onde nunca mais foi visto, E se tornou o *Orisá* do rio.

*Erinlé* agora é o rio, o rio *Erinlé* é *Erinlé*, o *Orisá* caçador que já não caça.



**Òşóssí aprende com Ògún a arte da caça.**

Òşóssí é irmão de Ògún. Ògún tem pelo irmão um afeto especial. Num dia em que voltava da batalha, Ògún encontrou o irmão temeroso e sem reação, cercado de inimigos que já tinham destruído quase toda a aldeia e que estavam prestes a atingir sua família e tomar suas terras. Ògún vinha cansado de outra guerra, mas ficou irado e sedento de vingança. Procurou dentro de si mais forças para continuar lutando e partiu na direção dos inimigos. Com sua espada de ferro pelejou até o amanhecer.

Quando por fim venceu os invasores, sentou-se com o irmão e o tranqüilizou com sua proteção. Sempre que houvesse necessidade ele iria até seu encontro para auxiliá-lo. Ògún então ensinou Òşóssí a caçar, a abrir caminhos pela floresta e matas cerradas. Òşóssí aprendeu com o irmão a nobre arte da caça, sem a qual a vida é muito mais difícil. Igun ensinou Òşóssí a defender-se por si próprio e ensinou Òşóssí a cuidar da sua gente. Agora Ògún podia voltar tranquilo para a guerra. Ògún fez de Òşóssí o provedor.

Òşóssí é o irmão de Ògún.  
Ògún é o grande guerreiro.  
Òşóssí é o grande caçador.

**Òşóssí mata a mãe com uma flechada.**

Olodumarê chamou Orumiláia e o incumbiu de trazer-lhe uma codorna. Orumiláia explicou-lhe as dificuldades de se caçar codorna e rogou-lhe que lhe desse outra missão. Contrariado, Olodumarê foi reticente na resposta e Orumiláia partiu mundo afora a fim de saciar a vontade do seu Senhor. Orumiláia embrenhou-se em todos os cantos da Terra. Passou por muitas dificuldades, andou por povos distantes. Muitas vezes foi motivo de deboche e negativas acerca do que pretendia conseguir. Já desistindo do intento e resignado a receber de Olodumarê o castigo que por certo merecia, Orumiláia se pôs no caminho de volta. Estava cansado e decepcionado consigo mesmo.





Entrou por um atalho e ouviu o som de cânticos. A cada passo, Orumiláia sentia suas forças se renovando. Sentia que algo de novo ocorreria. Chegou a um povoado onde os tambores tocavam louvores a Sàngó, Yemorjá, *Ọ̀ṣún* e *Obátálá*. No meio da roda, bailava uma linda rainha. Era *Ọ̀ṣún*, que acompanhava com sua dança toda aquela celebração. Bailando a seu lado estava um jovem corpulento e viril. Era *Ọ̀ṣóssi*, o grande caçador.

Orumiláia apresentou-se e disse da sua vontade de falar com aquele caçador. Todos se curvaram perante sua autoridade e trataram de trazer *Ọ̀ṣóssi* à sua presença. O velho adivinho dirigiu-se a *Ọ̀ṣóssi* e disse que *Olodumaré* o havia encarregado de conseguir uma codorna. Seria esta, agora, a missão de *Ọ̀ṣóssi*. *Ọ̀ṣóssi* ficou lisonjeado com a honrosa tarefa e prometeu trazer a caça na manhã seguinte. Assim ficou combinado.

Na manhã seguinte, *Orumiláia* se dirigiu à casa de *Ọ̀ṣóssi*. Para sua surpresa, o caçador apareceu na porta irado e assustado, dizendo que lhe haviam roubado a caça. *Ọ̀ṣóssi*, desorientado, perguntou à sua mãe sobre a codorna, e ela respondeu com ares de desprezo, dizendo que não estava interessada naquilo. *Orumiláia* exigiu que *Ọ̀ṣóssi* lhe trouxesse outra codorna, senão não receberia o *Àṣe* de *Olodumaré*. *Ọ̀ṣóssi* caçou outra codorna, guardando-a no embornal. Procurou *Orumiláia* e ambos dirigiram-se ao palácio de *Olodumaré* no *Ọ̀run*. Entregaram a codorna ao Senhor do Mundo. De soslaio *Olodumaré* olhou para *Ọ̀ṣóssi*, e, estendendo seu braço direito, fez dele o rei dos caçadores. Agradecido a *Olodumaré* e agarrado a seu arco, *Ọ̀ṣóssi* disparou uma flecha ao azar e disse que aquela deveria ser cravada no oração de quem havia roubado a primeira codorna. *Ọ̀ṣóssi* desceu à Terra. Ao chegar a casa encontrou a mãe morta com uma flecha cravada no peito. Desesperado, pôs-se a gritar e por um bom tempo ficou de joelhos inconformado com seu ato. Negou dali em diante, o título que recebera de *Olodumaré*.

#### **Ọ̀ṣóssi desobedece a Obátálá e não consegue mais caçar.**

Havia uma grande fome e faltava comida na Terra. Então *Obátálá* enviou *Ọ̀ṣóssi* para que ele aí caçasse e provesse o sustento de todos os que estavam sem comida. *Ọ̀ṣóssi* caçou tanto, mas tanto, que ficou obsessivo: ele queria matar e destruir tudo o que encontrasse. *Obátálá* pediu-lhe que parasse de caçar, mas *Ọ̀ṣóssi* desobedeceu. *Ọ̀ṣóssi* continuou caçando. Um dia encontrou uma ave branca, um pombo.

Sem se importar que os animais brancos sejam de *Obátálá*, *Ọ̀sòssi* matou o pombo. *Obátálá* voltou a pedir que ele não caçasse mais, porém *Ọ̀sòssi* continuou caçando. Uma noite *Ọ̀sòssi* encontrou um veado e atirou nele muitas flechas. Mas as flechas não lhe causavam nenhum dano. *Ọ̀sòssi* aproximou-se mais e flechou a cabeça do animal. Nesse momento, o veado se iluminou. Era *Obátálá* disfarçado, ali, todo flechado por *Ọ̀sòssi*. *Ọ̀sòssi* não conseguiu caçar nunca mais. Profundo foi seu desgosto.

#### **Lenda de *Otin***

*Oquê*, rei da cidade de *Otá*, tinha uma filha. Ela nascera com 4 seios e era chamada de *Otin*. O rei *Oquê* adorava sua filha e não permitia que ninguém soubesse de sua deformação. Este era o segredo de *Oquê*, este era o segredo de *Otin*. Quando *Otin* cresceu, o rei aconselha-a a nunca se casar, pois um marido, por mais que há amasse um dia se aborreceria com ela e revelaria ao mundo seu vergonhoso segredo. *Otin* ficou muito triste, mas acatou o conselho do pai. Por muitos anos, *Otin* viveu em *Igbajó*, uma cidade vizinha, onde trabalhava no mercado. Um dia, um caçador chegou ao mercado, e ficou tão impressionado com a beleza de *Otin*, que insistiu em casar-se com ela. *Otin* recusou seu pedido por diversas vezes, mas, diante da insistência do caçador, concordou, impondo uma condição: o caçador nunca deveria mencionar seus quatro seios a ninguém. O caçador concordou, e impôs também sua condição: *Otin* jamais deveria por mel de abelhas na comida dele, porque isso era seu tabu, seu *ewó*.

Por muitos anos, *Otin* viveu feliz com o marido. Mas como era a esposa favorita, as outras esposas sentiram-se muito enciumadas. Um dia, reuniram-se e tramaram contra *Otin*. Era o dia de *Otin* cozinhar para o marido; ela preparava um prato de milho amarelo cozido, enfeitado com fatias de coco, o predileto do caçador. Quando *Otin* deixou a cozinha por alguns instantes, as outras sorrateiramente puseram mel na comida. Quando o caçador chegou a casa e sentou-se para comer, percebeu imediatamente o sabor do ingrediente proibido. Furioso, bateu em *Otin* e lhe disse as coisas mais cruéis, revelando seu segredo:

"Tu, com teus quatro seios, sua filha de uma vaca, como ousaste a quebrar meu tabu?" A novidade espalhou-se pela cidade como fogo. *Otin*, a mulher de quatro seios, era ridicularizada por todos. *Otin*, fugiu de casa e deixou a cidade do marido.

Voltou para sua cidade, *Otã*, e refugiou-se no palácio do pai. O velho rei a confortou, mas ele sabia que a notícia chegaria também a sua cidade. Em desespero, *Otin* fugiu para a floresta. Ao correr, tropeçou e caiu. Nesse momento, *Otin* transformou-se num rio, e o rio correu para o mar. Seu pai, que a seguia, viu que havia perdido a filha. Lá ia o rio fugindo para o mar. Querendo impedir o Rio de continuar sua fuga, desesperado, atirou-se ao chão, e, ali onde caiu, transformou-se em uma montanha, impedindo o caminho do rio *Otin* para o mar. Mas *Otin* contornou a montanha e seguiu seu curso. *Oquê*, a montanha, e *Otin*, o rio, são cultuados até hoje em *Otã*. *Odé*, o caçador, nunca se esqueceu de sua mulher.

Fonte: "mitologia dos Orixás" - Reginaldo Prandi



## **Obá**

Obá era uma mulher corajosa e guerreira, não tinha medo de nada.

Não era bonita nem fazia questão de ser formosa; seu único prazer era lutar e guerrear. Vencia todos os inimigos; nem mesmo o mais ardeiro dos deuses, Èsù, conseguia dobrá-la..

**Alguns Orişás Obá cultuados entre os templo do segmento Nágó'Kòbí**

**Obá Gideo**

**Obá Rewá**

**Saudação:** Eşó

**Dia da Semana:** Quarta-feira

**Número:** 07 e seus múltiplos

**Cor:** Rosa

**Ileke:** toda rosa

**Oferenda:** Feijão miúdo com canjica amarela e feijão miudo refogado com tempero verde

**Ferramentas:** navalha, timão, roda, moedas e búzios

**Ave:** Galinha cinza

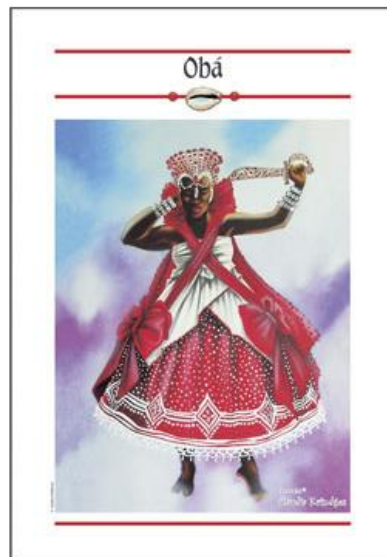
**Quatro pé:** Cabrita mocha

### Obá é possuída por Ògún

Obá escolheu a guerra como prazer nesta vida, enfrentava qualquer situação e assim procedeu com quase todos os *Òrisá*. Um dia, *Obá* desfiou para a luta *Ògún*, o valente guerreiro, o ardiloso *Ògún*, sabendo dos feitos de *Obá*, consultou os *babaláwo*, eles aconselharam *Ògún* a fazer oferendas de espigas de milho e quiabos, tudo pilado, formando uma massa viscosa e escorregadia.

*Ògún* preparou tudo como foi recomendado e depositou o *Ebo* num canto do lugar onde lutariam. Chegada a hora, *Obá*, em tom desafiador, começou a dominar a luta, *Ògún* levou-a ao local onde estava a oferenda, *Obá* pisou no *Ebo*, escorregou e caiu, *Ògún* aproveitou-se da queda de *Obá*, num lance rápido tirou-lhe os panos e a possuiu ali mesmo, tornando-se, assim, seu primeiro homem.

Mais tarde *Sàngó* roubou *Obá* de *Ògún*.



### Òşún engana Obá

Obá era uma das mulheres de Šángó, mas ela não era nem aventureira como Oya, nem dengosa como Óşún; por isso, se sentia desprezada pelo marido. Percebendo que Šángó gostava da comida feita por Óşún, pediu-lhe que a ensinasse a cozinhar. Para enganá-la, Óşún cobriu a cabeça com um pano, fez uma sopa de cogumelos e disse que era o prato preferido de Šángó, uma sopa com suas orelhas. Obá fez uma sopa em que colocou uma de suas orelhas. Quando Šángó chegou, ela o serviu toda contente, mas quando ele viu a orelha, ficou enojado e brigou com ela. Nisso, Óşún tirou o pano da cabeça, mostrando as orelhas perfeitas, e começou a rir. Furiosa, Obá se atirou sobre ela e as duas brigaram até que Šángó explodiu de raiva, fazendo as duas fugirem e se transformarem em rios. É por isso que, ao dançar, Obá cobre uma orelha com o escudo.





## Ọsanyin

Ọsanyin é a divindade das folhas sagradas, ervas medicinais e litúrgicas. Sua importância é primordial. Nenhuma cerimônia pode ser realizada sem sua interferência. O seu sacerdote é o Babá Ọlosayin.

É o detentor do ąse (força, poder, vitalidade), de que nem mesmo os Ọriřá podem privar-se. Esse ąse encontra-se em folhas e ervas específicas. O nome dessas folhas e o seu emprego é a parte mais secreta do ritual do culto dos Ọriřá, Vodun e Inkice.

O símbolo de Ọsanyin é uma haste de ferro de cuja extremidade superior parte sete pontas dirigidas para o alto. A do centro é encimada pela imagem de um pássaro.

Ọsanyin é o companheiro constante de Ifá. É representado por uma sineta de ferro forjado, terminada por uma haste pontuda enfiada em uma grande semente. A haste é fincada no chão, ao lado do osun (o asen dos fon) do babalawo. Por sua presença, Ọsanyin traz a influência das folhas para as operações da adivinhação.

Ossaniyn, Ossaim, Ọsanyin, Ossăe, Ossain (como se escreve habitualmente) ou Ossanha (na Umbanda) que é o Ọriřá das ervas, no candomblé Jeje é chamado de Agué é o Vodun da caça e das florestas e conhece os segredos das folhas, no Candomblé Bantu é chamado de Katendé, Senhor das insabas (folhas).

Comanda as folhas medicinais e litúrgicas, muitas vezes é representado com uma única perna. Cada Ọriřá tem a sua folha, mas só Ọsanyin detém seus segredos. E sem as folhas e seus segredos não há ąse, portanto sem ele nenhuma cerimônia é possível.

**Alguns Orişás Ọsanyin cultuados entre os templo do segmento Nàgó'Kọbi**

**Delé** = mais novo – dizem que ele tem uma perna só, para algumas cultura ele vem acompanhado de um Bará muito pequeno e dizem que este Bará tem uma perna só que toma seu nome. (sua cor branco e verde 1 x 1)

**Aroni** = mais velho – forma enrugado (sua cor verde)

**Serebuá** = quem guarda os segredos mágicos das folhas, ele quem recebeu o encanto

**Modum** = velho feiticeiro, quem conhece e fala com as arvores e os antigos moradores encantados das matas mágicas.

**Saudação:** Eu! Eu! Ọsanyin

**Dia da Semana:** Segunda - feira

**Número:** 07 e seus múltiplos

**Ileke:** Verde Claro, ou em alguns casos o branco e amarelo

**Guia:** 01 conta verde e 01 conta branca ou 01 amarelo e 01 verde

**Oferenda:** carne de porco, farinha, folhas de deste Ọrişá, ou pipoca e 02 iapeté (batata inglesa esmagada com azeite-de-dendê, a qual se dá forma de cabaça) um com casca e outro sem.

**Ferramentas:** coqueiro, muleta, bisturi, cágado, moedas e búzios, sua ferramenta tem uma haste central com um pássaro na ponta, do meio dessa haste saem sete pontas.

**Ave:** Galo arrepiado ou de pescoço pelado ou galo branco

**Quatro pé:** Cabrito malhado claro



### **Lendas de *Òsanyin***

Era filho caçula de Yemonjá e Òṣàálá e, desde pequeno, vivia no mato. Tinha uma habilidade especial para tratar qualquer doença, por isso viajava pelo mundo inteiro, sendo sempre recebido com carinho pelo rei de cada tribo.

Ele recebeu de Olórún o segredo das folhas; assim, sabia qual delas curava doenças, trazia vigor ou deixava as pessoas mais calmas. Os outros Òrìṣà invejavam o irmão, pois não tinham esse poder e dependiam de *Òsanyin* para ter sucesso. Ele cobrava por qualquer trabalho, aceitando mel, fumo e cachaça como pagamento para as curas que realizava. Sàngó, que era temperamental, não admitia depender dos serviços de *Òsanyin*, e por isso pediu a sua esposa Oya, Òrìṣà que domina os ventos, para que as folhas voassem em direção a todos os Òrìṣà, para que cada qual exercesse domínio sobre uma delas.

Em meio à ventania, *Òsanyin* repetia sem parar: "Eu eu assa!", que significa "Oh, folhas!". E com esse tipo de reza, embora cada Òrìṣà tenha se apossado de uma folha, *Òsanyin* evitou que seu poder fosse atribuído entre os irmãos, pois só ele conhecia o axé de cada uma delas e o segredo de pronunciar essas palavras de maneira a conservar o poder sobre elas. Com sua sabedoria, até hoje *Òsanyin* permanece como o rei da floresta, sendo considerado o Òrìṣà da medicina. A este Òrìṣà pertence todas as folhas medicinais e ervas utilizadas nos rituais de Nação, por este motivo, temos um Òrìṣà muito respeitado e cultuado em todos as Casas de Religião, podemos dizer que *Òsanyin* possui a solução para todos os problemas relacionados a cura de enfermos, tanto material quanto espiritual. Conta uma lenda muito difundida em Cuba, que certo dia Sàngó se queixa a Oya uma de suas mulheres, que somente *Òsanyin* possuía o segredo medicinal das ervas, e, portanto todos os Òrìṣà estavam dependendo dele na terra. Para agradar o Marido, Oya lança seus ventos fortes aos quatro cantos do mundo, estes ventos derrubaram a cabeça de *Òsanyin* que estava pendurada em uma árvore, quando o Òrìṣà viu aquilo acontecer saiu gritando: "Ewé O! Ewé O!" ("Oh! As folhas! Oh! As folhas!"), só que já era tarde demais, os Òrìṣà pegaram o que foi possível e as repartiram entre si. Este Òrìṣà não possui uma das pernas, caminha com auxílio de muletas, quando se manifesta em algum filho, este dança normalmente em apenas em uma de suas pernas.

### Itan de Ọsanyin

Ọsanyin recebeu de Olódúmarè o segredo das folhas. Ele sabia que algumas delas traziam a calma ou o vigor. Outras, a sorte, a glória, as honras ou ainda, a miséria, as doenças e os acidentes. Os outros Ọrísá não tinham poder sobre nenhuma planta. Eles dependiam de Ọsanyin para manter sua saúde ou para o sucesso de suas iniciativas.

Şàngó, cujo temperamento é impaciente, guerreiro e impetuoso, irritado por esta desvantagem, usou de um ardil para tentar usurpar a Ọsanyin a propriedade das folhas. Falou dos planos à sua esposa Ọya, a senhora dos ventos. Explicou-lhe que, em certos dias, Ọsanyin pendurava, num galho de *Iroko*, uma cabaça contendo suas folhas mais poderosas. - Desencadeie uma tempestade bem forte num desses dias, disse-lhe Şàngó. Ọya aceitou a missão com muito gosto.

O vento soprou a grandes rajadas, levando o telhado das casas, arrancando árvores, quebrando tudo por onde passava e, o fim desejado, soltando a cabaça do galho onde estava pendurada. A cabaça rolou para longe e todas as folhas voaram.

Os Ọrísá se apoderaram de todas. Cada um tornou-se dono de algumas delas, mas Ọsanyin permaneceu "senhor do segredo" de suas virtudes e das palavras que devem ser pronunciadas para provocar sua ação. E assim, continuou a reinar sobre as plantas como senhor absoluto. Graças ao poder (àse) que possui sobre elas.

### Ọsanyin é mutilado por Ọrùnmílá

Ọsanyin vivia numa guerra não declarada contra Ọrùnmílá, procurando sempre enganá-lo, preparando armadilhas, para transtorno do velho.

Um dia Ọrùnmílá foi consultar Şàngó para descobrir quem seria aquele inimigo oculto que o atormentava, Şàngó aconselhou-o a fazer oferendas, devia oferecer doze mechas de algodão em chamas e doze pedras de raio, edum ará, se isso fosse feito, seria desvendado o segredo.



*Ao iniciar o ritual, Òrùnmílá invocou o poder do fogo, no mesmo momento, Ȯsanyin andava pela mata procurando novamente algo para enfeitiçar Òrùnmílá, Ȯsanyin foi surpreendido por um raio, que lhe mutilou o braço e a perna e o cegou de um olho.*

*Òrùnmílá seguiu para o local onde se via o fogo e ouviu gemidos do aleijado, ao tentar ajudar a vítima, encontrou Ȯsanyin, descobrindo por fim quem era seu misterioso inimigo.*

***Ȯsanyin recusa-se a cortar as ervas miraculosas.***

*Ȯsanyin era o nome de um escravo que foi vendido a Òrùnmílá. Um dia ele foi à floresta a lá conheceu Aroni, que sabia tudo sobre as plantas. Aroni, o gnomo de uma perna só, ficou amigo de Ȯsanyin e ensinou-lhe todo o segredo das ervas. Um dia, Òrùnmílá, desejoso de fazer uma grande plantação, ordenou a Ȯsanyin que roçasse o mato de suas terras. Diante de uma planta que curava dores, Ȯsanyin exclamava: "Esta não pode ser cortada, é a erva das dores". Diante de uma planta que curava hemorragias, dizia: "Esta estanca o sangue, não deve ser cortada". Em frente de uma planta que curava a febre, dizia: "Esta também não, porque refresca o corpo". E assim por diante.*

*Òrùnmílá, que era um babaláwo muito procurado por doentes, interessou-se então pelo poder curativo das plantas e ordenou que Ȯsanyin ficasse junto dele nos momentos de consulta, que o ajudasse a curar os enfermos com o uso das ervas miraculosas. E assim Ȯsanyin ajudava Òrùnmílá a receitar a acabou sendo conhecido como o grande médico que é.*





#### Como Òsanyin descobre o nome das folhas.

Òrúnmílá dá a Òsanyin o nome das plantas.

Ifá foi consultado por Òrúnmílá que estava partindo da terra para o céu e que estava indo apanhar todas as folhas. Quando Òrúnmílá chegou ao céu Olódùmaré disse, eis todas as folhas que queria pegar o que fará com elas ?

Òrúnmílá respondeu que iria usá-las, disse que, iria usá-las para benefício dos seres humanos da Terra. Todas as folhas que Òrúnmílá estava pegando, Òrúnmílá carregaria para a Terra.

Quando chegou à pedra Ágbásalááárin ayé lórún (pedra que se encontra no meio do caminho entre o céu e a terra) Aí Òrúnmílá encontrou Òsanyin no caminho.

Perguntou: Òsanyin onde vai?

Òsanyin disse: "Vou ao céu, disse ele, vou buscar folhas e remédios".

Òrúnmílá disse muito bem, disse, que já havia ido buscar folhas no céu, disse, para benefício dos seres humanos da terra. Disse, olhe todas essas folhas, Òsanyin pode apenas arrebatá-las todas as folhas. Ele poderia fazer remédios (feitiços) com elas, porém não conhecia seus nomes.

Foi Òrúnmílá quem deu nome a todas as folhas. Assim Òrúnmílá nomeou todas as folhas naquele dia.

Ele disse, você Òsanyin carrega todas as folhas para a terra, disse, volte, iremos para terra juntos.

Foi assim que Òrúnmílá entregou todas as folhas para Òsanyin naquele dia. Foi ele quem ensinou a Òsanyin o nome das folhas apanhadas.



## Xapanã

A definição de Xapanã é dada por Pierre Verger no livro *Orishás* da Editora Corrupio: Xapanã nasceu em Empe, no território Tapa, também chamado, Nupe. Era um guerreiro terrível que, seguido de suas tropas, percorria o céu e os quatro cantos do mundo. Ele massacrava sem piedade aqueles que se opunham à sua passagem. Seus inimigos saíam dos combates mutilados ou morriam de peste."

Xapanã - É segundo alguns pesquisadores semelhante ou igual a Obaluaiyê ou Sakpatá; é o Òrìsà da varíola, e de todas as doenças de pele, tanto pode provocá-las quanto curar as enfermidades, é cultuado na maioria dos terreiros do Brasil sendo muito respeitado e temido por todos seguidores das Religiões Afro-brasileiras.

Costuma-se dizer que o nome Xapanã é tabu, preferindo-se referir-se a ele como Obaluaiyê ou Omolu, ainda que no Batuque do Rio Grande do Sul este nome seja pronunciado de maneira genérica.

Na Bahia Xapanã seria simplesmente uma das "qualidades" ou manifestações de Obaluaiyê, estreitamente ligado ao fogo e à sexualidade.

**Alguns Orishás Xapanã cultuados entre os templo do segmento Nágó'Kòbi:**

**Xapanã jubetei** ou **Jagun Agbagba** = ligação com Oya (cor preto e vermelho 1 x 1)

**Barun Soponna/Sapata/Sakpatá** = o feiticeiro entre os xapanas é o mais novo (preto e vermelho 9 x 9)

**Savalu/Sapekó** (ligação com **Naná**) = muito raro, esta divindade praticamente não se vê nos templos (roxo)

**Gama** ou **Arinwarun (wariwaru)** = título de xapanan (lilás e branco 1 x 1)

**xapanã Jubeteió** ou **Arawe/Arapaná** = ligação com Oya mais velho (lilás com branco 1 x 1)

**Azoani** = ligação com Yemanjá e Oyá (preto com vermelho 1 x 1)

**Saudação:** *Aba o!*

**Dia da Semana:** Quarta-feira

**Número:** 07, 09 e seus múltiplos

**Cor:** Vermelho e preto, roxo com preto ou lilas com branco

**Ilêḡe:** 1x1, 7x7 ou 9x9 dependendo da qualidade do Òrìṣà varia a cor.

**Oferenda:** Pipoca, feijão cozido ou torrado, amendoim e milho torrado, farinha feita de amendoim com carne seca.

**Ferramentas:** Xaxará, vassoura, cachimbo, revolver (todas armas de fogo), favas, moedas e búzios.

**Ave:** Galo Carijó preto e branco

**Quatro pé:** Cabrito Branco ou malhado

#### **Mais sobre Xapanã**

**Sakpata** - é a denominação fon do Vodum do panteão da terra. É o grande *Ayi-vodun* dos *Ewe-fon*, por isso intitulado *Ayinon* (o dono da terra). Considerado filho mais velho de *Mawu* ele é enfim, o Rei do Mundo, originariamente vodun senhor da varíola e, por extensão, de inúmeras enfermidades contagiosas que deformam o corpo. Todo o povo fon o teme enormemente e o cultua fervorosamente e possui uma grande quantidade de representações, cada uma sendo um aspecto de doenças e infecções.

A tradição aponta a origem do culto de **Sakpatá** na localidade de *Kpeyin Vedji*, um enclave *Yorúbá* dentro do território mahi a noroeste de *Abomei*. Desta dupla procedência permanece a curiosidade de que **Sakpatá** é considerado uma divindade *Yorúbá* ("nagô") pelos fon e gun ("jêje") pelos *Yorúbás*.



**Kohossú**, cujo nome significa “Rei da Lama” é o pai de todos os Sakpatás;

**Nyohwe Ananú**, dona da água parada que mata de repente é a mãe, e são ambos os filhos de Nà Buùku.

**Da Zodji**, envia a disenteria e os vômitos, considerado o mais velho de todos. Ele não tem braços ou pernas e é carregado numa padiola, mas tem o poder da invisibilidade e, apesar do defeito físico, comanda todos os Sakpatás.

**Da Langan**, come a carne das pessoas ainda vivas.

**Da Sinji**, traz as inchações e trombozes.

**Aglossuntó**, é responsável pelas feridas e chagas que nunca cicatrizam.

**Adohwan**, castiga perfurando os intestinos.

**Avimadé**, é o que leva as almas dos que morreram punidos por Sakpatá.

**Bossu-Zohon**, é o grande feiticeiro.

**Alogbé**, possui cinco braços e é ligado aos tohossú

**Adan Tanyi**, é filho de Da Zodji, e traz a lepra.

**Suvinengué**, um abutre com cabeça humana e é filho de Da Langan.

Existem várias outras denominações: *Agbologbodji*, *Tonekpó*, *Gbazu*, *Ahossú Ganhwa*, *Kpadadaligbo* (que é fêmea) etc., cujos nomes, atribuições e lugar dentro da “família” variam de região para região.

Outra tradição conta que *Sakpatá* é uma divindade dupla, tanto macho como fêmea. O macho sendo *Da Zodji* e a fêmea sua irmã *Nyohwe Ananu*, gêmeos nascidos do primeiro parto da entidade andrógina *Mawu-Lissá*.

**Sakpatá** é cultuado em seus templos sob um aspecto duplo. Possui o aspecto Jeholú ("Rei das Jóias", que seriam as pústulas trazidas pela varíola) que é tratado internamente e não recebe sacrifícios de sangue diretamente, mas é lustrado com uma mistura de sangue e azeite de dendê e envolto por panos. O aspecto Zun-holú ("Rei da Floresta") fica do lado de fora, recebe os sacrifícios de sangue diretamente sobre ele e é coberto por rodilhas de ramos secos da palmeira de ráfia (*Raffia vinifera*) palha-da-costa, e é um montículo que pode ser mais alto do que um homem. Os sacerdotes e fiéis o tratam como um ente vivo, o reverenciam, abraça, etc. Zun-holú de tamanhos mais modestos podem ser vistos diante dos hunkpame de outros voduns, sobretudo nos de Hevioossô.

A iniciação de Sakpatá entre os fon consiste em duas partes. Na primeira e mais longa, os neófitos permanecem no *hunkpame* vários meses submetendo-se a disciplina rígida de silêncios, jejuns, aprendizagem de cânticos e danças rituais e nesta eles são chamados de *agamassi*. No final desta fase, as famílias juntam dinheiro para realizar um grande ritual, no qual os neófitos morrem simbolicamente e ficam escondidos por três dias dos olhos de todos, e depois são trazidos para fora enrolados em mortalhas e são publicamente "ressuscitados" pelo *Aklunon* (ministro do culto). A partir daí eles recebem seus nomes de iniciação e passam a ser chamados de *anagonu*, por causa da acreditada origem nagô do vodun, ou "*Azonsi*", que em francês se escreve *azonsu*.

No antigo Reino do *Daomé*, o culto de *Sakpatá* era olhado com suspeita, às vezes banido (e o foi, definitivamente, de *Abomei*). Uma vodunsi de *Sakpatá* não pode ser dada como esposa para o rei, e havia sempre a suspeita maior de que seus sacerdotes espalhavam deliberadamente a doença para aumentar seu poder. Mas outra questão importante neste caso é o fato de que *Sakpatá* abertamente desafia o poder real portando os títulos de *Ayinon* e *Jeholú*, que são títulos que o rei também possui.





### **Lendas de *Xapanã***

Assim chegou *Xapanã* em território *Mahi*, no *Daomé*. A terra dos *Mahis* abrangia as cidades de *Savalu* e *Dassa Zumê* no *Benim*.

Quando souberam da chegada iminente de *Xapanã*, os habitantes desta região, apavorados, consultaram um adivinho. E assim ele falou: - "Ah! O Grande Guerreiro chegou de *Empê*! Aquele que se tomará o senhor do país! Aquele que tornará esta terra rica e próspera chegou! Se o povo não o aceitar, ele o destruirá! É necessário que supliquem a *Xapanã* que os poupe. Façam-lhe muitas oferendas; todas as que ele goste: inhame pilado, feijão, farinha de milho, azeite de dendê, picadinho de carne de bode e muita, muita pipoca!

Será necessário também que todos se prosternem diante dele, que o respeitem e o sirvam. Logo que o povo reconheça como pai, *Xapanã* não o combaterá, mas protegerá a todos!"

Quando *Xapanã* chegou, conduziu seus ferozes guerreiros, os habitantes de *Savalu* e *Dassa Zumê* no *Benim* reverenciaram-no, encostando suas testas no chão, e saudaram-no:

**"Totô hum! Totô hum! Atotô! Atotô!"**

Respeito e Submissão!

*Xapanã* aceitou os presentes e as homenagens, dizendo: "Está bem! Eu os pouparei! Durante minhas viagens, desde *Empê*, minha terra natal, sempre encontrei desconfiança e hostilidade. Construam para mim um palácio. É aqui que viverei a partir de agora!"

*Xapanã* instalou-se assim entre os *Mahis*. O país prosperou e enriqueceu e o Grande Guerreiro não voltou mais a *Empê*, no território *Tapá*, também chamado *Nupê*.

*Xapanã* é considerado o deus da varíola e das doenças contagiosas. Ele tem também o poder de curar. As doenças contagiosas são, na realidade, punições aplicadas àqueles que o ofenderam ou conduziram-se mal. Seu verdadeiro nome é perigoso demais pronunciar. Por prudência, é preferível chamá-lo *Obaluyiê*, o "Rei, Senhor da Terra" ou *Omolu*, o "Filho do Senhor".

Quando *Xapanã* instalou-se entre os *Mahis* recebeu, em uma nova terra, o nome de *Sakpatá*. Aí, também, era preferível chamá-lo *Ainon*, o "Senhor da Terra", ou, então, *Jeholú*, o "Senhor das pérolas".

O fato de ser chamado Jeholù e Aion causou mal-entendidos entre *Sakpatá* e os reis do *Daomé*, pois eles também usavam estes títulos. Enciumados, os *Jeholù de Abomey* expulsaram, várias vezes, *Jeholù Aion* do *Daomé* e obrigaram-no a voltar momentaneamente, à terra dos *Mahis*.

#### **Xapanã ganha o segredo da peste na partilha dos poderes**

*Olódúmaré*, um dia decidiu distribuir seus bens.

Disse aos seus filhos que se reunissem e que eles mesmos repartissem entre si as riquezas do mundo. *Ògún*, *Èsù*, *Òrisá Ocô*, *Şàngó*, *Xapanã* e os outros *Òrisá* deveriam dividir os poderes e mistérios sobre as coisas na Terra.

Num dia em que *Xapanã* estava ausente, os demais se reuniram e fizeram a partilha, dividindo todos os poderes entre eles, não deixando nada de valor pra *Xapanã*. Um ficou com o trovão, o outro recebeu as matas, outro quis os metais, outro ganhou o mar. Escolheram o ouro, o raio, o arco-íris; levaram a chuva, os campos cultivados, os rios.

Tudo foi distribuído entre eles, cada coisa com seus segredos, cada riqueza com o seu mistério. A única coisa que sobrou sem dono, desprezada, foi a peste. Ao voltar, nada encontrou *Xapanã* para si, a não ser a peste, que ninguém quisera.

*Xapanã* guardou a peste para si, mas não se conformou com o golpe dos irmãos. Foi procurar *Òrūnmílá*, que lhe ensinou a fazer sacrifícios, para que seu enfeitado poder fosse maior que o dos outros. *Xapanã* fez sacrifícios e aguardou.

Um dia, uma doença muito contagiosa começou a espalhar-se pelo mundo. Era a varíola. O povo, desesperado, fazia sacrifícios para todos os *Òrisá*, mas nenhum deles podia ajudar. A varíola não poupava ninguém, era uma mortandade. Cidades, vilas e povoados ficavam vazios, já não havia espaço nos cemitérios para tantos mortos. O povo foi consultar *Òrūnmílá* para saber o que fazer. Ele explicou que a epidemia acontecia porque *Xapanã* estava revoltado, por ter sido passado para trás pelos irmãos. *Òrūnmílá* mandou fazer oferendas para *Xapanã*. Só *Xapanã* poderia ajudá-los a conter a varíola, pois só ele tinha o poder sobre as pestes, só ele sabia os segredos das doenças.

Tinha sido essa sua única herança. Todos pediram proteção a *Xapanã* e sacrifícios foram realizados em sua homenagem. A epidemia foi vencida. *Xapanã* então era respeitado por todos. Seu poder era infinito, o maior de todos os poderes.



### ***Obaluayé conquista Daomé***

Um dia *Obaluayé* saiu com seus guerreiros, ia em direção à terra dos mahis, no *Daomé*. *Obaluayé* era conhecido como um guerreiro sanguinário, atingindo a todos com as pestes, quando estes se opunham a seus desejos. Os habitantes do lugar, quando souberam de sua chegada, foi em busca de ajuda de um adivinho, ele recomendou que fizessem oferendas, com muita pipoca, inhame pilado, dendê e todas as comidas de que o guerreiro gostasse, pipocas acalmam *Obaluayé*, disse que seria aconselhável que todos se prostrassem diante dele, assim o fizeram.

"Totô hum! Totô hum! Atotô! Atotô!"

"Respeito! Silêncio!"

*Obaluayé*, satisfeito com a sujeição daquele povo, os poupou declamou que a partir daquele dia viveria naquele reino, assim o fez e em pouco tempo o país tornou-se próspero e rico.

*Obaluayé* recebeu nas terras mahis o nome de *Sapaktá*, mesmo assim era preferível chamá-lo de Ainon, senhor das Terras, ou *Jeholu*, senhor das pérolas.

Esses diferentes nomes foram adotados por famílias importantes, mas infelizmente provocaram desentendimentos entre elas e os reis do *Daomé*. Muitas vezes as famílias de *Sapatá* foram expulsas do reino e, em represália, muitos reis daomeanos morreram de varíola.

Tanta discórdia provocou seu nome, que hoje ninguém sabe mais qual o melhor nome para se chamar *Obaluayé*

### ***Omulu ganha pérolas de Yemonjá***

*Omulu* foi salvo por *Yemonjá* quando sua mãe, *Nanã Burucu*, ao vê-lo doente, coberto de chagas, purulento, abandonou-o numa gruta perto da praia.

*Yemonjá* recolheu *Omulu* e o lavou com a água do mar, o sal da água secou sua feridas, *Omulu* tornou-se um homem vigoroso, mas ainda carregava as cicatrizes, as marcas feias da varíola.

*Yemonjá* confeccionou para ele uma roupa toda de ráfia, e com ela ele escondia as marcas de suas doenças, ele era um homem poderoso, andava pelas aldeias e por onde passava deixava um rastro ora de cura, ora de saúde, ora de doença, Mas continuava sendo um homem pobre.

*Yemonjá* não se conformava com a pobreza do filho adotivo, Ela pensou:

"Se eu dei a ele a cura, a saúde, não posso deixar que seja sempre um homem pobre". Ficou imaginando quais riquezas, poderia da a ele.

*Yemonjá* era a dona da pesca, tinha os peixes, os polvos, os caramujos, as conchas, os corais, tudo aquilo que dava vida ao oceano pertencia a seu pai, *Olokun*, e ele dera tudo a *Yemonjá*.

*Yemonjá* resolveu então ver suas jóias tinham algumas, mas enfeitava-se mesmo era com algas, ela enfeitava-se com água do mar, vestia-se de espuma, ela adorava-se com o reflexo de *Oṣu*, a Lua.

Mas *Yemonjá* tinha uma grande riqueza e essa riqueza eram as pérolas, que as ostras fabricavam para ela. *Yemonjá*, muito contente com sua lembrança, chamou *Omulu* e lhe disse:

"De hoje em diante, és tu quem cuida das pérolas do mar. Será assim chamado de *Jeholu*, o Senhor das Pérolas". Por isso as pérolas pertencem a *Omulu*, por baixo de sua roupa de ráfia, enfeitando seu corpo marcado de chagas, *Omulu* ostenta colares e mais colares de pérola, belíssimo colares.





## Òṣún

Òṣún, Oshun ou Oschun, na Mitologia Yorùbá é um Òrìṣá feminino. O seu nome deriva do rio Òṣún, que corre na Yorubalândia, região nigeriana de *Ijexá* e *Ijebu*. É tida como um único Òrìṣá que tomaria o nome de acordo com a cidade por onde corre o rio, ou que seriam dezesseis e o nome se relacionaria a uma profundidade desse rio. As mais velhas ou mais antigas são encontradas nos locais mais profundos (Ibu), enquanto as mais jovens e guerreiras respondem pelos locais mais rasos. Ex. *Òṣún Osogbo*, *Òṣún Opara* ou *Apara*, *Yeye Iponda*, *Yeye Kare*, *Yeye Ipetu*...

Em seu livro *Notas Sobre o Culto aos Òrìṣás e Voduns*, Pierre Fatumbi Verger escreve que os tesouros de são guardados no palácio do rei *Ataójá*. O templo situa-se em frente e contém uma série de estátuas esculpidas em madeira, representando diversos Òrìṣás: "*Òṣún Osogbo*, que tem as orelhas grandes para melhor ouvir os pedidos, e grandes olhos, para tudo ver. Ela carrega uma espada para defender seu povo." *Òṣún* é um Òrìṣá feminino da nação *Ijexá* adotada e cultuada em todas as religiões afro-brasileiras. É o Òrìṣá das águas doces dos rios e cachoeiras, da riqueza, do amor, da prosperidade e da beleza, em *Òṣún*, os fiéis também buscam auxílio para a solução de problemas no amor, uma vez que ela é a responsável pelas uniões e na vida financeira, tanto que muitas vezes é chamada de Senhora do Ouro que outrora era do Cobre por ser o metal mais valioso da época. Na natureza, o culto à *Òṣún* costuma ser realizado nos rios e nas cachoeiras e, mais raramente, próximo às fontes de águas minerais. *Òṣún* é símbolo da sensibilidade e muitas vezes derrama lágrimas ao incorporar, característica que se transfere a seus filhos identificados por chorões. Candomblé Bantu - a *Nkisi Ndandalunda*, Senhora da fertilidade, e da Lua, muito confundida com *Hongolo* e *Kisimbi*, tem semelhanças com *Òṣún*. Candomblé Ketu - Divindade das águas doces, *Òṣún* é a padroeira da gestação e da fecundidade, recebendo as preces das mulheres que desejam ter filhos e protegendo-as durante a gravidez. Protege, também, as crianças pequenas até que comecem a falar, sendo carinhosamente chamada de Mamãe por seus devotos.



**Algumas Orixás Òsùn cultuados entre os templo do segmento Nàgó'Kòbí:**

**Òsùn EPandá Ibedji:** muito jovem e vaidosa (cor amarelo ouro claro, podendo usar 4 amarelas e 1 vermelha)

**Òsùn EPandá:** outra guerreira é a verdadeira Òsùn ijesa que veio de Ijesa ou de Ipondá (cor amarelo ouro claro, podendo usar 8 amarelas e 1 vermelha)

**Òsùn Opará:** mais jovem e guerreira (amarelo ouro claro)

**Yeye Odô:** muito semelhante a docô = é a Òsùn das fontes; talvez seja a mesma que Iyá mi Odô ou Iya Nodo, confundida com Yemánjá idosa, porem não existe ligação alguma. (cor amarelo ouro escuro, podendo usar 4 amarela e 1 branca)

**Yeye Kaiô:** é um tipo de Òsùn mais velha, autoritária é guerreira e agressiva. (cor amarelo ouro, podendo usar 1 amarela e 1 preta)

**Òsùn Demun ou Jimu:** intermediária ligada a magia das folhas e das águas (cor amarelo ouro escuro, podendo usar 4 amarela e 1 verde)

**Òsùn Olobá:** jovem idosa (cor amarelo ouro)

**Òsùn Abalu ou Docô:** muito velha. (cor amarelo ouro escuro, podendo usar 4 amarela e 1 branca)

**Iyá Omi:** idosa. (cor amarelo ouro escuro)

**Saudação:** *Iê iêu!*

**Dia da Semana:** Sábado

**Número:** 08 e seus múltiplos

**Cor:** Todos os tons de amarelo, a escolha do tom depende da característica da Mãe

**Ileke:** toda amarela de um mesmo tom, o tom varia com a característica da Mãe

**Oferenda:** canjica amarela cozida, omolucum, Aorô (mistura de couve cozida nomel com farinha de milho)

**Ferramentas:** todos adornos femininos em ouro, peixe, leque, caramujos, coração, moedas e búzios

**Ave:** galinha amarela

**Quatro pé:** cabrita branca ou amarela



(entrada do templo de Oṣún)

### Lendas de *Ọ̀ṣún*

Quando *Ọ̀ṣàálá* estava criando o mundo, escolheu *Ọ̀ṣún* para ser protetora das crianças. Ela deveria zelar pelos pequeninos desde o momento da concepção, ainda no ventre materno, até que pudessem usar o raciocínio e se expressar em algum idioma. Por isso, *Ọ̀ṣún* é considerada a deusa da fertilidade e da maternidade.

Por sua beleza, *Ọ̀ṣún* também é tida como a deusa da vaidade, sendo vista como uma *Ọ̀rìṣà* jovem e bonita, mirando-se em seus espelhos (*abebé*) e abanando-se com seu leque (*abelé*). Quando todos os *Ọ̀rìṣà* chegaram à terra, organizaram reuniões onde as mulheres não eram admitidas. *Ọ̀ṣún* ficou aborrecida por ser posta de lado e não poder participar de todas as deliberações. Para vingar-se, tornou as mulheres estéreis e impediu que as atividades desenvolvidas pelos deuses chegassem a resultados favoráveis. Desesperados, os *Ọ̀rìṣà* dirigiram-se a *Ọ̀lórún* e explicaram-lhe que as coisas iam mal sobre a terra, apesar das decisões que tomavam em suas assembléias.

*Ọ̀lórún* perguntou se *Ọ̀ṣún* participava das reuniões e os *Ọ̀rìṣà*s responderam que não. *Ọ̀lórún*, explicou-lhes então que, sem a presença de *Ọ̀ṣún* e do seu poder sobre a fecundidade, nenhum de seus empreendimentos poderia dar certo. De volta à terra, os *Ọ̀rìṣà* convidaram *Ọ̀ṣún* para participar de seus trabalhos, o que ela acabou por aceitar depois de muito lhe rogarem. Em seguida, as mulheres tornaram-se fecundas e todos os projetos obtiveram felizes resultados. Senhora soberana das águas doces. Todos os rios, lagos, lagoas e cachoeiras pertencem a este *Ọ̀rìṣà*. O casamento, o ventre e a fecundidade e as crianças são de *Ọ̀ṣún*, assim como, talvez por consequência, a felicidade.

O ouro e o dinheiro em todas as suas espécies também são de *Ọ̀ṣún*. Pela hierarquia é o primeiro *Ọ̀rìṣà* doce seguida de Iemanjá e *Ọ̀ṣàálá*, formando assim o grupo de *Ọ̀rìṣà*s chamado de Cabeças Grande. Em uma lenda conta-se que quando os *Ọ̀rìṣà* chegaram ao mundo eram feitas reuniões onde as mulheres não poderiam participar, *Ọ̀ṣún* insatisfeita com a decisão retirou toda a fecundidade do mundo, nada mais crescia e nada mais nascia. Os homens da terra começaram a desacreditar nos *Ọ̀rìṣà*s, pois a eles recorriam e não obtinham a solução desejada, pois a fecundidade pertence ao *Ọ̀rìṣà* em tal insatisfação. O Grande Pai explicou aos *Ọ̀rìṣà* que sem *Ọ̀ṣún* nas decisões sobre a terra nada adiantaria, pois ela tinha o segredo da procriação. Sendo assim Todos foram até a Mãe, que aceitou as desculpas, começou a participar das reuniões e o mundo retomou seu rumo normal.

### Ôşûn é concebida por Yemonjá e Òrùnmílá

Um dia Òrùnmílá saiu de seu palácio para dar um passeio acompanhado de todo seu séquito. Em certo ponto deparou com outro cortejo, do qual a figura principal era uma mulher muito bonita. Òrùnmílá ficou impressionado com tanta beleza e mandou Êşû, seu mensageiro, averiguar quem era ela. Êşû apresentou-se ante a mulher com todas as reverências e falou que seu senhor, Òrùnmílá, gostaria de saber seu nome. Ela disse que era Yemonjá, rainha das águas e esposa de Óşáálá.

Êşû voltou à presença de Òrùnmílá e relatou tudo o que soubera da identidade da mulher. Òrùnmílá, então, mandou convidá-la ao seu palácio, dizendo que desejava conhecê-la. Yemonjá não atendeu o seu convite imediato, mas um dia foi visitar Òrùnmílá.

Ninguém sabe ao certo o que se passou no palácio, mas o fato é que Yemonjá ficou grávida depois da visita a Òrùnmílá. Yemonjá deu à luz a uma linda menina. Como Yemonjá já tivera muitos filhos com seu marido, Òrùnmílá enviou Êşû para comprovar se a criança era mesmo filha dele. Ele devia procurar sinais no corpo. Se a menina apresentasse alguma marca, mancha ou caroço na cabeça seria filha de Òrùnmílá e deveria ser levada para viver com ele.

Assim foi atestado, pelas macas de nascença, que a criança mais nova de Yemonjá era de Òrùnmílá. Foi criada pelo pai, que satisfazia todos os seus caprichos.

Por isso cresceu cheia de vontades e vaidades, o nome dessa filha é Ôşûn.



(Templo de Ôşûn)

### **Ọ̀sún exige a filha do rei em sacrifício**

Certa vez, o rei de *Oloú*, precisava atravessar o rio onde vivia Ọ̀sún, o rio naquele dia se encontrava enfurecido e os exércitos do rei não podiam passar pelas traiçoeiras correntezas.

*Oloú* fez um pacto com Ọ̀sún para que baixasse o nível das águas, em troca lhe oferecia uma bela prenda, Ọ̀sún entendeu que *Oloú* estava prometendo Prenda Bela.

Prenda Bela era o nome da mulher de *Oloú*, filha dileta do rei de *Ibadá*. Ọ̀sún baixou o nível das águas e *Oloú* passou com seu exército. *Oloú* jogou no rio a bela prenda: uma grande oferenda com as melhores comidas e bebidas, os mais finos tecidos, jóias luxuosas e raros perfumes, correntes de ouro puro, banhos preciosos.

Tudo foi devolvido para as areias das margens de Ọ̀sún, Ọ̀sún só queria Prenda Bela, a princesa. Tempos depois, *Oloú* retornou vitorioso de sua expedição e, ao chegar ao rio, este novamente estava turbulento, o rei ofereceu de novo o mesmo que ofertara antes: uma bela prenda com as melhores comidas e bebidas os mais finos tecidos, jóias luxuosas e raros perfumes, correntes de ouro puro, banhos preciosos. Ọ̀sún recusou o oferecido, tudo foi devolvido à praia, intocado, ela queria Prenda Bela, a esposa de *Oloú*, que estava grávida, contrariado, mas sem ter outra saída, *Oloú* lançou ao rio sua indefesa e grávida consorte, ao ser lançada às águas revoltas, Prenda Bela deu à luz uma criança, Ọ̀sún devolveu a criança; era somente Prenda Bela que ela queria.

*Oloú* seguiu seu caminho, retomando muito triste a seu reino, o rei *Ibadá* logo foi informado do fim trágico da filha, declarou guerra a *Oloú*, venceu-o e o expulsou para sempre do país.

### **Ọ̀sún Opará tem inveja de Ọ̀yá**

Vivia Ọ̀sún no palácio em Ijimu, passava os dias no seu quarto olhando seus espelhos, eram conchas polidas onde apreciava sua imagem bela.

Um dia saiu Ọ̀sún do quarto e deixou a porta aberta, sua irmã Ọ̀yá entrou no aposento, extasiou-se com aquele mundo de espelhos, viu-se neles.



As conchas fizeram espantosa revelação a *Oya*, ela era linda! A mais bela! A mais bonita de todas as mulheres! *Oya* descobriu sua beleza nos espelhos de *Ọsún*, *Oyá* se encantou, mas também se assustou: era ela mais bonita que *Ọsún*, a Bela.

Tão feliz ficou que contou do seu achado a todo mundo, e *Ọsún Apará* removeu amarga inveja, já não era a mais bonita das mulheres, vingou-se.

Um dia foi à casa de *Egungum* e lhe roubou o espelho, o espelho que só mostra a morte, a imagem horrível de tudo o que é feio, pôs o espelho do Espectro no quarto de *Oya* e esperou. *Oya* entrou no quarto, deu-se conta do objeto, *Ọsún* trancou *Oya* pelo lado de fora, *Oya* olhou no espelho e se desesperou.

Tentou fugir, impossível, estava presa com sua terrível imagem, correu pelo quarto em desespero, atirou-se no chão, bateu a cabeça nas paredes, não logrou escapar nem do quarto nem da visão tenebrosa da feiúra. *Oya* enlouqueceu, *Oya* deixou este mundo.

Obátálá, que a tudo assistia, repreendeu *Apará* e transformou *Oya* em *Órisá*. Decidiu que a imagem de *Oya* nunca seria esquecida por *Ọsún*. Obátálá condenou *Apará* a se vestir para sempre com as cores usadas por *Oya*, levando nas jóias e nas armas de guerreira o mesmo metal empregado pela irmã.







## **Yemonjá**

*Iemanjá, Yemanjá, Yemaya, Iemoja ou Yemonjá*, é um *Òrìṣà* africano, cujo nome deriva da expressão Iorubá "Yèyé omo ejá" ("Mãe cujos filhos são peixes"), identificada no jogo do merindilogun pelos *odù ejibé* e *ossá*.

Na Mitologia Yoruba, a dona do mar é *Olokun* que é o pai de *Yemonjá*, ambas de origem *Egbá*.

*Yemonjá*, que é saudada como *Odó* (rio) *Iyá* (mãe) pelo povo *Egbá*, por sua ligação com *Olokun*, *Òrìṣà* do mar (masculino (em *Benin*) ou feminino (em *Ifé*), muitas vezes é referida como sendo a rainha do mar em outros países. Cultuada no rio *Ògùn* em Abeokuta

### **História**

Pierre Verger no livro *Dieux D'Afrique* registrou: "Iemanjá, é o *Òrìṣà* dos *Egbá*, uma nação Yorubá estabelecida outrora na região entre *Ifé* e *Ibadan*, onde existe ainda o rio *Yemonjá*. Com as guerras entre nações Yorubás levaram os *Egbá* a emigrar na direção oeste, para Abeokuta, no início do século XIX. Não lhes foi possível levar o rio, mas, transportaram consigo os objetos sagrados, suportes do *àṣe* da divindade, e o rio *Ògùn*, que atravessa a região, tornou-se, a partir de então, a nova morada de Iemanjá. Este rio *Ògùn* não deve, entretanto, ser confundido com *Ògùn*, o *Òrìṣà* do ferro e dos ferreiros."

**Algumas *Òrìṣás Yemonja* cultuados entre os templo do segmento *Nàgò'Kòbì*:**

***Yemoja Bomí ou Soba***: fiandeira de algodão, foi esposa de Orunmilá (azul claro)

***Yemoja Bocí ou Sesu/Susure***: voluntariosa e respeitável, mensageira de Olokun (azul claro, podendo acrescentar o cristal 1 x 1)

***Iya Masemale/Iamasse***: mãe de sangò (azul claro leitoso)

***Olobomi ou Awoyó/Iemowo***: a mais velha de todas, esposa de *Òṣàlá* (azul claro, podendo usar azul claro com cristal transparente, 4 azul clara e 1 transparente)

**Nanã Burukun** - esta divindade é considerada muito velha, e na cultura Nâgô'Kobi é cultuada entre as Yemonjas, mesmo não sendo uma yemonjá, ela foi agregada em determinado momento da estruturação da cultura, veja algumas Nanã cultuadas:

**Obáiyá:** é um Orisá ligado a água, a lama e aos pântanos.

**Ajáosi:** é uma Nâná guerreira e agressiva que veio de Ifé, e confunde-se às vezes com Obá. É uma divindade das águas doces, e que se veste de azul claro com vermelho.

**Yewá** é outra divindade aglutinada entre as Yemonjá.

**Yemoja Tuman/Aynu/Iewa** = sobre o mar a névoa das águas (azul claro e branco 1 x 1)

**Saudação:** Omim odó! (águas do rio)

**Dia da Semana:** Sexta - feira

**Número:** 08 e seus múltiplos

**Cor:** azul claro, azul forte ou incolor, dependendo da característica da Mãe

**Ileke:** na sua maioria rege o azul claro, podendo acompanhar o cristal transparente, para Nanã - 04 contas azul claro e 01 vermelha, Yewa azul e branca 1 x 1.

**Oferenda:** canjica branca, canjica branca temperada com cheiro verde ou peixe

**Ferramentas:** todos os adornos femininos em prata, peixe, leque, caramujos, barco, âncora, leme, conchas, lua, moedas e búzios

**Ave:** Galinha branca

**Quatro pé:** ovelha

#### Lendas de Yemonjá



#### Yemonjá joga búzios na ausência de Òrúnmílá

Yemonjá e Òrúnmílá eram casados. Òrúnmílá era um grande adivinho, com seus dotes sabia interpretar os segredos dos búzios. Certa vez Òrúnmílá viajou e demorou para voltar e Yemonjá viu-se sem dinheiro em casa. Então, usando o oráculo do marido ausente, passou a atender uma grande clientela e fez muito dinheiro.

No caminho de volta para casa, Òrúnmílá ficou sabendo que havia em sua aldeia uma mulher de grande sabedoria e poder de cura, que com a perfeição de um babaláwo jogava búzios. Ficou desconfiado, quando voltou, não se apresentou a Yemonjá, preferindo vigiar, escondido, o movimento em sua casa.

Não demorou a constatar que era mesmo a sua mulher a autora daqueles feitos, Òrúnmílá repreendeu duramente Yemonjá, ela disse que fez aquilo para não morrer de fome, mas o marido contrariado a levou perante Olofin-Olódúmarê.

Olofin reiterou que Òrúnmílá era e continuaria sendo o único dono do jogo oracular que permite a leitura do destino. Ele era o legítimo conhecedor pleno das histórias que forma a ciência dos dezesesseis Odù. Só o sábio Òrúnmílá pode ler a complexidade e as minúcias do destino, mas reconheceu que Yemonjá tinha um pendor para aquela arte, pois em pouco tempo angariara grande freguesia.

Deu a ela então autoridade para interpretar as situações mais simples, que não envolvessem o saber completo dos dezesesseis Odù, assim as mulheres ganharam uma atribuição antes totalmente masculina.

***Olokun isola-se no fundo do oceano***

*Olokún* vivia na água e vivia na terra, a natureza de *Olokún* era anfíbia, *Olokún* tinha vergonha de sua natureza, pois ela não era nem uma coisa nem outra.

Ela se sentia muito atraída por *Ọrísá Oco*, mas não queria ter relações com ele, pois temia ser objeto de ridículo. *Olokún*, então, pediu conselho a *Olofin*, que lhe assegurou que *Ọrísá Oco* era um homem sério e reservado.

*Olokún* criou coragem e foi viver com o *Ọrísá* lavrador, mas este descobriu a particularidade que existia na natureza de *Olokún* e contou a todos. Todos ficaram sabendo da ambígua natureza de *Olokún*, a vergonha fez com que *Olokún* se escondesse no fundo do oceano, onde tudo é desconhecido e aonde ninguém nunca pode chegar.

*Olokún* nunca mais deixou o mar e agora só esse é o seu domínio, outros dizem que *Olokún* se transformou numa sereia, ou uma serpente marinha que habita os oceanos, mas isso ninguém jamais pôde provar.





***Iyewá é o Òrìṣà da alegria, do belo, dos cantos, da vida e das belezas que a vida nos dá.***

*Iyewá é quem rege todas as mutações, seja elas orgânicas ou inorgânicas; é o Òrìṣà responsável pela mudança das águas, de seu estado sólido para gasoso ou vice-versa. Ela é quem gera as nuvens e chuvas; quando olhamos para o céu e vemos as nuvens formando figuras, pois ali está Iyewá, dando diferentes forma. Iyewá é responsável pelo ciclo interminável de transformação da água em seu diversos estados. Ela está ligada às mutações dos vegetais e animais; ela está ligada às mudanças e transformações, seja brusca ou lentas; Iyewá é o desabrochar de um botão de rosa, ela é uma lagarta que se transforma em borboleta, ela é a água que vira gelo e o gelo que vira água, ela quem faz e desfaz. Iyewá é a própria beleza contida naquilo que tem vida é o som que encanta, é a alegria, é a transformação do mal para o bem; enfim Iyewá é a vida.*

É reverenciada como a dona do mundo e dona dos horizontes.

Em algumas lendas aparece como a esposa de Oxumaré e pertencendo a ela a faixa branca do arco-íris, em outras como esposa de Obaluaíyé ou Omulu.

#### ***IYEWÁ - Orixá dos horizontes e fontes!***

Conta-se uma lenda, que Ewá era esposa de Omulu, e era estéril, não podendo conceder um filho ao seu grande amado, sofrendo muito por isso.

Em uma bela tarde, a dona dos horizontes, estava-se a deleitar as margens de um rio, juntamente com suas serviçais que lavavam vários alás (panos brancos). De repente, surge de dentro da floresta afigura de uma pessoa, que corria muito e muito assustado. - Como ousas interromper o deleite da mulher de Omulu, quem é você? - indagou - Ewá, sobre a irreverência do rapaz.

- Ewa! não era minha intenção interromper tão sagrado ato, oh! esposa de Obaluaíyé!

Porém Ikú (a morte), persegue-me a vários dias e preciso escapar dela, pois tenho ainda um grande destino a seguir.

Peço sua ajuda Ewá, peço que me escondas para que Ikú não me pegue? - Gostei de você e vou ajuda-lo, esconda-se sobre os alás que minhas serviçais estão a lavar, e eu despistarei Ikú de seu caminho.

E assim foi feito,o jovem rapaz pôs a se esconder sobre os panos brancos.

Alguns minutos se passaram,e eis que aparece *Ikú*. A morte!

- Como ousas a entrar aos domínios de minha morada,quem és tu? Pergunta Ewa com ar de indignada.

- Sou *Ikú*, e entro onde as pessoas menos esperam, entro e carrego comigo, dezenas, centenas e até milhares de pessoas ! Porém hoje estou a procurar um jovem rapaz, que esta a me escapar a dias, você o viu passar por aqui? Perguntou *Ikú* para Ewá.

- Eu o vi sim *Ikú*, ele foi naquela direção. - Ewa apontava para um direção totalmente oposta ao das suas aldeãs, que estavam a esconder o jovem rapaz. *Ikú* agradeceu e seguiu pelo caminho indicado. Sendo assim, o rapaz pode se desfazer de seu esconderijo e agradeceu Ewá.

- Ewá, agradeço sua ajuda, terei tempo agora, de prosseguir meu caminho. Sou um grande adivinho, e em sinal de minha gratidão, apartir de hoje presenteio-lhe com o dom da adivinhação.

Ewá, agradeceu o presente do belo rapaz, que já havia sevirado para ir embora, quando retornou e falou a Ewá.

-Sim eu sei, você não pode ter filhos, pois lhe dou isso também, a partir de hoje poderá ter filhos e alegrar ao seu marido.

Então Ewá,agradeceu novamente muito contente e perguntou ao jovem rapaz.

- Qual é seu nome?

E o rapaz respondeu...

- Meu nome é Ifá!

### A caçadora

*Iyewá* era caçadora de grande beleza, que cegava com veneno quem se atrevesse a olhar para ela. *Iyewá* casou com *Omolu*, que logo demonstrou ser marido ciumento. Um dia, envenenado pôr seu ciúme doentio, *Omolu* desconfiou da fidelidade da mulher e a prendeu em um formigueiro. As formigas picaram *Iyewá* quase até a morte; e ela ficou deformada e feia. Para esconder sua deformação, sua feiúra, *Omolu* então a cobriu com palha-da-costa vermelha. Assim todos se lembrariam ainda como *Iyewá* tinha sido uma caçadora de grande beleza.



(Sacerdotiza de Iyewà )



## Òṣàálá

Òrìṣàálá ou Obátálá na África, "O Grande Òrìṣà" ou "O Rei do Pano Branco" para os Yorubás, criador do mundo, dos homens, animais e plantas. Foi o primeiro Òrìṣà criado por Olodumare e é considerado o maior de todos os Òrìṣà. É o mais velho dos Òrìṣà, o rei de vestes brancas, raiz de todos os outros Òṣàálá. Ele não é feito, faz-se Ayrá ou Òsún Opará. É o pai de Oṣàlúfón, que por sua vez é o pai de Oṣoguan, tão grande e poderoso é Obátálá que não se manifesta, sua palavra transforma-se, imediatamente, em realidade.

Representa a massa de ar, as águas frias e imóveis do começo do mundo, controla a formação de novos seres, é o senhor dos vivos e dos mortos, preside o nascimento, a iniciação e a morte.

Ele deu a palavra ao homem e durante suas festas não se fala durante três semanas tudo é silêncio, pois a palavra é dele. África Obátálá é o filho direto de Olórun o criador do universo. Depois de criado o universo e a terra em específico, depois de quatro dias, resolveu dar vida a terra e enviou seu filho direto "Obátálá" para esse fim à terra que até então era composta de água. Vindo com o saco da criação Obátálá trouxe consigo uma galinha d'angola que foi responsável por espalhar a terra sobre as águas, dando desta maneira forma à terra até então composta de água, depois de criado os montes etc...

Obátálá criou os vegetais, animais e por ultimo da própria criação "terra" moldou o ser humano com o barro e com o sopro de Olórun o ser humano recebeu a vida. Por isso se você tem um grande problema de saúde é a este Òrìṣà que se pode recorrer; claro que dependendo do tipo de saúde que seja, podemos recorrer também a outros Òrìṣà...

Obátálá é quem rege tudo o que é branco sobre a terra em todos os sentidos da palavra; pureza... Obátálá - Oba (rei) alá (branco) Òṣàálá - Palavra de origem árabe, mais precisamente de inshalla, com o significado de "se Deus quiser, se Deus o permitir".



*Òrìṣà-Nlá*, *Òrìṣàálá* ou (*Orixalá* e *Oxalá* em português) é o primeiro *Òrìṣà Funfun* nascido diretamente de *Olórun* (DEUS) (tudo desses *Òrìṣà* é de cor branca).

O Reverendo Samuel Johnson, no livro *The History of the Yorubas*, Lagos, 1937, escreve: “*Òṣàálá* é encarregado do poder criador e é considerado um co-trabalhador de *Olórun*. Supõe-se que o homem tenha sido feito por Deus e modelado por *Òṣàálá*.”

Seus adeptos se distinguem pelo uso de colares de contas brancas e pelas roupas brancas. Não podem beber vinho de palmeira.

Os sacrifícios por eles oferecidos não podem conter sal.

Os albinos, os anões, os estropiados e os corcundas são considerados sagrados por esse *Òrìṣà*.

*Òṣàálá* é o nome comum, conhecido e adorado em diversas cidades e sob diversos nomes. *Òrìṣà Oluofin* em *Iwofin*, *Òrìṣàko* em *Oko*, *Òrìṣákire* em *Ikire*, *Òrìṣàgiyan* em *Ejigbo*, *Òrìṣàguin* em *Owu*, *Òrìṣàjaye* em *Ijaye*, *Obátálá* em *Oba*.” *Òṣàálá* é o *Òrìṣà* associado à criação do mundo e da espécie humana.

Apresenta-se de duas maneiras: moço – chamado *Òrìṣàjìyán*, e velho – chamado *Oṣalufan*. Os símbolos do primeiro é uma *idá* (espada), “mão de pilão” e escudo. O do segundo *Òrìṣàjìyán* é o branco levemente mesclado com azul, a de *Oṣalufan* é somente branco. O dia consagrado para ambos na África é a sexta-feira.

*Òṣàálá* é considerado e cultuado como o maior e mais respeitado de todos os *Òrìṣà* do panteão africano. Simboliza a paz e o pai maior nas nações das religiões de tradição africana.

É calmo, sereno, pacificador, é o criador, portanto respeitado por todos os *Òrìṣà* e todas as nações.

A *Òṣàálá* pertence os olhos que vêem tudo.

**Alguns *Orishás* *Òṣàálá* cultuados entre os templo do segmento *Nàgó'Kòbí*:**

***Orishá* *Òbokún*:** O rei de *Ijesá*, conhecido entre os Nago como *Òṣálá* porem foi um guerreiro, filho de mais novo de *Odúduwá* (branco rajado de cinza claro ou cinza muito clarinho).

***Orishá* *Olokun*:** senhor do oceano para os Yorubás, pai de *Yemonjá*. (branco com cristal 1x1)

***Orishá* *Dakún* ou *Olofon*:** o fiador de algodão (branco).

***Orishá* *Jobokún*:** que traz as águas. (branco)

***Òṣàálá* / *Obátálá*:** é casado com *Yemowo*, suas imagens são colocadas uma do lado da outra e cobertas com traços e pontos desenhados com *efum*, no *ilésin*, local de adoração, dizem que *Yemowo* foi a única mulher de *Òṣàálá* - *Obátálá* um caso excepcional de monogamia entre *Orishá* e eboras (branco com cristal 1 x 1)

***Orishá* de *Orumiláia*:** importantíssimo para o culto Yorubá, pois com ele recebemos nosso *áṣe* de búzios (branco com preto 1 x 1)

***Orishá* *Oduduwa*:** O *Orishá* *funfun* mais antigo, irmão de *Obátálá*. (branco)

**Saudação:** *Epaô epa Baba!*

**Dia da Semana:** Domingo

**Número:** 08 e seus múltiplos

**Cor:** Branco para todos com exceção de Branco com preto para *Òṣàálá* de *Orumiláia* ou cinza bem claro para *Òbokún*

***Ileke*:** toda branca fora 01 branca, 01 preta, 01 branca para *Òṣàálá* de *Orumiláia*

**Oferenda:** canjica branca, *Igbin*.

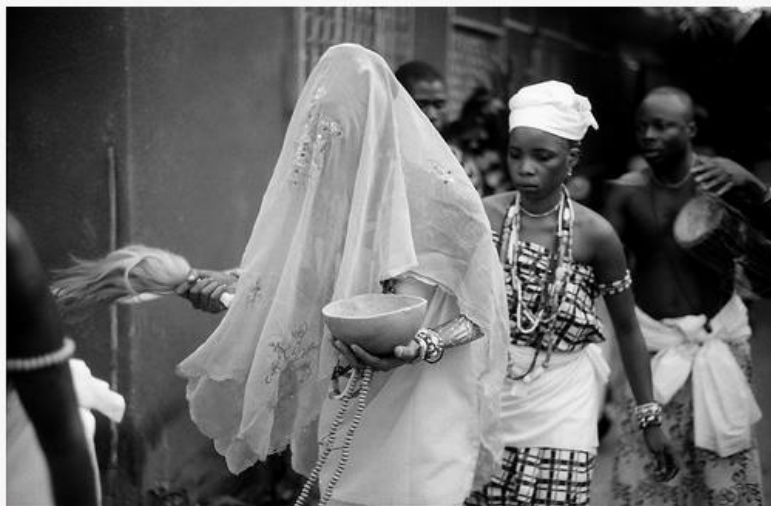
**Ferramentas:** jóias em prata, caramujo, sol, cajado, pomba de prata, moedas e búzios, para *Òṣàálá* de *Orumiláia* acrescentamos olhos de prata.

**Ave:** Galinha branca com exceção de galinha branca mais galinha preta para *Ôôšáálá* de *Orumiláia*

**Quatro pé:** cabrita branca e cabrita branca com pequenas manchas pretas para *Ôôšáálá* de *Orumiláia*.

*Odúduwá*, foneticamente escrito como *Odúduwá*, e às vezes contraído como *Odúduwá*, *Oódua*, geralmente é mantido entre os Yorubas por ser o ancestral dos reis Yorubas coroados. Brasil É um *Ôrišá*, *Odúduá* - *Oduduwa* - *Odúduwá*, foi um rei que teria vindo do leste, no momento das correntes migratórias causadas por uma invasão berbere no Egito. Segundo Pierre Verger, esse fato provocou deslocamentos de populações inteiras, expulsando-se progressivamente umas às outras, em direção ao oeste, para terminar em Borgu, também chamada região dos Banbas. O rei *Oduduwa* ou *Oduwa*, era o pai de *Oranian* o fundador de *Óyó*.





*(Òṣàálá em Idetá)*

### Lendas de *Òṣàálá*

#### *Òṣàálá* é preso injustamente

*Òṣàálá* era um rei muito idoso que andava com dificuldade, apoiado em seu cajado (*opasorô*). Um dia, sentindo saudades do filho *Šàngó*, resolveu visitá-lo. Mas, um babalaô recomendou que não viajasse, no entanto *Òṣàálá* estava determinado e foi aconselhado a levar três roupas brancas e limo da costa e fazer tudo o que lhe pedissem.

Sua viagem teve início e no meio do caminho, encontrou *Èṣù Elepô*, dono do azeite-de-dendê, sentado à beira do caminho, com um pote ao lado, este solicitou a ajuda do ancião para colocar o pote no ombro. E *Òṣàálá* assim o fez, lembrando-se das palavras do *babalawô*, mas, *Èṣù* derramou o dendê sobre *Òṣàálá*. O *Òṣàálá* manteve a calma, limpou-se no rio e vestiu outra roupa para prosseguir a viagem. Mais adiante encontrou *Èṣù Onidu*, dono do carvão, e *Èṣù Aladi*, dono do óleo do caroço do dendê. Por duas vezes mais foi vítima dos brincalhões, mas limpou-se e trocou de roupa e prosseguiu viagem até o reino de *Šàngó*. Ao chegar aos domínios do filho, avistou um cavalo perdido que outrora foi dado como presente a *Šàngó* e o amarrrou para levar de volta ao seu dono. Os soldados do palácio o julgaram um ladrão. E o espaçaram até quebrar os ossos e o colocaram no calabouço. Usando seus poderes, *Òṣàálá* fez com que não chovesse mais desse dia em diante, as colheitas foram prejudicadas e as mulheres ficaram estéreis.

Preocupado com isso, *Šàngó* consultou seu babalaô e este afirmou que os problemas se relacionavam a uma injustiça cometida sete anos antes, pois um dos presos foi acusado de roubo indevidamente. O *Òṣàálá* dirigiu-se à prisão e reconheceu o pai. Envergonhado, ordenou que trouxessem água para limpá-lo e, a partir desse dia, exigiu que todos no reino se vestissem de branco em sinal de respeito ao pai. Pai de todos os *Òṣàálá* e mortais, *Òṣàálá* é o maior e mais respeitado *Òṣàálá* nas Nações africanas, a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o Criador e Administrador do Universo. Quando moço, se manifesta em seu Cavalo-de-Santo dançando como os outros *Òṣàálá*, quando se apresenta em suas passagens velhas, chega se arrastando caminhando com dificuldade, muitas vezes fica parado no lugar esperando o auxílio de algum *Òṣàálá* moço. Pertence a *Òṣàálá* de *Orumíláia* a visão espiritual, como consequência o jogo de Búzios



### **Òrìṣàjìyán manda libertar o amigo preso injustamente**

O filho de Òṣàálá tornou-se um guerreiro forte e decidiu um dia conquistar um reino para si. Partiu em companhia de seu amigo *Auolédjê*, conquistou *Ejigbô*, tornando-se seu rei, o *Elejigbô*. O rei tinha uma grande paixão, comer inhame pilado, e comia com gula, tanto que o chamavam *Òrìṣàjìyán*, que quer dizer "Òṣàálá Comedor de Inhame Pilado".

Um dia *Auolédjê*, que era grande *babalawô*, precisou partir de *Ejigbô*, antes disso, aconselhou *Òrìṣàjìyán* que fizesse oferendas, que tornariam o reino próspero. Assim, como previa *Auolédjê*, *Ejigbô* tornou-se uma grande cidade, rica e bem guardada pelos bravos soldados de *Òrìṣàjìyán*. O rei *Elejigbô* vivia em fausto entre seus súditos, por quem era chamado de "*Kabiyesi*", que é o mesmo que Sua Majestade. Na intimidade os amigos o chamavam de "Comedor de Inhame Pilado", mas em público isso era uma heresia. Anos mais tarde, *Auolédjê* retornou a *Ejigbô*. Ao adentrar a cidade, procurou logo por *Òrìṣàjìyán*, "Onde está o Comedor de Inhame Pilado?", perguntaram, os soldados, que não o conheciam, ficaram furiosos com tamanha insolência. Isso era jeito de se referir ao rei?

Prenderam e maltrataram o desconhecido amigo de *Kabiyesi*, *Auolédjê* ressentiu-se da humilhação, com seus poderes mágicos, vingou-se. Durante sete anos todas as catástrofes conhecidas, e não faltando a seca, assolaram o reino de *Òrìṣàjìyán*. *Òrìṣàjìyán*, desesperado, procurou os *Òrìṣàjìyán* libertou-o, mas ainda ressentido, escondeu-se na mata. *Elejigbô* buscou o velho amigo, suplicando seu perdão, *Auolédjê* cedeu com uma condição: que nunca aquele povo se esquecesse dessa injustiça, Todos os anos o povo deveria flagelar-se, em memória do funesto acontecido. Assim, todos os anos, o rei deveria mandar pessoas à floresta cortar varetas. Os súditos, divididos em dois grupos, tomariam as varas, simulariam golpes uns nos outros, sem parar, até que as varetas se quebrassem, para que nunca se esquecessem daquela injustiça praticada contra o amigo de *Òrìṣàjìyán*. Assim foi feito e o reino de *Òrìṣàjìyán* voltou à tranquilidade e *Òrìṣàjìyán* foi o maior dos reis de *Ejigbô*. Quando ele foi para o *Òrun*, transformado em orishá, seu culto não se esqueceu do velho amigo *babalawô*, coma as varetas de *Òrìṣàjìyán*, com atoris, seus adeptos renovam sempre a memória da injustiça, para que ela não volte a acontecer.

### **Òrìṣàjìyán inventa o pilão**

Òṣàálá, rei de *Ejibô*, vivia em guerra, ele tinha muitos nomes, uns o chamavam de *Elemoxó*, outros de *Ajaguná*, ou ainda *Aquinjolê*, filho de *Oguirinlá*. Gostava de guerrear e de comer, gostava muito de uma mesa farta, comia caracóis, canjica, pombos brancos, mas gostava mais de inhame amassado, jamais se sentava para comer se faltasse inhame. Seus jantares se estavam sempre atrasados, pois era muito demorado preparar o inhame, *Elejigbô*, o rei de *Ejibô*, estava assim sempre faminto, sempre castigando as cozinheiras, sempre chegando tarde para fazer a guerra. *Òṣàálá* então consultou os *babalawôs*, fez oferendas a Exu e trouxe para humanidade uma nova invenção. O rei de *Ejibô* inventou o pilão e com o pilão ficou mais fácil preparar o inhame e *Elejigbô* pôde se fartar e fazer todas as suas guerras. Tão famoso ficou o rei por seu apetite pelo inhame que todos agora o chamam de “*Orisá Comedor de Inhame Pilado*”, o mesmo que *Òrìṣàjìyán* na língua do lugar.

### **Òṣàálá cria a galinha d'angola e espanta a Morte**

Há muito tempo, a Morte instalou-se numa cidade e dali não quis mais ir embora. A mortandade que ela provocava era sem tamanho e todas as pessoas do lugar estavam apavoradas, a cada instante tombava mais um morto. Para a Morte não fazia diferença alguma se o defunto fosse homem ou mulher, se o falecido fosse velho, adulto ou criança. A população, desesperada e impotente, recorreu a *Òṣàálá*, rogando-lhe que ajudasse o povo daquela infeliz cidade. *Òṣàálá*, então, mandou que fizessem oferendas, que ofertassem uma galinha preta e o pó de giz efum, fizeram tudo como ordenava *Òṣàálá*. Com o efum pintaram as pontas das penas da galinha preta e em seguida a soltaram no mercado. Quando a Morte viu aquele estranho bicho, assustou-se e imediatamente foi-se embora, deixando em paz o povo daquela cidade. Foi assim que *Òṣàálá* fez surgir a galinha d'angola. Desde então, as iaôs, sacerdotisas dos *òrìṣá*, são pintadas como ela para que todos se lembrem da sabedoria de *Òṣàálá* e da sua compaixão.

### ***Orişálá ganha o mel de Odé***

Ôrişáálá vivia com Odé debaixo do pé de algodão, Odé ia para a caça e levava sempre Ôôşáálá, eles eram grandes companheiros, mas Odé reclamava sempre de Ôrişáálá, que era muito lento e andava devagar, estava muito velho o ôrişá do pano branco, e Orişálá reclamava de Odé (Ôşóssi), que era muito rápido e sempre andava bem depressa, era muito jovem o caçador, então os dois resolveram se separar, mas Odé estava muito triste, porque fora criado por Ôrişáálá, e Ôrişáálá estava muito triste, porque fora ele quem criara Odé. Odé disse então a Ôrişáálá que todo o mel que ele colhesse seria sempre dado a Ôrişáálá e que

ele mesmo nunca mais provaria uma gota, reservando tudo o que coletasse ao velho ôrişá, e que Ôrişáálá sempre dele se lembrasse, quando comesse seu arroz com mel do caçador. Nunca mais Odé comeu do mel, nunca mais Ôrişáálá de Odé se esqueceu.



***Politeísmo, a base das religiões espalhadas pelos continentes.***

Religião; um tema às vezes tão complexo quanto sua origem. Capaz de expressar a cultura, a estrutura de um povo e relatar a história de vida por meio da fé, levando em consideração a diversidade dos costumes e até mesmo as ramificações de cada religião. Muitas vezes elas se contradizem entre o monoteísmo e abrem poder na trindade, que seriam três personalidades de grande importância no pilar da religião, justamente como o cristianismo, que mesmo sob a bandeira de um Deus maior baseia-se na trindade incorpórea da fé contrapondo, para alguns, a tese monoteísta.

Indo além, se o cristianismo tem um Deus onipotente, mas é para Jesus que todos recorrem. Jesus Cristo além de mais famoso é considerado mais importante que o próprio Deus dos cristãos. Algumas religiões que o referenciam acreditam que ele tem mais poder que o próprio "Criador" assumindo a frente dos votos e solicitações dos seguidores. Tanto que Jesus é referenciado até mesmo dentro de alguns templos de origem afro-brasileira como a Umbanda, Quimbanda e Espíritas.

Uma grande contradição paira sobre a cultura africana, até mesmo as religiões com influência dos Deuses negros (orisás). Uma religião que acredita num Deus supremo com nome de *Olódúmaré* - agregando o povo do céu chamado de *Irum* - baseia-se na criação do universo. Desta forma, *Olódúmaré* desejou criar a Terra e pediu para um *Irum* descer e iniciar a criação, seu nome é conhecido por todos como *Odùdúwa*, assim ele fez a Terra e onde começou a criação é conhecido até hoje por *Ilé-Ifé*. Deste ponto surge o planeta, os reinos e o homem.

*Ilé-Ifé* é conhecido por ser o primeiro local a ser tocado pelas demais divindades e foi nesta cidade que se iniciou o culto aos *Iruns* que mais tarde passariam a ser chamados de *Orisás* (os que escolhem as cabeças – *Ori* = cabeça; *sá* = escolhem).

Com grande quantidade de *Orisás* cultuados no planeta, a religião africana e as religiões afro-brasileiras se contradizem ao afirmar que são monoteístas, pois para que isso seja feito existe a necessidade de cultuar um Deus único, ou seja, sem as demais divindades chamadas de *Orisás*.



Para os africanos e seus descendentes religiosos *Olódúmaré*, o grande Deus, tem a finalidade, apenas, de criar os *Irun*. Ele não exerce mais atividade e não é cultuado nos templos. Assim, acreditar num ser Onipotente como o gerador deste poder e não cultuá-lo não quer dizer que os seguidores da cultura afros são monoteístas.

Para o monoteísmo reinar dentro da cultura afro haveria necessidade de uma revolução religiosa e o poder dos *Orisás* cair em simples intercessores de *Olódúmaré*. Cada terreiro deverá descer a comunheira do dono da casa e dos *Orisá do Ilê*, deixando todos os demais assentamentos sagrados para fora e cultuar apenas *Olódúmaré*. Como foi feito por *Akenathon* no antigo Egito, durante a revolução religiosa, onde ele parte para Heliópolis e funda o templo do deus *Rá*. Abandonando o panteão egípcio e assumindo *Rá* como o deus supremo.

Observando que cada *Orisá* possui o poder de criar e mudar o destino do povo da Terra, conforme seus caprichos, nos faz acreditar que a religião afro-brasileira é politeísta mesmo acreditando em um deus central, "*Olódúmaré*".

Não há registro de algum templo erigido para *Olódúmaré* em lugar algum do planeta. Sabe-se apenas que os templos religiosos afro-brasileiros são estruturados e fundamentados para a divindade da cabeça do seu fundador ou de algum antepassado. Até mesmo na África os templos são destinados a alguma divindade, não existem imagens ou sacrifícios para "*Olódúmaré*" dentro dos templos.

Para as casas de cultura afro-brasileiras, o *Orisá* é uma ramificação do deus maior com poder e manifestações que invocam grandes forças e revelações, como os deuses egípcios, gregos e os demais citados abaixo.

Com a vinda dos negros para o Brasil houve um telefone sem fio quebrando o elo da tradição das aldeias e seus *Orisá*. Contudo, a herança religiosa e a fundamentação de uma nova religião, no culto aos *Orisá*, se formaram no Brasil Imperial. Mais tarde, com a estruturação das nações definiu-se bem a origem do culto dividindo-se em *Vodum*, *Nikissi* e *Orisá*. Tal diferença se faz notável dentro de cada nação, pois alguns se diferenciam em elementos da natureza e antepassados. Para o homem moderno, a religião afro-brasileira busca o resgate do elo perdido com os escravos, aquele que rompeu com a vinda dos negros e com o assassinato cultural das religiões imperialistas ao tentar sufocar a cultura afro-brasileira no Brasil.



O candomblé e as nações dos orixás é politeísta e fundamentam-se num grande Deus, que simplesmente teve vontade de criar o Universo e delegou poder para os Irunis fazerem a sua moda e vontade esta criação. Por isso, as religiões de origem direta com a cultura afro têm sua base no politeísmo.

O mesmo acontece com a Umbanda que possui um Deus central, que também é esquecido pelos terreiros e seus sacerdotes dando lugar a Oxalá, orixás e entidades. Peculiarmente a Umbanda possui *Órisá* muito semelhantes aos orixás das nações africanas, com um diferencial no culto e na origem deles, pois os sacerdotes da Umbanda cultuam apenas os intermediários dos orixás e não diretamente os orixás africanos.

Um bom exemplo de monoteísmo é o espiritismo baseado no Deus maior, seu intercessor Jesus Cristo e as entidades. E tudo que é feito nos seus rituais envolve a indulgência de Jesus para chegar a Deus supremo. Não cultuam *Órisá* ou divindades, nada além de Jesus. Trabalhando com espíritos que já sabemos que são almas e não divindades.

Aproveitei e estendi o convite para alguns sacerdotes das religiões afro-brasileiras.

***Tatetu Nkosi Oluandeji – Nação Angola***

"Considero Politeísta, porque apesar de ter um grande "Deus" "*NZambi Umpungu*" como o criador adoramos as divindades os *Mikisi*, na África era feito por aldeia, cada aldeia cultuava seu *Nkisi*, seu Deus próprio apesar de *NZambi* ser o criador".

*Xenu pangi*

*Tatetu Nkosi Oluandeji*

Campinas SP

**Josi Moreira - Umbanda**

"Eu acredito que a Umbanda seja politeísta pelo fato que cultuamos orixás".

São Paulo – SP

**Babalorixá Paulo de Oyá do Ilê Aba Axé Oyá Obakosso.**

O Candomblé é uma religião monoteísta, pois acredita num único criador supremo - *Olorum*! Os *Órisá* que são os ancestrais divinizados associados aos aspectos da natureza, são parte do todo maior! São Paulo - SP

***Egbomi Omindowo de Yemanjá do Ilê Aba Axé Oyá Obakosso.***

Olorum é o Deus único! O grande criador! Os *Orisá* - ancestrais divinizados e associados com as forças da natureza- desempenham uma função como se fossem anjos. Por isso o Candomblé é monoteísta.  
São Paulo - SP

**Observe a semelhança das antigas religiões com as religiões afro-brasileiras;**

A religião Egípcia era riquíssima com seus deuses (muitos deles com corpo formado por parte humana e parte animal sagrado) e mitos. A cada deus era atribuído um poder, que atuava sobre a natureza ou mortais. Realizavam muitas oferendas e festas para agradar aos deuses, que possuíam personalidades e vontades. Cada qual com sua característica e templo, eram tratados pelos sacerdotes aos quais guardavam seus segredos a sete chaves.

A Mitologia Grega também teve grande influência sobre a cultura mundial, os gregos antigos enxergavam vida em quase tudo que os cercavam, buscando explicações para tudo. Poderemos notar também grande influência dos personagens divinos e figuras mitológicas que mesclam corpo humano e animais. Heróis, deuses, ninfas, titãs e centauros habitavam o mundo material, extensão em suas vidas. A Pitonisa, espécie de sacerdotisa, era convocada a interpretar a vontade dos deuses através dos sinais.

Xintoísmo se baseia na cultura nipônica, nos deuses que criaram o Japão e o seu povo em meados de 1868 até 1946. Os japoneses adoravam o imperador como um descendente direto de Amaterasu-Omikami, a deusa do sol e mais importante divindade da religião.

O imperador Hiroito renunciou ao caráter divino atribuído à realeza, e a nova Constituição do país passou a defender a liberdade de religião.

Contudo, 90% da população japonesa é xintoístas, e os que pertencem a outra religião, permanecem oferecendo sacrifícios devocionais aos deuses e celebrando suas cerimônias e rituais. O xintoísmo é representado por um portal de madeira vermelho, chamado de Tori. Todas as estradas para os templos possuem este Tori que é formado por duas colunas de madeira ligadas por duas vigas.

Mitologia Nórdica, os vikings são vistos como agressivos, primitivos, violentos e sedentos de sangue, semeando terror e morte. O Odin (Wotan) o deus maior, também com vários outros deuses primitivos alguns com formas animais.

Astecas e Maias, também possuíam vários deuses com poderes que decidiam a vida e estações do ano, formas animais eram usadas constantemente para representar seus deuses.

*Olódúmarè* – O deus central da cultura africana – *olo* = senhor, *odu* – destino, *maré* – supremo;

*NZambi Umpungu* - idem a *Olódúmarè*;

*Odùdúwa* – quem criou a terra;

*Irum* – divindades que habitavam o *orun*;

*orun* – céu;

*Ilé-Ifé* – aldeia sagrada do culto de Ifá, acredita-se que ali deu origem a humanidade;

*Ilé* - casa

*orí* – cabeça;

*şá* – escolher;

*vodum* - baseada nos ancestrais, que tem as suas raízes primárias entre os povos Ewe-Fon;

*Nkissi* - baseada nos ancestrais *kassanje* ou *bantu*;

*Orishá* – divindades do panteão africano;

*orixá* – divindade do panteão umbandista;

*Tatetu* – cargo de sacerdote na nação Angola;

Umbanda – culto afro-brasileiro aos espíritos e orixás;

Espiritismo – sessões que envolvem desobsessões e contatos com espíritos, baseada no cristianismo;

Candomblé – culto aos orishá, vodun e nkissi;

Quimbanda – culto aos espíritos da legião dos exus;

Kimbanda – culto ancestral de origem bantu, que lida com ervas e magia, prática branca;

Pesquisa com prof. Jorge Claudio Ribeiro (Depto) de Teologia Universidade PUC.

TV PUC <http://tv.pucsp.br/blog/>

[www.pucsp.br](http://www.pucsp.br)

Por **Erick Wolff8**

Edição - **Kueynislan Teodósio**

### **Óbokún Rei de Ilesa (Ijexá)**

*Ilesa* é uma cidade localizada em oeste de Nigéria; é também o nome de um estado histórico (também conhecido como *Ijesa*) centrou ao redor dessa cidade. O estado foi determinado por um monarca suportando o título de adimula de *Óbokún de Owa de Ijesaland*. O estado de *Ilesa* consistiu em *Ilesa* e um número de cercada de menores cidades.

O *Ijesa*, um termo também denotando as pessoas do estado de *Ilesa*, são parte do Estado presente de *Osun* de Nigéria. Alguns povoados populares do *Ijesa* são *Ibokun*, *Erin Ijesa*, *Ipetu Jesa*, *Ijebu Jesa*, *Aee Oke*, *Ipole*, *Ifewara*, *Iwara*, *Erinmo*, *Iwaraja*, *Idominasi*, *Ilase*, *Ilgangan*, *Imo* e muitos outros.

O *Ijesa* são muito bom em comércio e cortou um nicho para si como o arquiteto de negócio de “*Osomalo*” que é um método popular de comércio que permite que fregueses paguem installmentally de mercadoria.

O *Ilesa* é para casa ao *Ilesa Liceo* famoso e prestigioso, uma escola fundado por *Egbe Atunluse Ilesa* e manter de alma a muitos nigerianos incluindo uma Justiça Principal anterior da Federação, Alfa Belgore, um Governador anterior de Lagos Estado, *Alhaji Lateef Jakande* e o Chanceler anterior de Vício da Universidade de Lagos, Prof *Oye Ibidapo Obe*.

### **Os governadores (título Owa Obokun)**

*Bilagbayo*

*Ori Abejoye*

*Bilajagodo “Arijelesin”*

*Bilatutu “Otutu bi Osin”*

*Bilasa “Asa abodofunfun”*

*Akesan c.1800 Bilajara 1... - 1807*

*Ogbagba 1807 - 1813*

*Obara “Bilajila” 1813 - 1828*

*Odundun 1828 - 1833*

*Gbegbaaje 1833 - 1839*

*Ariyasunle (1st time) -Regent 1839*  
*Ofokutu 1839 - 1853*  
*Ariyasunle (2nd time) -Regent 1853*  
*Ponlose 1853 - 1867*  
*Alobe 1867 - 1869 4 Jun 1870*  
*Agunlejika I 1869 - 1871*  
*Vacant 4 Jun 1870*  
*Oweweniye (1st time) 1871 - 1873 Vacant 1873*  
*Oweweniye (2nd time) 1873 - 1875 Sep 1892*  
*Adimula Agunloye-bi-Oyinbo "Bepolonun" 1875*  
*Lowolodu Mar 1893 - Nov 1894 Vacant Nov 1894 - Apr 1896*  
*Ajimoko I Apr 1896 - Sep 1901*  
*Ataiyero 1901 - 1920*  
*Aromolaran 1920 - 1942*  
*Ajimoko "Haastrop" -Regent 1942 - 10 Sep 1942*  
*Ajimoko II "Fidipote" 10 Sep 1942 - 18 Oct 1956*  
*J. E. Awodiya -Regent 18 Oct 1956 - 1957*  
*Biladu III "Fiwajoye" 1957 - Jul 1963 .....-Regent Jul 1963 - 1966*  
*Agunlejika II 1966 - 1981*  
*Oba Gabriel Adekunle Aromolaran II 1982?*

Por Erick Wolff<sup>ee</sup>



## O Itàn e o Ese na aculturação da palavra

Extrato do livro "Obátálá e a Criação do Mundo Iorubá", de Luiz L. Marins, (a ser publicado) cujo capítulo visa esclarecer o uso da palavra itàn (história) como sinônimo de ese (verso) no eléese "Òrísá Dídá Ayé", poema da criação do mundo iorubá, do Odù Ejiogbè.

Algumas palavras iorubás em virtude das convenções gráficas adotadas depois da colonização europeia vem recebendo importantes modificações conceituais, sendo que muitos textos escritos em línguas europeias que usam palavras iorubás apresentam, sem perceber, estas modificações, criando alguns embaraços. Uma delas é a palavra itàn (história).

Em língua portuguesa uma história geralmente é contada em prosa, mas pode ser contada em verso (como no caso de "Os Lusíadas", de Camões) sem deixar de ser ou ter o conceito de história, portanto, em português, uma história pode ser em prosa ou verso, mas em iorubá isto não ocorre, pois a palavra iorubá para história é itàn, enquanto que a palavra ese é utilizada para verso.

Como o idioma iorubá era originalmente ágrafo, talvez seja este o motivo que os dicionários não registraram uma palavra nesse idioma que tenha os dois conceitos, tal qual ocorre para "história", story (inglês) e histoire (frances).

O primeiro ese (verso) Itàn àtówódówò[1], informa que o eléese[2] Òrísá Dídá Ayé é uma "história tradicional passada de geração para geração". De acordo com a gramática iorubá, isto é um contrassenso, um poema jamais será uma história, e vice-versa, o que nos leva a um estudo um pouco mais profundo neste assunto.

Sobre o conceito iorubá de prosa e poesia, Olatunde Olatunji (in Afolayan, 1982:70) fornece uma breve definição:

"A distinção entre prosa e poesia iorubá não é absoluta, mas relativa. Poesia iorubá pode ser falada, entoada ou cantada, com ênfase na sua forma artística, paralelismo, jogo de palavras, repetição, contraponto tonal, combinação léxica, etc; possui itens de léxico arcaico, distorções ou divergências tonais e gramaticais, socialmente e tradicionalmente fixo em um assunto definido. A prosa iorubá, por outro lado, coloca ênfase sobre um assunto definido, o qual é individualmente escolhido conforme a linguagem comum de falar onde a inteligibilidade é primordial. Contudo, nada demais lembrar que a distinção não é absoluta. A linguagem e o ritmo da prosa, entretanto, formam a base de fundação do verso"

Na diáspora afrobrasileira a palavra *ese* não é usual, ficando restrita aos meios intelectuais, enquanto que *itàn*, ao contrário, é muito conhecida, mas adquiriu o conceito utilizado em português para palavra "história"; assim, arriscamos a afirmar que a palavra iorubá *itàn* está aculturada. A seguir, vamos dar alguns exemplos disso.

Pierre Verger (1972: 7, apud, Braga, 1988: 27) na transcrição abaixo, relata um encontro mensal dos babalaôs. Veja que Verger usa a palavra "história" quando está referindo-se aos versos de Ifá, percebendo-se claramente embutido o conceito europeu da palavra "história" sobre a palavra "verso" (*ese*). Talvez Verger nem percebeu isso.

"Este ensino constante se faz por meio da troca mútua do saber entre os babalaôs, ao longo de numerosas reuniões em que os adivinhos se encontram para discutir consultas que lhes são feitas sobre os mais diversos casos. Eles se reúnem também cada dezesseis dias em assembleias organizadas em todas as cidades, no dia do segredo (*ojó awô*), a cada quatro semanas, sendo a semana iorubá de quatro dias. Nessas ocasiões, após uma refeição comunal, os babalaôs relatam cantando algumas histórias de Ifá. Um dos sacerdotes conta, em solo, as estórias que são retomadas, frase a frase, pelos demais adivinhos. É nesse momento que eles exibem sua erudição. Aquele que inicia o canto tenta ofuscar seus companheiros com um relato novo e desconhecido para eles, pois se trata de uma grande glória assumir o papel de mestre e escuta-los repetir docilmente, verso por verso, uma nova história. É assim que os babalaôs presentes transmitem uns aos outros a sua ciência."

Wande Abimbolá (1976: 43) referindo-se aos ese-ifá também utiliza o conceito inglês da palavra story, assim conceituando-os:

"Ese Ifá trata de todos os assuntos. Ele trata de historia, geografia, religião, musica e filosofia. Ese Ifá pode ser uma simples historia sobre um homem que está indo viajar e está querendo saber o que fazer para que a viagem tenha sucesso. Ele pode ser uma história altamente filosófica mostrando os méritos e deméritos da monogamia. Ele pode tratar da fundação de uma cidade. Não existe limite para os assuntos que ese Ifá pode tratar." (Abimbola, 1976:32, apud, Abimbola, 1965:14). [o grifo é nosso]

"Ese Ifá tem uma estrutura original que o distingue de todas as outras formas de literatura oral iorubá. Uma vez que o ese Ifá é histórico em seu conteúdo, sua estrutura é também baseada sobre a sua natureza histórica."

Juana Elbein, (1993: 149) em "Os Nagô e Morte" segue a mesma linha de pensamento de Verger e Abimbola, quando referindo-se a um extenso elésee do Odù Osetura, assim o apresenta:

"Esta é a história de Òsetúwá tal qual é revelado pelo Odù Ifá. Diz a história como Èsù chegou a transportar todas as oferendas aos pés de Olódùmarè, fazendo aceita-las, e como Èsù se tornou Òjise-ebo, o encarregado e transportador de oferendas, na terra e no òrun. Òsetúá é o oráculo que relata claramente o desenvolvimento desta história da maneira como segue. Diz ele:"

No mesmo livro, agora na página 171, Juana Elbein apresenta interessante registro etnográfico da tradição oral por ela recolhida em campo de pesquisa na Nigéria, o qual mostra a palavra Itàn no primeiro verso do elésee na própria versão original iorubá, ou seja, a língua nativa já utiliza

"história" como sinônimo de "verso":  
Odù Osetura

1. Itàan Èsù! 2. Nibi ti Èsù gbé gba àgbà  
[...]

Assim, do ponto de vista técnico, embora aculturada, a forma que utilizamos se faz correta, uma vez que o uso que fazemos da palavra *itán* dentro de um *ese* procura atender aos conceitos da diáspora dos falantes de língua portuguesa, porém, mantendo tanto quando possível a forma iorubá tradicional na sua construção poética. Desta forma, podemos afirmar que se trata de um "poema de versos livres".

[1][1] O poema *Ôrisá Didá Ayé* (Orixá criou o mundo) é composto por 396 *ese* (versos), sendo este o verso nº 1.

[2][2] Uma coletânea de versos, um poema



Por Luiz L. Marins

## Quando àṣẹ não é axé !

Luiz L. Marins  
Dezembro de 2010

Em uma conversa descontraída com um amigo iorubá de *Ijebu-Ode*, mostrei a ele um jornal voltado para o segmento da religião dos Orixás. Ele começou a folhear e de repente parou numa página que trazia a propaganda de uma casa de candomblé e começou a rir disfarçadamente. Ao olhar a página, verifiquei que estava escrito em letras grandes a seguinte frase: Ilé Àṣẹ Sàngó.

Sem me dar conta, perguntei qual era o motivo do riso, e ele, esforçando-se por falar, entre risos, disse-me que ali estava escrito, mais ou menos isto: “Casa da Menstruação de Xango”, e explicou: *àṣẹ* não é *axé*.

Posteriormente consultei os dicionários de iorubá, e verifiquei que ele tinha razão.

Devido a nossa falta de hábito com a ortografia e gramática da língua iorubá, nós, falantes nativos de português, cometemos muitos erros quando tentamos escrevê-la corretamente, e na maioria das vezes não damos importância a detalhes que, para nós são insignificantes, mas que aos olhos de um iorubá nativo, o que escrevemos não faz sentido.

Vamos relembrar alguns aspectos básicos do idioma do iorubá e os tons:

( á ) tom descendente  
( ́ ) tom ascendente  
( a ) tom médio  
( ̀̀ ) = ( ́́ ) tom duplo[1]

Vogais:  
a e ẹ i o u



Fonética em português:

a ê é i ô ó u

Consoantes

B D F G GB H J K L M N P R S s T W Y

A letra s em português tem o som de X ou CH.

Assim, uma alteração no tom da palavra, tanto falada quanto escrita, altera completamente o significado, e neste estudo vamos usar como exemplo a palavra "axé", devido às diversas formas que ela aparece escrita nos jornais distribuídos nas lojas de artigos religiosos, como também na internet.

Para elucidar melhor a questão, vamos transcrever dos dicionários de iorubá que dispomos, não apenas a palavra *àṣe*, mas também outras palavras similares que podem induzir-nos ao erro. Veremos que muitas palavras são realmente parecidas, motivo pelo qual devemos ficar atentos aos tons, pois são eles que fazem a diferença do sentido.

Entretanto, a questão maior não é nem mesmo a ortografia ioruba, mas transliteração e reinterpretação (itúùmò) para o iorubês[2], pois adaptados à fonética da língua portuguesa, muitos vocábulos são escritos da mesma forma.

Vejamos:

A Dictionary of the Yoruba Language, CMS, Ibadan, Oxford University Press, 1977 [1913]:

YORUBÀ

- *Àṣe*: festa, entretenimento.
- *Aṣe*: um tipo de animal como o esquilo.
- *Àṣe*: coador.
- *Àṣe*: porta larga.
- *Àṣe*: menstruação.
- *Àṣe*: lei, ordem, instrução, comando.
- *Àṣe*: amém.

IORUBÊS

*assê*  
*assê*  
*assé*  
*ássé*  
*axé*  
*axé*  
*ãxé*

Dictionary of Modern Yoruba, R. C. Abraham, London, Hodder and Stoughton, 1981 [1946]

YORÙBÁ

- *Àsé*: ato de estar cozinhando.
- *Àsé*: bloquear, represar.
- *Àsé*: prefixo usado na composição de palavras.
- *Ase*: coador.
- *Àsé*: (expressão) to fora!
- *Àsé*: prefixo usado na composição de palavras.
- *Ase*: idem
- *Àsé*: uma ordem, um comando, um poder.
- *Àsé*: prefixo usado na composição de palavras.
- *Àsé*: menstruação.
- *Ase*: prefixo usado em composição de palavras.
- *Àsé*: tipo de pássaro (*Macrodipteryx Longipennis*)
- *Àsé*: porta larga

IORUBÊS

- assê*
- assê*
- assê*
- assê*
- axé!*
- axé*
- axé*
- axé!*
- axé*
- axé*
- axé*
- axé*
- aaxé*

De fato, podemos constatar que meu amigo ioruba tinha razão, e como vimos, esta palavra, e mais pelo menos uma centena delas, adaptadas ao iorubês, originalmente com significados completamente diferentes, tornam-se praticamente uma, gerando enormes erros conceituais quando tentamos reinterpretar e traduzir a nossa "herança fonética africana"[3].

Existe um sem número de palavras com as quais poderíamos nos estender neste espaço, por exemplo, orum. Esta palavra é uma verdadeira armadilha para pseudo-tradutores de plantão. A primeira tentação que vem à mente, é traduzi-la por céu, entretanto, aproveitando o tema, vejamos nos dicionários de iorubá outras palavras que, em iorubês, tem a mesma fonética, e que podem nos levar a errar um itúúmó.

A Dictionary of the Yoruba Language, CMS, Ibadan, Oxford University Press, 1977 [1913]:

YORUBÁ

- Òrùn: sol
- Òrun: sono; dormir
- Òrùn: aroma, cheiro, odor
- Orun: inclinar a cabeça em reverência, laço, arco
- Òrùn: pescoço
- Òrùn: uma centena, cem
- Òrun: céu, mundo espíntu

IORUBÊS

- orum
- orum
- orum
- órum
- órum
- órum
- órum

Dictionary of Modern Yoruba, R. C. Abraham, London, Hodder and Stoughton, 1981 [1946]

- Oorun: sono
- Òòrùn: sol
- Òórùn: odor, cheiro
- Orun: céu espiritual
- Òrùn: pescoço
- Orun: reverencia, saudação, arco
- Orùn: semana ioruba de cinco dias
- Òrùń: cem, uma centena

- orum
- orum
- orum
- órum
- órum
- órum
- órum
- órum

Complementando, vejamos estas expressões que nos parecem seriam capazes de iludir até mesmo um falante nativo:

- Olórùn: aquele que tem um pescoço
- Olórun: Deus
- Olóòrun: dorminhoco
- Olóóòrùn: cheiroso (ou fedido)

- Olorum
- Olorum
- Olorum
- Olorum

Outra palavra que tem gerado muita discussão é "bara", que um certo livro- tese defende a ideia de ser o "ânimo" que dá vida e movimento ao ser humano, tese esta que não concordamos, pois contraria tudo que se escreveu até hoje sobre a Noção de Pessoa Iorubá. Apenas por curiosidade, sem entrar no âmago da questão, vejamos como esta palavra aparece nos dicionários:

Dictionary of Modern Yoruba, R. C. Abraham, London, Hodder and Stoughton, 1981 [1946]:

YORUBÁ

- Bára = melancia &gt; citrullus vulgaris.
- Bára = mausoléu real onde são enterrados os Aláááfin.
- Bára = bára-bára = correr balançando o corpo.
- Bára = encontro, reunião.
- Bárá = uma coisa podre.
- Bâará = expressão ligada ao ato de defecar.
- Báárá = o ato de estar começando algo.
- Bárá-bára = o ato de amarrar algo com firmeza.
- Bára-bára = fazer algo superficialmente

IORUBÊS

Bara  
Bara  
Bara  
Bara  
Bara  
Baara  
Baara  
Bara-bara  
Bara-bara

A Dictionary of the Yoruba Language, CMS, Ibadan, Oxford University Press, 1977 [1913]

- |                                                                |          |
|----------------------------------------------------------------|----------|
| - Bára = planta rasteira que fornece o óleo de semente egunsi. | Bara     |
| - Bara = deus do engano, o demônio, Ifá                        | Bara     |
| - Bárabára = pequena quantidade.                               | Barabara |
| - Bárabára = rapidamente, apressadamente                       | Barabara |

Assim, pelo exposto, nota-se a facilidade de cometermos erros de tradução e de conceitos, contrários ou talvez até inexistentes, em suas raízes africanas.

Outrossim, sugiro que sejam revistas todas as reinterpretações apresentadas à guisa de tradução da nossa "herança fonética africana", ou corremos o risco de reinventar a roda ao quadrado.

Axé para todos !

[1]Embora o "til" não corresponda exatamente à grafia do vocábulo.

[2]Expressão coloquial para designar uma palavra iorubá escrita em língua portuguesa, cuja ortografia não corresponde gramaticamente nem ao iorubá, nem ao português, visando apenas atender à adaptação tonal.

[3]Conjunto de canções, hinos e orações, sacras ou profanas, conservadas em dialeto de matriz africana em forma de tradição oral, transmitidas de uma geração à outra.





### ***Àșe do Èkomi para o Lode ou o Pàdè do Bará feito pelo fundamento Nàgó'Kòbì!***

O *Èkomi*[i] (*Èko*) do *Lode* é o principal ritual que antecede uma obrigação grande, o assunto desta matéria é demonstrar a sua importância para o culto, infelizmente para alguns templos este ritual não tem mais ocorrido. O *Èkomi* consiste em *Omi*[ii], *Epo Pupa*[iii] e *Gbaguda*[iv] preparado e produzido no início da obrigação com a intenção de proteger a feitura de todos os malefícios e feitiços que por ventura soprem em cima do templo. O ritual para despachar o *Èkomi* é feito de regra às portas fechadas, com poucos convidados e algumas divindades da *Ilé* presentes, caso cheguem durante as rezas. Normalmente o ritual para despachar o do *Èkomi* decorre um dia antes do toque da festa grande, através do som do *Ilú*[v] os *Alagbes*, mais alguns filhos da casa e os *Èlégún* de cavalos de santos[vi] que possuam determinado grau espiritual no templo participam.

O *Bara* é o *Òrìṣà* conhecido como o senhor dos caminhos, ele é responsável pelo intercâmbio entre o homem e o divino, circulando livremente entre os reinos de cada *Òrìṣà* concedendo favores entre eles e interagindo entre as divindades, no ritual *Nàgó'Kòbì* louvamos o *Bara Lode*[vii] que encontra-se na entrada do templo, o *Legba*[viii] e sua companheira, a *Zina*, que geralmente ficam na frente dos domínios do terreiro separados das demais divindades, porém já vi estas duas divindades até mesmo com o *Lode* ou nos fundos da casa, vai do costume de cada família. Além do *Bará Lode* poderemos encontrar o *Bará* do *Irúnmole*, sento para acompanhar a obrigação de cada *Èlégún*. É tradição dar as primeiras oferendas para os *Bará*, além de ser um dos primeiros a comer, até mesmo antes do *Òrìṣà* dono(a) da *Ilé*, muitas seguranças e trabalhos são feitos para esta divindade proteger o templo dos males espirituais.

Para executar o ritual do *Èkomi* os presentes que não estão tomados pelas divindades ficam virados para as paredes, pois não devem olhar o descarrego do *Èkomi*, apenas os mais velhos e mais antigos do templo possuem permissão para ajudar mantendo o rosto voltado para o centro da obrigação, mesmo assim é a minoria, pois estes rituais poucos podem ajudar. Raro momento em que se acredita que o *Legba* possui permissão para entrar no salão e puxar todo o carrego, feitiço, danos e destruição para levar embora. Por isso é proibido vira-se evitando assim olhar de frente para o *Legba*, impedindo que ele possa trazer males e ou prejudique os presentes.

Separam-se as divindades de *Epo pupa* que irão para a rua acompanhando o *Èkomi* azedo (*dendê*) e as divindades do *Oyin* (mel) que ficarão na *Ilé* oferecendo segurança ao ritual com sua presença. Dá-se início ao ritual do *Èkomi* com cânticos de louvação ao *Òrìṣà Bara*.

*Alagbe - Êşù Olóde!*  
*Coro - Êşù, Êşù Obara lãna*  
*Alagbe - Mojúbá Êşù!*  
*Coro - Bara !*  
*Alagbe - Lóde Êşù!*  
*Coro - Bara!*  
*Alagbe - Lãna Êşù!*  
*Coro - Bara!*

*Versão OmObátálá*

*Alagbe - Exu o Lodê*  
*Coro: Exu ecuo bará lanã*  
*Alagbe - Bará Exu*  
*Coro: Bará*  
*Alagbe - Lodê Exu*  
*Coro: Bará*  
*Alagbe - Lanã Exu*  
*Coro Bara*

*Versão Jorge Verardi*

### **Resenha**

*Êşù* é o senhor das ruas e o rei do cruzeiro que abre os caminhos, aquele que transita entre os mundo livremente. Reverenciamos *Êşù*, abrindo nossos caminhos e nos protegendo. *Êşù* nos protege e nos guarda. A princípio o templo saúda o *Orisá Bara*, exalta a sua posição e importância para o culto definindo a sua função. Digamos que para qualquer caminho que tenhamos que buscar, para vencer, qualquer um terá que passar pelos caminhos do *Bará*.

Neste momento o *Baba-kékeré[ix]* da *Ilé* ou a *lyá-kékeré[x]* deposita no centro do barracão o a vasilha do *Êkomi* do *Bara* do *irúnmole* contendo *Omi* e *Epo pupa*, *Gbaguda* mais o *Êkomi* do sangue dos bichos derrubados para o *Bara*, a quartinha do *Bara* e a *Ajeum T'Bará[xi]*, ali os *Orisá* presentes fecham a roda começam a dançar circulando o *Êkomi* acompanhando as cantigas.

Cada elemento usado neste ritual possui grande poder e energia vital, coligado à divindade *Bara*, observe o porque o uso de cada elemento;

**Êkomi do Lóde** - *Omi*, *Epo pupa* e *Gbaguda* – preparado com finalidade de puxar os carregos, feitiços ou malefícios que possam prejudicar a obrigação ou a *Ilé*, sendo que o *Epo pupa* é um óleo do reino vegetal com poder de movimentar o fogo e com propriedades quentes; A *Gbaguda* veio da terra e transformou-se num elemento que a maioria das divindades de frente recebem em seu *Ajeum*, podemos moldar formas e integrar na maioria dos pratos dos *Orisá* de guerra, por isso a *Gbaguda* é um elemento que representa fartura e comunga com as demais divindades, caso seja necessário travar uma guerra com as divindades para defender a *Ilé* e a obrigação.

**Èkomi de sangue** – segura o carregamento e elementos negativos como *Egun* que possam danificar a obrigação que estará finalizando no toque grande. Provavelmente também usado para despachar algum elemento negativo que tenha ficado dos quatro pés ou aves que foram sacrificadas, levando em consideração que o reino animal também possui elementos negativos, desta forma descarregamos os *Egun* e danos que poderiam ter caído no templo e o *Èkomi* seguiu.

**Quartinha do Bara** - vasilha em forma de jarro moldada do barro, representa o *Ara-aiye* do *Bara*, como não podemos movimentar o *Otá* do *Bara* para a rua, levamos a quartinha representando a própria divindade. No seu interior temos a água, líquido neutro que transporta o elemento vida, comum e usado em qualquer quartinha, o ato de despachar a água da quartinha possui várias finalidades, uma delas é carregar o *Bara* para a rua e outra é molhar a terra com a sua água preparando a terra para receber o *Èkomi*. Ao molhar a terra naturalmente a água irá evaporar e levar os pedidos e ao mesmo tempo eliminar os elementos negativos contidos no ritual.

**Ajeum T'Bara** – sete *Solanum tuberosum* (batatinhas miudas) assadas – simbolizando a esperteza do *Bara* relatada num *itan* de *Ifá* que ele engana o rei e vence uma aposta. Milho de galinha torrado – o milho possui as propriedades favoráveis para o corpo, especialmente para a saúde, e ao mesmo tempo é um elemento que cresce e prospera na terra, por isso muito bom para representar prosperidade e dinheiro -. E finalmente a pipoca, qualquer orixá pode receber pipoca, quem sabe por que é um produto que cresce ao fogo, não exige muito para que ela possa ser consumida e é muito usada para limpeza ou clareza.

*Alagbe - A má a sêre onifa Èsù abánà dá, a máa sêre onifa Èsù abánà dá*  
*Coro - A máa sêre onifa Èsù abánà dá, a máa sêre onifa Èsù abánà dá*

*Versão OmObátáíá*

*Alagbe - Amachere onibá Exu abanada amachere onibá Exu abanada.*  
*Coro - Amachere onibá Exu abanada amachere onibá Exu abanda.*

*Versão Jorge Verardi*

Aqui os *Òrìṣà* tomam a quartinha do *Bara* e cada um borrija uma vez a água dela em cima dos *Èkomi* e *Ajeum t'Bara* depositados no meio do barracão. Neste ato as divindades descarregam os elementos negativos lhe pertencem em cima daquele *Àṣe*, eliminando o carregado, o *ewó* e *Egun* que ali poderiam estar presentes ou foram carregados. Assim passando de mão em mão até finalizar o círculo formado pelas divindades.

Não é comum os *Elegún* participarem deste procedimento, porém pode auxiliar os *Òrìṣà* durante o ritual.

*Alagbe - Á là lùpa o!*

coro - *Á là lùpa sé máa!*

*Alagbe - o só só ni pa dó*

coro - *Gán gán gán só ni pa dó*

*Alagbe - Àkó rò só ni pa dó*

coro - *Gán gán gán só ni pa dó*

*Alagbe - Bara ni Èkomi só ni pa dó*

coro - *Gán gán gán só ni pa dó*

*Alagbe - Ògún méje méje*

coro - *Ara Ògún méje n' ire o*

*Alagbe - Ara Ògún méje*

coro - *Ara Ògún á nire*

*Alagbe - Ògún bé wó a yin pára Ògún ajo,*

*Ògún bé wó a yin pára Ògún ajo, Ògún bá*  
*ga*

coro - *Ádé wa rà wàrawàrà ádé wá ra*

*Alagbe - Alupao*

Coro - *Alupagema*

*Alagbe - Choni choni choni padô*

Coro - *Gam, gam, gam, gam, choni padô*

*Alagbe - Choni choni choni padô*

Coro - *Gam, gam, gam, gam, choni padô*

*Alagbe - Mege Mege*

Coro - *Acará medíeo*

*Alagbe - Mege Mege*

Coro - *Acará medíeo*

*Alagbe - Ara Ogum mege*

Coro - *Ara Ogum Onira*

*Alagbe - Ogum abéo Ogum anicéo Ogum anicéo Ogum*

Coro - *Ogum abéo Ogum anicéo Ogum anicéo Ogum*

Versão OmObátálá

Versão Jorge Verardi

Neste momento os *Òrìṣà* começam a voltar para dentro da *Ilê*, e se unem aos santos de mel que ficaram no salão. E vão desvirando os presentes, sendo que as *Òrìṣà Iyá* vão passando a barra das saias nos *Elegún* como se tivesse limpando dos males que ainda por ventura ficaram na *ilê*. O ritual em si necessita destes elementos para que possa ser executado, apesar do teor sério e muito carregado, ao final todos estão leves e o templo com uma energia muito boa.

Aqui os *Òrìṣà* tomam a quartinha do *Bara* e cada um borrija uma vez a água dela em cima dos *Èkomi* e *Ajeum t'Bara* depositados no meio do barracão. Neste ato as divindades descarregam os elementos negativos lhe pertencem em cima daquele *Àṣe*, eliminando o carrego, o *ewó* e *Egun* que ali poderiam estar presentes ou foram carregados. Assim passando de mão em mão até finalizar o círculo formado pelas divindades.

Não é comum os *Elegún* participarem deste procedimento, porem pode auxiliar os *Òrìṣà* durante o ritual.

Alagbe - Èṣù adé mi sè sè mi re  
Coro - Bàrà adé mi sè sè mi re  
Alagbe - Èṣù adé mi sè sè mi Bàrà  
Coro - Bàrà adé mi se se mi re  
Alagbe - Èṣù já lánà fun wa  
Coro - Èṣù já lánà fun Ma lè  
Alagbe - Èṣù já lánà fun wa  
Coro - Èṣù já lánà fun Ma lè  
Alagbe - Lánà Èṣù mérin  
Coro - Èṣù bẹri, Èṣù mérin lánà

Versão OmObátáíá

Alagbe - Exu ademi chechemiré  
Coro - Exu ademi chechemiré  
Alagbe - Exu ademi chechemibará  
Coro - Exu ademi chechemiré  
Alagbe - Exu jalana fuá  
Coro - Exu jalana fumulé  
Alagbe - Exu jalana fuá  
Coro - Exu jalana fumulé  
Alagbe - Bará Exu berim  
Coro - Exu berim Exu berim ianã

Versão Jorge Verardi

Ao final do processo o *Baba-kékeré* e a *Ìyá-kékeré* pegam as vasilhas e entregam para algum *Òrìṣà* do *Epo pupa*, deixando alguns livres para pegarem o *Èkomi* do *Lóde*, partindo todos para a encruzilhada mais próxima da *Ilê* para despachar o descarrego, nesta encruzilhada aberta coloca-se primeiro a *Ajeum T'Bara*, logo após o *Èkomi* em cima da *Ajeum T'Bara* e despacha a água da quartinha fechando a encruzilhada. Separando o *Lóde* do *Bara* que fica no centro da encruzilhada do *Bara* do *Irúnmole* que despacha num dos cantos da encruzilhada, mas esta sequencia permanecerá entre nossa família, nem tudo tem como ser revelado. Por mais estranho que pareça ver uma divindade sair à rua carregando um *Èkomi* é natural para nós afinal, estas divindades estão no seu meio ambiente e campo de atuação, mais serenos do que presos em quatro paredes. Como descarrego do *Èkomi* chega ser perigoso até mesmo para os iniciados que possui um grau elevado, esta função é destinada a algumas divindades que o fazem sem problema algum.



O *Êkomi* é um ritual de grande responsabilidade e energia, algumas casas nem usam mais este procedimento, não sei ao certo porque foram deixando de acontecer, porém no nosso templo ainda mantemos este procedimento que é muito funcional e importante. Acredito que o ritual do *Êkomi* veio com os negros e foi mantido para segurança das casas que no início da sua estruturação tinham mais facilidade para encontrar encruzilhadas e cultuar os *Orisá* em contato com a natureza.

Outra forma mais simplificada porém eficiente com o mesmo propósito é acontecer o ritual do *Êkomi* no dia da festa grande, depois dos cortes da feitura, propriamente executado durante o toque da festa grande. Logo depois da reza do *Xapanã* antes da roda de Igbeji que geralmente é substituída pela mesa de *Igbeji* tradicional que ocorre antes do toque...

[i] *Êkomi* – preparado que leva água e alguns elementos ritualísticos que possuem diversas finalidades, usadas na proteção dos templos, seguranças durante os rituais dos *Orisá* ou *Egungun*.

[ii] *Omi* - água

[iii] *Epo pupa* – azeite de dendê

[iv] *Gbaguda* - farinha de mandioca

[v] *Ilú* - tambor de duas faces usado pelos Nagô

[vi] *Bara Lóde* – O assentamento do *Bara Lóde* fica na porta do templo, seu nome já diz o que mora fora do templo, àquele que fica do lado de fora distante dos *Orisá* do *Yara-bo*.

[vii] *Legba* - O *Legba* guardião dos templos, das aldeias e casas particulares, e sua esposa, segundo os fon seja *Awovi* (cujo nome significa "filha do engano" e representa os acidentes), e *Ayizan* também são consideradas ora esposas, ora mães de *Legba*.

[ix] *Baba-kékeré* – Pai pequeno da casa.

[x] *Iyá-kékeré* – mãe pequena da casa.

[xi] *Ajeum TBara* – Uma oferenda comum oferecida para ele durante o ritual de feitura.

Por Erick Wolff8

Agradecimento - Luiz Marins

## O poema *Orí Nikàn*: o culto de *Orí* como *Òrìsà* individual.

Luiz L. Marins  
29/12/2010

De todos os poemas de *Ifá* relativos aos *Òrìsà* que coletamos, queremos destacar o *léselése*<sup>1</sup> *Orí nikàn* (*Orí* é o único), pois nenhum foi tão significativo para os iorubas que moram do outro lado do Atlântico, e ao mesmo tempo tão revolucionário para nós, afro-brasileiros do lado de cá desta “nação transatlântica”.

Assim como todos os segmentos das religiões afro-brasileiras, o batuque do Rio Grande do Sul também foi formado e adaptado no Brasil a partir das matrizes das religiões tradicionais africanas; entretanto, algumas dessas adaptações conflitam diretamente com os conceitos originais, pois ocorreram perdas filosóficas e conceituais muito mais significativas e importantes do que o esquecimento da língua matriz, e um dos importantes conceitos perdidos é o conceito de *Orí* como *Òrìsà* individual “desatrelado” do conceito de *Òrìsà* coletivo. Sobre isso, vejamos o que diz *Abimbola* (1975, pg. 114-6):

“[...] Os iorubas reconhecem *Orí* como um dos deuses de seu panteão. De fato, num certo sentido, *Orí* pode ser considerado como o deus mais importante sobre todos os outros, [exceto *Olódùmarè*]. O *Orí* de todo ser humano é reconhecido como seu deus pessoal, do qual espera-se que seja o mais preocupado com seus interesses, muito mais que os outros deuses que são considerados como pertencentes a todos. Como um deus, *Orí* é cultuado e propiciado pelos iorubas, [e] os deuses, eles mesmos tem seu próprio *Orí* dirigindo seus afazeres diários da vida. Assim como os humanos, os deuses conhecem os desejos de seu *Orí* através da consulta de *Ifá*; [e] *Òrúnmìlà*, ele próprio, consulta seus instrumentos divinatórios para conhecer os desejos de seu *Orí* [...].

[...] Neste tema sobre *Orí* podemos encontrar mitos que explicam o processo de seleção de *Orí* no *òrun* para o sucesso ou falência individual na terra. Estes mitos também enfatizam o ponto que *Orí* é maior que qualquer outro deus e que cada pessoa deveria levar todos os seus problemas primeiro para seu *Orí* [...].

1 - Poema. Literalmente, “uma lista de ...”, no caso, de versos. (CMS, 2001, pg. 153).

Indo de encontro com esta fala de *Abimbola*, vamos mostrar agora um ese *Ifá* do odù *Êtaògùndá*, recitado pelo *Bàbálórìṣà Salako* de *Oyo* e publicado por *Bascom*, (1993, pg. 451):

*Yemoja* faz ebò a *Orí* para ter filhos<sup>2</sup>

1. Quando sacrificamos *ìgbín* (caracol)
2. Nós não encontramos *éṣón* (vermelhão)
3. *Ode* *ògòngò* precisa ter sempre *omi*
4. Jogo para *Yemoja Omígbadé Àdúfẹ́*
5. Filha de *Ajẹ'gòngò*
6. *Yemoja* disse:
7. "O que posso fazer para ter muitos filhos?"
8. Eles disseram que ela deveria fazer uma oferenda
9. O que ela deveria oferecer?
10. 26.000 búzios
11. 1 *aso funfun* (pano branco)
12. *Omi tútù lópólópó* (muita água fria)<sup>3</sup>
13. *ìgbín lópólópó* (muitos caracóis)
14. *Ògòngò lópólópó* (muitas larvas de palmeira)
15. Eles disseram que ela deveria oferecer tudo para seu *Orí*
16. Ela deveria que ela deveria pegar um pote de água fria
17. Colocar dezesseis *ògòngò* com dezesseis *ìgbín* dentro
18. E beber dessa água todos os dias
19. *Yemoja* ouviu, ela fez o sacrifício.
20. Depois que ela fez as oferendas
21. Ela começou a ter filhos,
22. E seus filhos foram numerosos
23. Ela deu nascimento a *Dáda*
24. Ela deu nascimento a *Sàngó*
25. Ela deu nascimento a *Egúngún*

2 - A versão e adaptação do texto são nossas.

3 - Advérbio quantitativo (CMS, 2001, pg. 155).

26. Ela estava louvando os *awo*
27. E os *awo* estavam louvando *Òrìsà*
28. Eles estavam cantando:
29. "A *pá'gbín*"
30. "Nwón ò k' *épón*"
31. "Nós sacrificamos *ìgbín* (caracol)"
32. "Não encontramos *épón* (vermelhão)"
33. Jogo para *Yemoja Òmigbadé Ádúfè*
34. Filha de *Ajé'gòngò*
35. *Òrìsà* diz: *ire omo!*
36. *Òrìsà* diz assim.

Em seguida vamos ver o *ese Ifá Orí Nikán*, coletado em pesquisa de campo e publicado por *Abimbola* (1976, pg. 158), com edição da Unesco. O informante deste e outros poemas do livro, é o *Alawonifa Animasaun Oyedele Isoja*, 48 anos, *babaláwo*, *Ile Beesin*, *Pakoyi*, *Oyo*, entre 1963 e 1970, método de pesquisa: gravação e escrita, local da coleta: *Baási* e *Òrìsà* campus, *Oyo*.

#### ÒGÙNDÀ-MÉJÍ<sup>4</sup>

Orí Nikán (Orí é o único)<sup>5</sup>

1. "Quando entramos no quarto sagrado"
2. "Abaixamos a cabeça na porta"
3. *Ápejo Òrìsà, Ápejo Ifá*<sup>6</sup>
4. Ifá colocou a seguinte questão:
5. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Énia* numa longa viagem sem retornar?
6. *Sàngó* disse que ele poderia.
7. Foi perguntado a ele:

1 - Um dos dezesseis principais signos divinatórios de Ifá.

2 - A versão e adaptação do texto são nossas, como também o título dado, que foi tomado por empréstimo de um dos versos finais do próprio poema, na sua versão em iorubá.

3 - "Reunião de Onxá, reunião de Ifá". Inserimos este verso para melhor adequação do contexto, sem prejuízo do conceito do tema.

8. "O que você faria?"
9. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"
10. "Você chegasse em *Kôso*, seu *idilé*, e eles te preparassem:"
11. 1 *ágbo* (carneiro)
12. 2 *ákúkó* (galo)
13. *Gbégirí lópólópó* (um tipo de sopa de feijão)
14. *Oká lópólópó* (pudim de farinha de inhame)
15. *Órógbó lópólópó* (noz de cola amarga)
16. *Sángó* respondeu:
17. "Depois que comer até ficar satisfeito"
18. "Eu retornaria para minha casa"
19. Foi dito para *Sángó*
20. Que ele não poderia acompanhar *Énia* numa longa viagem sem retornar.
21. *Àpejo Òrísá*, *Àpejo Ifá*
22. *Ifá* colocou a seguinte questão:
23. Quem entre os *Òrísá* pode acompanhar *Énia* numa longa viagem sem retornar?
24. *Oya* disse que ela poderia.
25. Foi perguntado a ela:
26. "O que você faria?"
27. "Se após você tiver caminhado um longo tempo"
28. "Você chegasse em *Irá*, seu *idilé*, e eles te preparassem:"
29. 1 *ewúre* (cabra)
30. 2 *ágbébo* (galinha)
31. 1 *ikókó égbó* (1 pote de milho cozido)
32. *Oya* respondeu:
33. "Depois que comer até ficar satisfeita"
34. "Eu retornaria para minha casa"
35. Foi dito para *Oya*
36. Que ela não poderia acompanhar *Énia* por uma longa viagem sem retornar
37. *Àpejo Òrísá*, *Àpejo Ifá*
38. *Ifá* colocou a seguinte questão:



39. Quem entre os *Orisà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?  
40. *Óòsàálá* disse que ele poderia.  
41. Foi perguntado a ele:  
42. "O que você faria?"  
43. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"  
44. "Você chegasse em *Ifón*, seu *idilé*, e eles te preparassem:"  
45. 1 *ewuré* (cabra)  
46. 2 *ágbébò* (galinha)  
47. *ígba igbín* (duzentos caracóis)  
48. 2 *eyilé* (pombo)  
49. *Ègbo lópólópó* (milho branco cozido)  
50. *Óòsàálá* respondeu:  
51. "Depois que comer até ficar satisfeito"  
52. "Eu retornaria para minha casa"  
53. Foi dito para *Óòsàálá*  
54. Que ele não poderia acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar.  
55. *Àpejo Orisà, Àpejo Ifá*  
56. *Ifá* colocou a seguinte questão:  
57. Quem entre os *Orisà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?  
58. *Èsù* disse que ele poderia.  
59. Foi perguntado a ele:  
60. "O que você faria?"  
61. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"  
62. "Você chegasse em *Kétu*, seu *idilé*, e eles te preparassem:"  
63. 1 *obúko* (cabrito)  
64. 2 *ákúko adie* (galo)  
65. *Epo pupa lópólópó* (azeite de dende)  
66. *Èsù* respondeu:  
67. "Depois que comer até ficar satisfeito"  
68. "Eu retornaria para minha casa"  
69. Foi dito para *Èsù*

70. Que ele não poderia acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar.  
71. *Àpejo Orisà, Àpejo Ifá*  
72. *Ifá* colocou a seguinte questão:  
73. Quem entre os *Orisà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?  
74. *Ògún* disse que ele poderia.  
75. Foi perguntado a ele:  
76. "O que você faria?"  
77. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"  
78. "Você chegasse em *Iré*, seu *idilé*, e eles te preparassem:"  
79. 1 *ajá* (cachorro)  
80. 2 *ákúkò* (galo)  
81. *Èwá dín lópòlópò* (feijão frito)  
82. *Òtí-bábá lópòlópò* (cerveja de milho)  
83. *Èpo pupa* (azeite de dende)  
84. *Ògún* respondeu:  
85. "Depois que comer até ficar satisfeito"  
86. "Eu retornaria para minha casa"  
87. Foi dito para *Ògún*  
88. Que ele não poderia acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar.  
89. *Àpejo Orisà, Àpejo Ifá*  
90. *Ifá* colocou a seguinte questão:  
91. Quem entre os *Orisà* pode acompanhar *Ènia* numa longa viagem sem retornar?  
92. *Òsun* disse que ela poderia.  
93. Foi perguntado a ela:  
94. "O que você faria?"  
95. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"  
96. "Você chegasse em *Ijumu*, seu *idilé*, e eles te preparassem:"  
97. 1 *ewùre* (cabra)  
98. 2 *àgbébò* (galinha)  
99. *Èkò lópòlópò* (pudim de farinha de milho)  
100. *Yánrin lópòlópò* (língua-de-vaca)

101. Sékété lópólópó (cerveja de milho)
102. Oyin lópólópó (mel)
103. Osun respondeu:
104. "Depois que comer até ficar satisfeita"
105. "Eu retornaria para minha casa"
106. Foi dito para Osun
107. Que ele não poderia acompanhar Enia numa longa viagem sem retornar.
108. Apejo Orisá, Apejo Ifá
109. Ifá colocou a seguinte questão:
110. Quem entre os Orisá pode acompanhar Enia numa longa viagem sem retornar?
111. Orúnmilá disse que ele poderia.
112. Foi perguntado a ele:
113. "O que você faria?"
114. "Se após tiver caminhado por um longo tempo"
115. "Você chegasse em Igétí, seu idilé, e eles te preparassem."
116. 2 ewúre (cabra)
117. 2 ágbébó (galinha)
118. 2 eku (rato do mato)
119. 2 eja (peixe)
120. Oká lópólópó (pudim de farinha de inhame)
121. Ata lópólópó (pimenta)
122. Sékété lópólópó (cerveja de milho)
123. Orúnmilá respondeu:
124. "Depois que comer até ficar satisfeito"
125. "Eu retornaria para minha casa"
126. Foi dito para Orúnmilá
127. Que ele não poderia acompanhar Enia numa longa viagem sem retornar.
128. Todos ficaram confusos, eles se calaram.
129. Eles não puderam dizer uma só palavra
130. Porque eles não entenderam a palavra
131. Um a um, eles estavam dizendo:

132. "Órúnmílà mo jéwó òbùn"
133. "Wáá dásó ró mi"
134. "Órúnmílà, iwo laráa 'wájú"
135. "Èmi lèrò èyin"
136. "Se bí iwo ló ó k'ómo lóràn bí iyekan omo"
137. "Èmi lèrò èyin"
138. "Órúnmílà, eu confesso minha ignorância"
139. "Por favor, cubra-me com sua sabedoria"
140. "Órúnmílà, você é o líder".
141. "Eu sou seu seguidor"
142. "Você é o instruído que ensina coisas sabedoria para seus filhos"
143. "Eu sou seu seguidor"
144. Àpejo Òrìsà, Àpejo Ifá
145. Ifá colocou a seguinte questão:
146. Quem entre os Òrìsà pode acompanhar Ènia numa longa viagem sem retornar?
147. Ifá disse: é Orí!
148. "Orí é o único que pode acompanhar Ènia numa longa viagem sem retornar".
149. Órúnmílà disse:
150. "Quando um sacerdote de Ifá morre"
151. "Dizem que seus instrumentos divinatórios devem ser jogados num buraco"
152. "Quando um omo-Sàngó morre"
153. "Dizem que suas ferramentas deveriam ser jogadas fora"
154. "Quando um omo-Òsàálá morre"
155. "Dizem que seus instrumentos devem ser enterrados com ele"
156. "Mas, o Orí de Ènia nunca é separado dele durante o isinkú".
157. Eles tinham agora entendido a mensagem de Ifá
158. Eles estavam alegres, eles estavam cantando:
159. "Bí mo bá lówó lówó"
160. "Orí ni n ó rò fún"
161. "Orí mi, iwo ni"
162. "Bí mo bá bímo láyé"

163. "Orí ni ó rò fún"
164. "Orí mi, iwo ní"
165. "Ire gbogbo tí mo bá ni láyè"
166. "Orí ni ó rò fún"
167. "Orí mi, iwo ní"
168. "Orí pèlè"
169. "Atètè níran"
170. "Atètè gbe'ni k'òòsà"
171. "Kò s'òòsà tí í dá'ni í gbè"
172. "Léyìn Orí eni"
173. "Orí, pèlè"
174. "Orí àbìyè"
175. "Eni Orí bá gbẹ̀boò ré"
176. "K'ó yò sèsè"
177. "Se eu tenho dinheiro"
178. "É a Orí a quem eu devo louvar"
179. "Se eu tenho filhos na terra"
180. "É a Orí a quem eu devo louvar"
181. "Meu Orí, é você que eu louvo"
182. "Todas as coisas boas que eu tenho na vida"
183. "É a Orí quem eu devo louvar"
184. "Meu Orí, é você que eu louvo"
185. "É Orí aquele que eu sempre louvarei"
186. "Meu Orí, é você que eu louvo"
187. "Eu te saúdo"
188. "Você é aquele que não esquece Ènia"
189. "Que abençoa Ènia mais que qualquer outro Órísà"
190. "Nenhum Órísà abençoa um homem"
191. "Sem o consentimento de seu Orí"
192. "Orí, eu te saúdo"
193. "A pessoa que fez eborí"



194. "Aceito pelo seu *Orí*"
195. "Receberá muitas alegrias"
196. *Àpejo Òrìsà, Àpejo Ifá*
197. *Ifá* colocou a seguinte questão:
198. Quem entre os *Òrìsà* pode acompanhar *Ènìá* numa longa viagem sem retornar?
199. *Ifá* disse: é *Orí*!
200. *Orí* é o único que pode acompanhar *Ènìá* numa longa viagem sem retornar.
201. *Ifá* diz assim.

A beleza deste poema dispensa explicações. Ele mostra-nos que o culto de *Orí*, por ser particular, é completamente separado do culto de *Òrìsà*, que é coletivo, sendo que um iniciado em *Òrìsà* não deve misturar os dois ritos.

### O Borí dos Orixás no ritual do Batuque do RS.<sup>7</sup>

Buscando estudos na direção da reafirmação, coletamos de alguns sites, que vamos nos abster de informar para preservar a pessoa pública do sacerdote, algumas informações sobre o borí do batuque do RS., como segue:

"[...] O Aribóbó é a obrigação realizada com um casal de pombos pertencentes ao Orixá. Nesta obrigação não é feita nenhum tipo de assentamento, visto que se trata de um reforço ou até mesmo um Axé desaúde [...]"

"[...] O Babalorixá faz as marcações no corpo do filho da mesma forma que foi feita no aribóbó, com a diferença de serem sacrificados além de pombos, galos ou galinhas, de acordo com o orixá dono da cabeça do filho-de-santo [...]"

7 - Este subtítulo é propositalmente provocativo, na intenção de gerar um estudo de reafirmação do tema.

"[...] Borí de Aves: quando são sacrificados galos ou galinhas da cor pertencente ao orixá de cabeça e para o orixá que rege o corpo da pessoa [...]".

"[...] Borí de Quatro-Pés: considerado como apronte de cabeça, principalmente quando junto ao Borí ocorre o assentamento do Orixá de cabeça do filho-de-santo. Ocasião onde se consagra não somente o Borí, mas também os objetos místicos: as ferramentas e o ocutá onde será fixado o orixá e a guia delegum, guia com vários fios de contas que variam em número e cor de acordo com o axé do orixá. É sacrificado um animal de quatro patas de acordo com o orixá do indivíduo [...]".

"[...] Para alguns, a principal obrigação do Batuque. Nesta obrigação, após jogada e confirmada nos Búzios a cabeça e passagens (corpo, pernas, etc) do filho será sacrificado sobre sua cabeça a ave(galo ou galinha e pombo ou pomba) específica de seu Orixá, no seu corpo outra ave correspondendo ao Orixá que cuidará desta passagem. Nesta obrigação o filho-de-santo estreita sua relação com o Orixá."

Como vimos, na contramão dos conceitos filosóficos dos iorubas, temos hoje publicado na internet (um grande veículo de comunicação de massa, formadora de opinião) textos sobre o borí praticado no culto dos *Orisá* no batuque do RS, onde o conceito de *Ori* é justamente o oposto da filosofia e religião tradicional ioruba. Esta prática seria o que chamamos de "borí de santo", onde os conceitos e liturgias do borí estão fundamentados no *Orisá*, e não no *Ori*.

Quando e como estes rituais de borí do batuque foram transformados não só liturgicamente, como principalmente filosoficamente, não sabemos precisar. Temos duas hipóteses que precisariam ser estudadas: a) ou estes fundamentos de borí não foram inseridos por sacerdotes iorubas b) ou o rito foi alterado por sacerdotes da 2ª e 3ª geração após a fundamentação do batuque por desconhecimento filosofia do borí tradicional, talvez até por não conhecer o idioma, visando facilitar a forma e o custo.

## Conclusão

Vimos que, de acordo com o *Ifá*, *Orí* é um orixá individual, e no conceito ioruba seu significado vai muito além do que simplesmente “cabeça física”. O estudo de *Orí* está obrigatoriamente atrelado ao estudo na Noção de Pessoa Ioruba.<sup>8</sup>

Em *Orí* está embutido o conceito de *ipin-odú* (destino), *idilé* (clã), *èmi* (espírito eterno) *enikeji* (duplo espiritual), *okán* (individualidade), *iwa* (caráter), *ipilésé* (origem) *egbé-òrun* (família espiritual), etc. O *Ifá* na prática é um culto de *Orí*, pois está voltado ao bom cumprimento do destino escolhido, e nesse contexto, *Ifá* coloca o *Orisá* a serviço de *Orí*.

Entretanto, o mesmo não ocorre não ocorre com as religiões afro-brasileiras que fazem o oposto, isto é, colocam o *Orí* a serviço do *Orisá*, vindo a culminar com uma completa inversão de conceitos no rito do bori no batuque do Rio Grande do Sul, conforme vimos.

Minha sugestão é para que, de mãos dadas, pesquisadores e sacerdotes promovam uma revisão crítica do rito e da filosofia do ritual de bori na religião dos orixás no batuque, mas que seja feita com o espírito, a mente, e o coração, abertos para o outro lado da nossa “nação transatlântica”, o lado tradicional ioruba.

## Bibliografia

ABIMBOLA, Wande – Sixteen Greats Poems of Ifa, Lagos, Unesco, 1976.  
BASCOM, William – Sixteen Cowries, yoruba divination from Africa to the New World, Indiana, USA, Indiana University Press, 1993.  
CMS – A Dictionary of the Yoruba Language, Ibadan, University Press, 2001

Grupo Orixás  
<http://www.orixa.rg3.net>

8 - Ver “Imortalidade Ioruba”, de Aulo Barretti Filho, com diagramação de Luiz L. Manns, em: [www.egbe.rg3.net](http://www.egbe.rg3.net)



